

FLÁVIA SLOMPO PINTO

A loucura da cruz:
sobre corpos e palavras na Toca de Assis

Campinas
Março de 2012

Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

FLÁVIA SLOMPO PINTO

A loucura da cruz:
sobre corpos e palavras na Toca de Assis

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, como parte de requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientador: Ronaldo Rômulo Machado de Almeida

Este exemplar corresponde à
redação final da Tese/ e ou
Dissertação defendida e
aprovada pela Comissão
Julgadora no dia 12/03/2012.

Campinas
Março de 2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR
SANDRA APARECIDA PEREIRA-CRB8/7432 - BIBLIOTECA DO IFCH
UNICAMP

P658L Pinto, Flávia Slompo, 1986-
A loucura da cruz : sobre corpos e palavras na Toca de Assis / Flávia Slompo Pinto. -- Campinas, SP : [s.n.], 2012

Orientador: Ronaldo Rômulo Machado de Almeida
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Igreja Católica. 2. Vida cristã - Narrativas pessoais.
3. Mito. 4. Experiência (Religião). I. Almeida, Ronaldo Rômulo Machado de, 1966-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em Inglês: The lunacy of the cross : about bodies and words on Toca de Assis

Palavras-chave em inglês:

Catholic Church

Christian life - Personal narratives

Myth

Experience (Religion)

Área de concentração: Antropologia Social

Titulação: Mestre em Antropologia Social

Banca examinadora:

Ronaldo Rômulo Machado de Almeida [Orientador]

Marcelo Ayres Camurça Lima

Maria Suely Kofes

Data da defesa: 12-03-2012

Programa de Pós-Graduação: Antropologia Social

FLÁVIA SLOMPO PINTO

A LOUCURA DA CRUZ: SOBRE CORPOS E PALAVRAS NA TOCA DE ASSIS


Dissertação apresentada ao Departamento de Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social sob orientação do Prof. Dr. Ronaldo Rômulo Machado de Almeida.

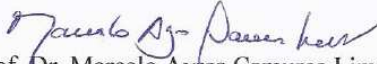
Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 12/03/2012.

COMISSÃO JULGADORA:

Titulares:


Prof. Dr. Ronaldo Rômulo Machado de Almeida (Presidente) - (IFCH)-UNICAMP


Prof. Dra. Maria Suely Kofes (IFCH-UNICAMP)


Prof. Dr. Marcelo Ayres Camurça Lima (ICH-UFJF)

Suplentes

Prof. Dra. Amnéris Ângela Maroni (IFCH-UNICAMP)

Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo (UFSCAR)

Resumo

A Toca de Assis é uma comunidade católica com proposta de vida religiosa consagrada, oriunda da cidade de Campinas (SP) desde o ano de 1994. Adotando como método a pesquisa de campo, analiso tal comunidade em sua dimensão simbólica e ritual a partir de sua proposta de resgate da “verdadeira Igreja Católica” por vias da experiência pessoal e imediata com Deus. Acompanhando a Toca de Assis desde o ano de 2005, a presente pesquisa indica um processo de tensão e mudanças em sua relação com o meio social e com a instituição hierárquica da Igreja Católica. A partir das relações sociais e práticas religiosas da Toca de Assis, proponho uma etnografia que pense a máquina de atualização do mito cristão nos limites de uma comunidade local em conexão com a autoridade romana, assim como nos limites da experiência pessoal em conexão com a instituição eclesial.

Palavras-chave: Igreja Católica; vida consagrada; mito cristão; narrativas; experiência.

Abstract

Toca de Assis is a Catholic community with proposed consecrated life, originating from Campinas (SP) city since 1994. Based on fieldwork, I analyze the community's symbolic and ritual dimension from its proposal of rescue of the “true Catholic Church” by ways of personal and immediate experience with God. Following Toca de Assis since 2005, this research indicates a process of tension and changes in its relation with society and the hierarchical institution of Catholic Church. Based on its social relationships and religious habits, I show an ethnography that thinks the christian's myth actualizing machine from the limits of a local community in connection with the roman authority, as well from the limits of the personal experience in connection with the ecclesiastical institution.

Key-words: Catholic Church; consecrated life; christian myth; narratives; experience.

Agradecimentos

À FAPESP, pelo financiamento da pesquisa.

Aos funcionários do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

Ao meu orientador, Ronaldo de Almeida, por ter apostado em mim desde o começo desta jornada. Obrigada pelo estudo fino que realiza, e nos oferece, acerca da problemática religiosa. Obrigada pelo companheirismo, e sobretudo, pela paciência.

À Suely Kofes, por ter acompanhado tão de perto minhas inquietações narrativas e teóricas. Obrigada pela paixão com que nos oferta suas aulas, pelo cuidado com que lê nossos textos, pela força e beleza de sua intelectualidade.

À Brenda Carranza, pela preciosa participação em minha banca de qualificação, pelo capricho nas indicações de leitura, e pela não tão menos preciosa conversa que travamos no início de minha pesquisa do mestrado. Brenda, aquela conversa me forneceu rumo e arrimo para a pesquisa, e me instigou a enfrentar o campo com vontade; e por isso, a agradeço.

Aos colegas do mestrado e doutorado em Antropologia Social da turma de 2009, pela paixão em discutir e desbravar os caminhos desta disciplina.

Aos colegas que se reuniram, durante todos estes anos, em nosso Grupo de Estudos de Antropologia da Religião, coordenado por Ronaldo de Almeida. Obrigada pelo carinho na leitura de meus textos, Bernardo, Anaxwell, Delcides Marques, Rodrigo Caravita, Mayra Vergotti, Hugo Soares, Adriano Godoy. Ao amigo e companheiro de pesquisa de campo, Aldo.

Aos amigos campineiros, Danilo Moraes, Lucelia Mattos, Newton Amusquivar, Sara Badra e suas famílias, por me confortarem e estarem sempre prontos a me ajudar em minha trajetória por esta cidade.

À minha bisavó Julia, por ter me ensinado a ser forte.

À minha família, fonte de amor inesgotável.

Você que me lê que me ajude a nascer.
(Clarice Lispector, *Água Viva*)

Imagens

Imagem 1 - Paramento das <i>Irmãs Consagradas</i>	51
Imagem 2 - Paramento dos <i>Irmãos Consagrados</i> . Irmãos em missão peregrina...	52
Imagem 3 - Fotografia de divulgação, em entrevista de padre Roberto Lettieri ao Portal Canção Nova (www.cancaonova.com).....	94
Imagem 4 - Padre Roberto Lettieri e o Santíssimo Sacramento.....	109
Imagem 5 - Pastoral de Rua.....	124

Tabelas

Tabela 1 – Roupas e Hierarquia	50
--------------------------------------	----

Introdução	17
<i>O percurso de uma aproximação</i>	<i>18</i>
<i>Contando uma história</i>	<i>39</i>
<i>Ser toqueiro</i>	<i>49</i>
<i>Metáfora Pictórica</i>	<i>55</i>
Capítulo I	
<i>Getsemani</i>	<i>57</i>
<i>Narrativas</i>	<i>59</i>
<i>O sacerdote descalço</i>	<i>71</i>
Capítulo II	
<i>O Deus experimentável</i>	<i>95</i>
<i>Santíssimo Sacramento – interação e intimidade com Jesus Cristo ..</i>	<i>101</i>
<i>O sofredor de rua é Jesus Crucificado</i>	<i>118</i>
Capítulo III	
<i>O processo de reestruturação</i>	<i>135</i>
<i>Supressão de um ritual</i>	<i>138</i>
<i>O documento</i>	<i>144</i>
<i>“Padre Roberto voltou!”</i>	<i>151</i>
<i>Conclusão</i>	<i>154</i>
<i>Bibliografia</i>	<i>155</i>
<i>Anexos</i>	<i>161</i>



Introdução

O dia era nublado, um sábado de cerveja gelada na esquina e menina com vestido no balanço da praça. Caminhando em ritmo de passeio, eis que avisto a seguinte cena, a menos de um quarteirão de minha casa: um velho maltrapilho, barbas longas e brancas, fedendo a mijó, trajando um sorriso insano, grunhindo alto sons escabrosos dos que se alimentam dia a dia da cachaça, levando atrás de si os piolhos e crostas de quem já perdeu as contas de quando foi seu último banho; esta escória cambaleante era levada, através das calçadas e sobre os olhares estupefatos dos apreciadores casuais de tão belo dia, por mãos que seguravam as suas, mãos brancas e alegres das duas mais sorridentes garotas, para as quais ninguém daria mais do que 20 anos de idade. Portavam vestes marrons, seus cabelos eram raspados (seriam mesmo meninas?), levavam a sacola rançosa do velho e o seguravam pelo ombro, contato de mãos e palavras macias que pareciam dizer algo como ‘venha cá, seo abelardo, estivemos a manhã toda preparando seu banho e seu almoço, venha, vamos trocar essas roupas e curar essas feridas’.

O ano era 2005, a rua se localizava no centro da cidade de Campinas (SP). Meu passo, que já vinha calmo, tornou-se cada vez mais vagaroso na medida em que deitava meu olhar àquela cena; até que me vi parada na calçada, completamente absorta por aquele inusitado grupo que distava de mim menos de cem metros. Muito me chamava a atenção a composição daqueles corpos: portando vestes bastante largas, feitas de um tecido marrom tão roto, tão grosseiro, e levando seus cabelos raspados, davam a impressão de um despojamento extremo. Por outro lado, toda aquela rusticidade combinada com corpos tão brancos, delicados e sorridentes resultava, para minha surpresa, numa imagem extremamente bela. A marcação corporal ambígua aonde o sujo e o limpo, o marginal e o santo, iam juntos, conferia ao grupo uma notável distinção, um destaque que saltava aos olhos dos passantes. Pois não era só eu quem havia estacado. Também o grupo que tomava uma cerveja gelada na padaria da esquina sustinha uma expressão perplexa, desconcertada, em

direção à cena.

Não era a primeira vez que eu via aquela gente estranha, que caminhava por aqueles arredores por vezes cantando, por vezes com os pés descalços, e que raramente andava só, preferindo realizar seus trajetos pela cidade em agrupamentos de iguais. Questionando algumas pessoas que moravam ou trabalhavam pelas redondezas, todos diziam tê-los visto, mas ninguém sabia quem eles eram. Até que certo dia, avistando-os da janela do ônibus, meu amigo Danilo pôs fim a minha curiosidade, exclamando, como se falasse de assunto muitíssimo conhecido: *“Esses? São os toqueiros!”*

O percurso de uma aproximação

Naquela tarde em que meu amigo Danilo me ensinou que aqueles eram “os toqueiros”, estávamos dentro de um ônibus que atravessava a Avenida Orosimbo Maia, centro da cidade de Campinas, quando da janela eu avistei uma fileira de uns oito dos tais “toqueiros” caminhando sorridentes próximos ao meio-fio, carregando nos braços caixas de papelão. Vestiam mantos marrons que lhes iam até os pés e lhes cobriam todo o braço em largas mangas, calçavam chinelos de borracha e tinham suas cabeças tonsuradas. Um deles empurrava um carrinho de supermercado, repleto de caixas e outras bugigangas. Outro, muito branco e com uma barba loira e bagunçada que lhe cobria o queixo, havia ficado para trás e saíra repentinamente correndo em direção ao carrinho, fazendo esvoaçar seu manto marrom desfiado nas pontas, saltando de quando em quando, na intenção de alcançar os outros rapidamente. Meu olhar se confundia sobre um terceiro, com cabelos pretos e bastante lisos na altura dos lóbulos da orelha; elemento que, combinado à sua roupa, me impossibilitava distinguir se se tratava de um homem ou de uma mulher. A vestimenta, acoplada a atitudes gestuais expansivas, os colocava em completa dissonância com os outros passantes que saíam do trabalho sisudos e apressados no entardecer do dia nublado.

Eu poderia jurar que se tratava de algum grupo teatral, se preparando para alguma encenação bíblica, e me esforçava em puxar da memória a relação entre a data em que nos encontrávamos e a proximidade de algum feriado religioso. Aquele comportamento performático e despojado, bem no meio de um congestionamento de fim de tarde, me despertava lembranças de dramatizações da Paixão de Cristo que eu havia assistido, quando criança, em praças públicas e em igrejas, e do costume dos jovens e crianças se vestirem de anjos e personagens bíblicos nas procissões realizadas nas ruas das cidades do interior de São Paulo em que eu já havia morado. De alguma forma, eu esperava que a qualquer momento um deles se pusesse a carregar uma cruz nas costas, e que se iniciasse o espetáculo. Não foi sem espanto que compreendi, ouvindo a explicação do Danilo, que aqueles jovens não iriam trocar de roupa e voltar para suas casas após uma encenação teatral, mas que, pelo contrário, alguns deles vestiam aquela mesma roupa, dia e noite, há pelo menos já alguns anos, e não moravam na casa de suas famílias. De dentro do ônibus, no meio do caos, da pressa, das buzinas e da fumaça dos tantos carros que tentavam atravessar a cidade, eu os via como que descolados, em uma outra frequência que não a nossa, como se uma auréola de luz e calma circundasse seu entorno.

O misto de estranhamento e desconforto que me causavam quando os encontrava pelas ruas da cidade foi de certa forma o ponto de partida para uma abordagem do ponto de vista da etnografia em uma disciplina do meu segundo ano de graduação em Ciências Sociais. Foi no intuito de pôr em prática as lições da etnografia em “tornar estranho o familiar”, e “tornar familiar o estranho” que algumas vezes desacelerei meus passos e os segui, anonimamente, em seus trajetos pelas calçadas. Aceitando o desafio, proposto na referida disciplina, de realizar uma pesquisa de campo, certa noite bati à porta de uma casa em que, ao retornar da Universidade para o apartamento onde eu morava, os havia visto entrar, na Avenida Delfino Cintra, centro da cidade de Campinas. Ali, fui amistosamente recebida pela Adelise, uma jovem natural de Foz do Iguaçu (PR) que com seus 25 anos, olhos

castanhos e cabelos curtíssimos, me contou estar à frente dos cuidados de uma *missão*¹ naquela *fraternidade* que vim a saber, por meio dela, se chamar Toca de Assis.

Já passava das dez horas da noite quando, naquele dia, Adelise me convidou para entrar. Travamos uma rápida conversa de pé, no hall de entrada da casa, de onde se podia ver uma sala composta por algumas cadeiras de plástico e uma imagem da Virgem Maria sobre um pequeno altar. Os olhos de Adelise brilhavam enquanto me dizia, sorridente, que havia abandonado escola, família, trabalho e bens materiais para seguir a Jesus Cristo. Explicou-me que Jesus Cristo chamava seus filhos para segui-Lo por um caminho de verdade e santidade somente passível de ser traçado em uma completa entrega à pobreza. Como as outras moradoras da casa já haviam se recolhido em descanso, devido ao horário, Adelise me convidou para retornar no dia seguinte, a fim de me mostrar a estrutura e o funcionamento da casa.

Ao voltar no outro dia, conheci as outras dezessete garotas que ali moravam. Elas também haviam deixado família, trabalho, trajetória escolar e bens materiais para seguir a Jesus Cristo, se entregando à proposta de vida religiosa da Toca de Assis. Confirmando a expressão utilizada por meu amigo Danilo, as garotas me disseram que se autodenominavam “toqueiras”. Cada qual trajando um manto marrom bastante grosseiro, e com os cabelos muito curtos, por vezes raspados, exerciam naquela manhã uma das atividades diárias da casa: a preparação de um almoço destinado aos seus *irmãos de rua*, *pobres sofredores* que, de acordo com as toqueiras, não tinham o que comer nem onde morar e erravam pelas ruas da cidade. No espaço onde seria a garagem da casa, havia sido improvisado um refeitório e uma barbearia para atender a estes seus irmãos sofredores; de modo que, entre onze horas da manhã e duas e meia da tarde, os que procurassem o auxílio da Toca de Assis naquela casa poderiam tomar um banho e ter os cabelos cortados e a barba feita pelas próprias toqueiras. No espaço onde seria a área de serviço da casa, havia uma cozinha industrial e um banheiro que era utilizado tanto pelas toqueiras como pelos *irmãos de rua*.

¹Ao longo do texto, utilizarei o itálico para me referir às categorias nativas.

A casa, um sobradinho de portão baixo com fachada de pedra e um pequeno jardim, havia sido inaugurada há algumas semanas, e as toqueiras, que anteriormente moravam cada qual em uma cidade diferente e cumpriam seu primeiro ano como membros da Toca de Assis, haviam sido convocadas e reunidas naquela *casa de missão*, onde experienciariam uma nova etapa de sua formação religiosa por pelo menos um ano. Com a disposição dos cômodos modificada em relação ao que seria uma ordenação normalmente esperada de uma casa, o sobrado comportava, em seu andar de baixo, os referidos sala, cozinha, refeitório e barbearia; e no andar de cima, um quarto completamente vazio, onde durante a noite as dezoito meninas estendiam cobertores no chão para dormir, e um outro cômodo que servia de capela, composta de um genuflexório e um altar de madeira portando um ostensório, velas acesas e incenso constante.

Após me mostrar a casa, Adelise me presenteou com um exemplar de uma revista mensal veiculada pela Toca de Assis, a revista *Toca para a Igreja*², em cuja capa figurava a fotografia de dois padres, um vestido de branco e o outro de marrom, ambos com seus cabelos tonsurados, de joelhos, mãos e bocas coladas a um chão ladrilhado. Eles beijavam o chão da Praça da Sé, em São Paulo, onde moradores de rua haviam sido assassinados a pauladas em agosto de 2004. Embaixo da fotografia, em letras graúdas, a seguinte frase podia ser lida: “A Paixão de Cristo continua sobre a face da Terra (Papa Pio XII)”.

“Este é o nosso pai fundador, o padre Roberto Lettieri; e este aqui do lado dele

²A revista, com tiragem regular de 19 mil exemplares, impressa em Belo Horizonte e distribuída pela “Produtora Toca de Assis”, com sede em Campinas, consiste em um dos principais meios de comunicação da Toca de Assis. É remetida aos assinantes, os quais doam, através de um boleto anual da conta bancária da Toca de Assis, a quantia monetária que lhes aprouver, não havendo um valor previamente estipulado (PORTELLA, 2009). Sua publicação destaca informações internas da fraternidade, assim como textos referentes a temas do catolicismo. Até 2009 (ano em que ocorre uma breve interrupção da publicação da revista, seguida de uma clara modificação em sua estética e conteúdo), a revista era composta por oito páginas, recheada com fotografias de toqueiros, toqueiras, e do fundador (acerca do qual nos referiremos adiante), e composta pelas chamadas “Catequese”, “Pregação”, “Conheça a Toca”, “Destaque do Mês”, “Testemunho”, “Palavras do Fundador”, “Aconteceu na Toca”, dentre outras chamadas mais sazonais. O exemplar ao qual me refiro neste parágrafo é o de número 38, Ano IV, do mês de setembro de 2005.

é o padre Julio Lancelotti, lá de São Paulo, que também cuida dos irmãos de rua”, me explicou Adelise. Abrindo a revista, me mostrou uma tabela intitulada “Agenda do Padre Roberto”, a qual apresentava as datas, os locais e os nomes dos eventos em que o padre estaria durante aquele mês e o próximo. Adelise me convidou para participar de um desses eventos, a missa de “Admissão dos Noviços”, que iria acontecer no final de semana seguinte, em Campinas, e a partir do qual, de acordo com Adelise, eu iria poder compreender um pouco mais da proposta religiosa da Toca de Assis.

Foi com um misto de receio e curiosidade que na semana seguinte atravessei o túnel para pedestres que liga o centro de Campinas à Vila Industrial, bairro que abriga a Paróquia São José, onde seria realizada a missa. Lá chegando, me deparei com uma grande reunião de toqueiros e toqueiras. Havia pelo menos mais de cem deles ali. Do lado de fora do templo, via-se o sorriso estampado em suas faces, a algazarra que faziam entre si, e os abraços que davam uns nos outros. Do lado de dentro, podia-se observá-los em atitude mais comedida, muitos estavam ajoelhados. O templo estava lotado, com todos os seus bancos de madeira preenchidos, de modo que me juntei aos muitos que tentavam se acomodar no chão.

A missa teve seu início com um cântico conduzido por uma banda composta por toqueiros e toqueiras, e com a entrada de padre Roberto Lettieri acompanhado de jovens tonsurados, vestindo mantos brancos por cima de seus mantos marrons, aspergindo incenso pelo corredor central. Logo atrás deles, setenta toqueiros e toqueiras adentraram por aquele corredor, carregando, com as mãos e os braços a noventa graus, defronte ao peito, as vestes que recebiam, naquele dia, e que consagravam sua entrada para uma nova etapa de formação na Toca de Assis, o noviciado. Para minha surpresa, a missa teve uma duração de três horas e meia, estruturando-se, dentro deste período, em uma demorada homilia, um espaçado e caprichoso ritual de comunhão, com grande pompa na manipulação dos objetos litúrgicos, condução de cânticos alegres e emocionados, e ao final, o rito de passagem em que os toqueiros e toqueiras entravam para o noviciado trajando sua nova indumentária, realizando um juramento perante Deus e sendo devidamente

abençoados pelas mãos de padre Roberto Lettieri.

Durante a homilia, que naquela minha primeira observação, me pareceu ser um dos momentos mais importantes da missa, os toqueiros anotavam em pequenos cadernos, muito atentos, tal como se estivessem em uma aula, elementos da pregação de padre Roberto que considerassem importantes. Descendo as escadas do altar e caminhando pelo corredor central durante a pregação, a performance daquele padre era marcada por uma retórica séria e empolgada, que transitava entre o extremo coloquialismo e a extrema erudição, entre o piadismo e um ar sisudo. Por debaixo de sua batina branca, na altura das canelas, podia-se ver um manto marrom esfarrapado e seus pés calçados com chinelos de borracha. Assim como os toqueiros, ele mantinha seus cabelos tonsurados; e uma barba média, já grisalha, em um rosto emagrecido, marcava naquele sacerdote um traço de despojamento e sacrifícios. Chamara-me a atenção uma de suas frases, que também anotei, tal qual os toqueiros, em um caderno que havia trazido comigo: “A juventude de vocês precisa se martirizar no carisma que nos chama a morrer pelo pobre, porque no pobre está Deus.” Me impressionara o modo como detivera sua voz, contundente e em alto volume, na expressão “se martirizar”.

Do olhar distante que observava, meio sem graça, as meninas de véu marrom pelas ruas da cidade, passei para uma convivência alegre, e muitas vezes ambígua, entre os toqueiros e toqueiras. Quando eu tentava lhes explicar minhas visitas às casas e às atividades da Toca de Assis enquanto interesse de pesquisa, as toqueiras me diziam que eu podia achar que estava ali por causa da Universidade, mas era Deus quem estava me levando até ali através da Universidade, para que eu O encontrasse. Elas diziam que eu poderia demorar muito tempo para perceber que Deus utilizava a Universidade como um instrumento de Sua aproximação para comigo, e que Deus decidia nosso caminho com mistérios que não compreendíamos.

Ao mesmo tempo em que eu rondava suas histórias de vida no intuito de responder aos questionamentos construídos dentro de um projeto acadêmico cujo tema versava sobre vocação religiosa, minha vida também era investigada por eles,

quando achavam tão estranha a minha curiosidade em torno da vocação, e tentavam, como consequência primeira, decifrar se eu tinha ou não vocação para a vida religiosa da Toca de Assis³ me bombardeando com perguntas e indo até a minha casa. De fato, a ambiguidade que me atravessou durante toda a pesquisa se pautou no exercício dos toqueiros em me posicionar em suas próprias categorias de classificação no interior de sua fraternidade (FAVRET-SAADA, 1980): tentavam discernir se eu seria uma *vocacionada*, ou seja, aquela que passa por um processo de descoberta de sua vocação, a fim de compreender se sua *missão* é seguir o *chamado de Deus* para a vida religiosa; ou se eu seria uma *leiga*, ou seja, aquela que vivencia o catolicismo a partir do sacramento do matrimônio. Assim como Favret-Saada (1980), ao falar a respeito de bruxaria em sua etnografia no Bocage, é classificada por seus nativos como uma bruxa – pois naquele contexto, evocar a bruxaria com a fala representava um forte indício de que o enunciador era um bruxo -, também eu, ao indagar insistentemente acerca da vocação, era posicionada pelos toqueiros como uma possível *vocacionada*.

Frequentando suas casas⁴, encontrando-os nas ruas, lendo suas revistas, participando de seus eventos e deixando-me levar pelas interpretações que faziam sobre mim, aprendi que a Toca de Assis tinha uma história de formação que datava de 1994, quando na cidade de Campinas um grupo de jovens passou a se reunir ao redor do então seminarista Roberto Lettieri, no intuito de adorar a Jesus Cristo na Eucaristia e nos cuidados com moradores de rua, os quais, de acordo com o léxico da fraternidade, são nomeados com a expressão *irmãos de rua*. Atravessando etapas de

³Três anos depois, ao ser reconhecida, numa praça de Campinas, por Irmã Juliana, uma daquelas dezoito moradoras da primeira casa que visitei, ela irá me dizer que se lembrava de mim daquela época em que ainda não havia agregado o pronome de tratamento “Irmã” a seu nome, e ao me interrogar se naquele período eu estava realizando alguma “reportagem” sobre a Toca para o meu “curso de jornalismo”, desvelaria um dos modos como minhas atitudes estavam sendo interpretadas naquele contexto.

⁴ Em Campinas, naquele ano de 2005, a Toca de Assis contava com seis casas de missão, sendo que três delas se localizavam na Vila Industrial, uma no centro da cidade, uma no bairro Nova Campinas e uma na área rural da cidade. Além destas casas, também o Templo Votivo do Santíssimo Sacramento (pertencente à Paróquia Nossa Senhora do Carmo, foi inaugurado em 1967 e é destinado ao culto público e perpétuo de Adoração ao Santíssimo Sacramento), localizado no centro da cidade, estava sob os cuidados das Irmãs da Toca de Assis, que lá moravam e conduziam, junto ao sacerdote responsável, suas missas e adorações diárias.

consolidação no meio eclesiástico católico e no meio social, a Toca de Assis havia construído uma estrutura e uma ritualística próprias, se constituindo como centro aglutinador de vocações entre jovens.

Em 2005, quando os conheci, e até o período em que realizei a pesquisa durante o mestrado, a Toca de Assis se subdividia em Fraternidade de Aliança, ou seja, a Fraternidade de Aliança Toca de Assis, que abrange todas as pessoas vinculadas a Toca de Assis, sejam elas leigas ou religiosas, e funciona como Pessoa Jurídica; e em Instituto de Vida Consagrada, ou seja, o Instituto Filhos e Filhas da Pobreza do Santíssimo Sacramento, que se refere especificamente aos membros que optaram por viver a dimensão de vida religiosa consagrada⁵, realizando os votos de castidade, pobreza e obediência.

Do ponto de vista da pertença, tal subdivisão esconde o aspecto relativamente móvel e instável que delinea os membros da Toca de Assis, ou seja, aqueles que podem ser chamados de toqueiros. Como se verá adiante, “ser toqueiro” implica em um tornar-se, uma caminhada de formação, que tenta não seguir um padrão, mas sim se atentar para o particularismo de vida de cada um que manifeste sua vontade de entrar para a Toca de Assis. A grosso modo, há uma etapa vocacional, onde o candidato orbita em torno das atividades da Toca de Assis⁶; e há a admissão⁷, onde o candidato recebe uma “Carta de Acolhida” a partir da qual é convidado a realizar uma

⁵ Ou seja, se refere especificamente aos toqueiros. Em termos nativos, tanto a Fraternidade de Aliança como o Instituto Filhos e Filhas da Pobreza são chamados de Toca de Assis. Assim, tanto um leigo como um toqueiro costumarão dizer “sou da Toca de Assis”; porém nunca um leigo dirá que é um toqueiro.

⁶O processo vocacional é conduzido pela Pastoral Vocacional Feminina e pela Pastoral Vocacional Masculina, que possui coordenadores (os quais, por via de regra, são Irmãos e Irmãs Consagrados) que entram em contato com os aspirantes, e através de conversas – as chamadas *partilhas* – e de questionários por escrito – as *fichas vocacionais* –, iniciam o processo de *discernimento*. O *discernimento* consiste em descobrir quem se é aos olhos de Deus, ou seja, em descobrir qual é o plano que Deus tem para sua vida. De acordo com um panfleto vocacional das Filhas da Pobreza do Santíssimo Sacramento, o *discernimento* deve ser alcançado através de uma “*profunda oração de escuta à vontade de Nosso Senhor para a sua vida*”. A escuta atenta deveria ser sentida e manifesta, como demonstra uma das perguntas que deveria ser respondida na *ficha vocacional* da Toca de Assis: “*Há quanto tempo sente o chamado para a vida religiosa? Como ele se manifestou pela primeira vez?*” A Pastoral Vocacional também coordena retiros vocacionais aos vocacionados.

⁷Durante o período de realização da pesquisa, a admissão era anual, e ocorria em uma “Missa de Admissão” após a realização de alguns Retiros Vocacionais, também anuais. No ano de 2006, por exemplo, pude acompanhar a admissão de 123 novos membros.

experiência inicial de seis meses como membro, indo morar em alguma casa da Toca de Assis. A partir desta primeira admissão, tanto os membros como aqueles que orbitam em torno da Toca de Assis irão se utilizar do léxico nativo “entrou para a Toca”, nomeando, deste modo, o admitido com a expressão *toqueiro(a)*.

O pilar de sua auto identificação comunitária, ou seja, o que os permite apresentar-se em termos de um “nós, toqueiros” está na expressão conceitual *carisma*, que, em termos nativos, significa um dom recebido por Deus para edificar a Igreja e a sociedade mais ampla. Este dom, recebido por cada adepto em particular, faz da comunidade uma reunião de pessoas que possuem um carisma em comum. O *carisma* delinea o objetivo maior da estruturação de tais pessoas em comunidade. Assim, um panfleto do Instituto Filhas da Pobreza do Santíssimo Sacramento se refere a um “carisma da Toca de Assis”, quando diz “nosso carisma é amar e fazer amado Jesus Sacramentado, entregando nossa vida no altar de Deus, e cuidar das chagas de Jesus no pobre irmão de rua abandonado em nossas cidades”.

Em outras palavras, o carisma da Toca de Assis consiste na adoração perpétua a Jesus Cristo na Eucaristia⁸ e no acolhimento aos *irmãos de rua*, considerados, pelos toqueiros, como a própria encarnação de Jesus Cristo⁹, o Cristo encarnado em uma figura social; o que implica em uma determinada concepção sobre a cidade e seus atores e delinea sobretudo uma ascese cujo pilar está em uma determinada relação do toqueiro com seu *irmão de rua* e do toqueiro com seu corpo. De acordo com uma matéria da *Revista Toca para a Igreja*, a fraternidade “...tem como um dos pilares do carisma o amor aos pobres e sofredores de rua, por enxergar neles o próprio Jesus

⁸A prática diária da adoração à Eucaristia era realizada nas próprias casas da Toca de Assis, as quais mantinham a hóstia consagrada em suas capelas, quer seja no tabernáculo, ou quer seja exposta no ostensório. O ostensório, peça de ourivesaria usada para expor solenemente a hóstia consagrada, é popularmente chamado de Santíssimo Sacramento, ou apenas Santíssimo, quando contém em si a Eucaristia. O ostensório fora do tabernáculo é considerado como “o Santíssimo exposto”. Na Toca de Assis, era comum também chamarem o Santíssimo por “Jesus Sacramentado”. No Capítulo II nos deteremos sobre a importância deste objeto litúrgico para a constituição da chamada “experiência pessoal com Deus” na Toca de Assis.

⁹ Como é possível entrever na referida frase de apresentação do carisma da Toca: as chagas de Jesus estão no morador de rua, de modo que as chagas do morador de rua são as chagas de Jesus crucificado. Tal relação de continuidade entre o corpo de Jesus Cristo, o corpo do “irmão de rua” e o corpo do toqueiro será melhor discutida no Capítulo II.

Crucificado.”¹⁰. A categoria *irmão de rua* também se constitui em fronteiras móveis, no sentido de que nem todo “*pobre sofredor*”, *mendigo* ou *morador de rua* é interpretado pelos toqueiros como verdadeira encarnação de Jesus Cristo.

A inspiração maior ao modelo de vida religiosa consagrada proposto pela Toca de Assis é São Francisco de Assis. De acordo com meus informantes toqueiros, o nome da fraternidade advém das “tocas”, ou “cabanas” improvisadas em que São Francisco dormia, juntamente com os pobres de sua época, nas florestas que circundavam as cidades medievais. Também a veste marrom grosseira e a tonsura capilar é de inspiração franciscana, e a fraternidade busca seguir como modelo o franciscanismo em seu estado mais primitivo¹¹.

Dentro de uma estrutura espraiada e de uma dinâmica de mobilidade e peregrinação¹², os toqueiros se espalhavam e se moviam por um território constituído pelas casas da Toca de Assis e por seus itinerários e ações voltados aos *irmãos de rua* no contexto urbano. Suas casas se constituíam enquanto espaços de morada para os toqueiros e de acolhimento aos *irmãos de rua*, os quais, dentro de uma determinada seleção, poderiam vir a tornar-se também moradores destas casas, entrando na categoria de *acolhidos*. Devido a presença de Jesus Eucarístico na capela de todas as suas casas, e a uma rotina de orações, as casas da Toca de Assis eram também acessadas por um público, católico ou não, que buscava participar de suas atividades religiosas.

Organizando-se em pequenas casas espalhadas por muitas cidades, a comportar de 15 a 20 membros toqueiros em cada casa, a Toca de Assis gerou para si uma estrutura de comunidade pulverizada espacialmente. Em 2005, quando os conheci, a

¹⁰Excerto extraído da matéria “Sangue dos Inocentes”, da *Revista Toca para a Igreja*, número 38, Ano IV, do mês de setembro de 2005.

¹¹Há uma concepção bastante particularizada de São Francisco na Toca de Assis: essencialmente, a do jovem rico que abandona os bens de sua família para tornar-se apto a viver o Evangelho; a do primeiro estigmatizado, ou seja, aquele que é cravado com as feridas da crucificação pelo próprio Cristo; e a do imitador de Jesus Cristo, ou seja, aquele que torna-se um segundo Cristo através do dispositivo mimético (SELIGMANN-SILVA, 2009).

¹²Além da peregrinação diária pelas ruas da cidade, a Toca de Assis era composta da Missão Peregrina, na qual os toqueiros saíam em duplas percorrendo trajetos pré-determinados (como do Rio de Janeiro até Assunción do Paraguai, por exemplo), pelo período de um a dois anos, a partir, única e exclusivamente, da Divina Providência.

Toca de Assis contava com 96 casas e 1500 toqueiros(as) espalhados em território nacional e internacional¹³. Temáticas, as casas da Toca de Assis ganhavam um tipo de nome de acordo com o projeto missionário ao qual se propunham: as casas Bom Samaritano ofereciam almoço, banho e barbearia, não abrigando acolhidos para morar lá e se situavam no centro das cidades; as casas São José acolhiam homens em situação de rua, que gozassem de boa saúde; as casas Virgem Mãe dos Pobres acolhiam mulheres encontradas em situação de rua; as casas Nossa Senhora das Dores acolhiam homens e mulheres em estado terminal de doença. As duas últimas costumavam se situar mais distantes do centro da cidade, em bairros ou chácaras. Existiam casas masculinas e casas femininas, sendo que nas casas femininas, moravam toqueiras que cuidavam de mulheres em situação de marginalidade e nas casas masculinas, moravam toqueiros que cuidavam de homens em situação de marginalidade¹⁴. Existiam também as casas de noviciado, onde os toqueiros permaneciam em um regime mais fechado, durante um ano, para se prepararem para o ritual de consagração¹⁵. As casas de noviciado normalmente não possuíam acolhidos.

No intuito de vivenciarem o carisma que compreende as chagas do *irmão de rua* como sendo as próprias chagas de Cristo, o estar na rua compunha, ao menos durante o período inicial de minha aproximação com este universo de pesquisa, um cerne da

¹³Cinco casas em São Paulo (SP), duas em Santos (SP), duas em Osasco (SP), duas em Cotia (SP), seis em Londrina (PR), uma em Marília (SP), uma em Uberaba (SP), uma em Dourados (MS), uma em Palmas (TO), duas em Barretos (SP), uma em Gama (DF), uma em Itápolis (SP), uma em Anápolis (GO), uma em Jaú (SP), quatro em Vinhedo (SP), oito em Campinas (SP), uma em Americana (SP), uma em Itapetininga (SP), duas em Limeira (SP), uma em Machado (MG), uma em Poços de Caldas (MG), duas em Sorocaba (SP), uma em Valinhos (SP), seis no Rio de Janeiro (RJ), uma em Búzios (RJ), uma em Cabo Frio (RJ), duas em Campos (RJ), duas em Niterói (RJ), uma em Nova Friburgo (RJ), uma em Pádua (RJ), duas em São Gonçalo (RJ), cinco em Fortaleza (CE), uma em João Pessoa (PB), duas em Natal (RN), duas em Teresina (PI), uma em Guaratinguetá (SP), uma em Potim (SP), uma em Taubaté (SP), quatro em Belo Horizonte (MG), uma em Betim (MG), uma em Bocaiúva (MG), uma em Colatina (ES), uma em Crucilândia (MG), duas em Governador Valadares (MG), duas em Itabuna (BA), quatro em Montes Claros (MG) e uma em Sete Lagoas (MG). Esse número crescia anualmente, chegando, em 2007, a 110 casas, incluindo uma no Equador e outra em Portugal. Em 2008, uma missão masculina é inaugurada em Bogotá, Colômbia.

¹⁴Com exceção da Casa Nossa Senhora das Dores, em Campinas, uma casa feminina onde ficam homens acamados em situação terminal.

¹⁵Mais adiante nos deteremos acerca das etapas de formação que envolvem o “tornar-se toqueiro”.

vivência religiosa dos toqueiros. Como exemplos, é possível citar a preferência pela realização de rituais em espaços públicos, como as missas de Páscoa realizadas no Largo do Rosário, em Campinas; assim como rituais semanais, como o Sopão – onde se criava um cenário de “sala de jantar”, destinado aos *irmãos de rua*, no meio da praça pública - e a Pastoral de Rua – onde toqueiros e toqueiras passavam toda uma madrugada na rua, junto aos *irmãos de rua*, por vezes dormindo com eles, no intuito de “levar amor”; da mesma forma como era comum vê-los, pelas tardes, em cenas como a descrita no início desta Introdução, junto aos *irmãos de rua* pelas praças, calçadas, viadutos e terminais de ônibus. A meu ver tratava-se, sobretudo, de uma comunidade cujo território estaria sendo constituído pelos corpos, itinerários e práticas de seus membros pela cidade (PINTO, 2010b), para além de uma composição espacial murada.

Dentre as atividades cotidianas dos toqueiros, destacava-se uma rotina de disciplina diária, que podia ser observada em todas as suas casas. Levantavam-se todos os dias às cinco horas da manhã, para a primeira oração coletiva do dia, a oração das laudes. Subdividiam-se em grupos para ir à missa matinal, em alguma paróquia situada próxima à casa, enquanto outros exerciam as funções de cuidados com os acolhidos. Durante todo o dia, exerciam atividades de lavanderia, cozinha, limpeza da casa e cuidados de enfermagem e higiene para com os acolhidos. Havia horários dedicados para a prática de artesanato e para a música, seja o canto ou algum instrumento. Às dezessete horas, havia a Sublime Hora Fraterna, onde realizavam coletivamente a oração das vésperas do breviário católico, acompanhada da reza de um terço. Após esta oração, aqueles que não tivessem ido à missa matinal saíam para a missa noturna. Recolhiam-se para dormir às dez horas da noite.

Individualmente, cada toqueiro tinha o dever de, diariamente, ir à missa, rezar o rosário e praticar a adoração, diante do Santíssimo Sacramento, de joelhos, por três horas, que eram revezadas entre os toqueiros durante o dia e a madrugada, de modo que a capela da casa nunca ficasse vazia. Havia também uma ritualística semanal rigidamente respeitada. Além dos já referidos Sopão e Pastoral de Rua, havia o ritual

da *Passio Domini*, realizado todas as quintas-feiras; e as sextas-feiras eram dedicadas ao jejum e ao silêncio. Os toqueiros também tinham como dever seguir rigidamente os votos de castidade, pobreza e obediência.

Contrastando com o teor eminentemente sacrificial das referidas atividades diárias, a alegria e a música perpassavam o cotidiano dos toqueiros. Aquele que os observasse em suas realizações dos deveres cotidianos os veria sempre sorrindo, brincando e cantando. Durante a pesquisa, foi comum participar de divertidas festas de aniversário realizadas em suas casas. Em tais festas, costumavam realizar pequenos teatros em homenagem ao aniversariante. O aniversário da Toca de Assis era comemorado, até 2008, em um encontro anual, o Tocão, realizado no sítio da Comunidade Canção Nova¹⁶ em Cachoeira Paulista (SP), e conseguia reunir toqueiros de todas as partes do país, assim como se constituía enquanto um evento de evangelização voltado para a juventude. Com duração de três dias, o Tocão a cada ano elegia um tema comemorativo¹⁷, e oferecia uma programação com missas, pregações, rituais de adoração, cura e libertação, assim como um grande musical de abertura, protagonizado pelos toqueiros, que envolvia dança, teatro e música.

Como bem nota Portella (2009), os toqueiros traziam para dentro da vida religiosa consagrada a sensibilidade da celebração, da festa e da descontração em uma suspensão da realidade diária através do encontro com a dimensão afetiva. Tanto o aspecto teatral como o musical se organizava, na Toca de Assis, em seu Ministério de Arte, o *TocArte*, composto por um grupo de toqueiros responsáveis por elaborar danças, músicas e teatros a serem apresentados nos encontros da fraternidade¹⁸ e em

¹⁶Formada em 1978 sob a liderança de padre Jonas Abib, a Canção Nova tornou-se referência por ter sido a primeira Comunidade de Vida no Espírito – ou seja, um agrupamento religioso que reúne homens, mulheres, casados, leigos e sacerdotes num mesmo espaço de convivência – a se formar no Brasil. Praticando a espiritualidade que caracteriza a Renovação Carismática Católica, esta comunidade tornou-se um centro onde milhares de pessoas de diferentes partes do país se reúnem em seus retiros espirituais em busca de uma “experiência pessoal com Cristo” (PEREIRA, 2008). Possui como característica a evangelização através da mídia, tendo um canal televisivo, a TV Canção Nova, e estações de rádio.

¹⁷Como no XII Tocão, em 2006, cujo tema foi “Tu és sacerdote eternamente segundo a ordem de Melquizedec”, em que seria homenageado os dez anos de sacerdócio de padre Roberto Lettieri; ou no XIV Tocão, em 2008, cujo tema foi “Vida de São Pio”, um dos patronos da Toca de Assis.

¹⁸Dentre os encontros anuais realizados pela Toca de Assis, tínhamos o TocaFort, em Fortaleza, o

outros encontros de evangelização católica. Através desta valorização de elementos da arte, havia um incentivo em experienciar a vida consagrada na dimensão da composição e da criação. Havia toqueiros cantores, compositores e coreógrafos. A Toca de Assis já gravou quatro Cds com músicas próprias¹⁹.

Para além do padrão de práticas seguidas diariamente e semanalmente pelos membros toqueiros, a Toca de Assis se desdobrava em outros campos de ação e conexão, como os retiros vocacionais, os rituais de cura e adoração, os eventos de evangelização, as missas, as festas, a peregrinação, e finalmente, a televisão. A TV Canção Nova cobria os eventos da fraternidade, transmitindo-os ao vivo, assim como neste mesmo canal a Toca de Assis mantinha um programa semanal, o *Toca para a Igreja*, que ia ao ar todas as sextas-feiras às 17h30²⁰.

No que diz respeito à formação religiosa, havia, ao menos no início da realização da pesquisa, uma recusa aos estudos, até mesmo os teológicos, posto que a ideia fosse compreender e vivenciar o Evangelho nas ruas, e não dentro de uma sala de aula, ou de uma Universidade (sendo a trajetória biográfica do fundador, padre Roberto Lettieri, um exemplo-modelo de tal conduta, como se verá adiante)²¹. Por outro lado, a hagiografia e os diários de santos e santas se apresentavam como leituras bastante valorizadas no cotidiano dos toqueiros. Foi comum vê-los lendo, individualmente, em seus tempos livres, biografias dos santos patronos da Toca: São Francisco de Assis, Santa Catarina de Sena, São Pio de Pietrelcina e Beata

TocaBelô, em Belo Horizonte, e o TocaRio, no Rio de Janeiro. Eram considerados “Tocões de pequeno porte”, ou “Tocões regionais”.

¹⁹ O primeiro, “Onde dormirão os pobres?”; o segundo, “Jesus Sacramentado, nosso Deus amado”; o terceiro, “Jesus Sacramentado, certeza do céu” e o quarto, “Do altar de Deus ao altar dos pobres”. São produções quase amadoras, acústicas e sem muitos recursos instrumentais. As canções se caracterizam por uma musicalidade simples e uma poética que se refere à contemplação, à adoração, à busca de uma vida santa, cantadas com um tom bastante emotivo.

²⁰ A TV Canção Nova também costumava transmitir pregações que padre Roberto Lettieri realizava no espaço da Comunidade Canção Nova em eventos (retiros, encontros, etc.) não necessariamente ligados a Toca de Assis.

²¹ Entrando para a fraternidade muito novos, os jovens eram aconselhados a abandonarem seus estudos. Durante o período da pesquisa, a fraternidade modificou tal prática, tornando obrigatório, aos seus novos membros, o término do Ensino Médio, o qual poderia ser completado no interior da fraternidade. Uma característica marcante da Toca de Assis foi, por muito tempo, o anti-intelectualismo. Uma frase que demonstra muito bem tal posicionamento é “*A faculdade da Toca é a rua*”, que pude ouvir algumas vezes nas pregações de padre Roberto Lettieri.

Alexandrina²², que servirão de pilares, grandes modelos a partir dos quais os toqueiros espelharão sua conduta.

Finalmente, até o ano de 2009 a Toca de Assis mantinha como proposta a vivência radical da pobreza, ou seja, seus membros viviam apenas de doações, não realizando nenhum tipo de trabalho que implicasse remuneração; além de não poderem ter nenhum bem em seus nomes. Seguiam como preceito a Divina Providência, que significa que Deus é quem provê, de acordo com as necessidades daquele que se entrega e confia em Sua providência. Ao entrar para a Toca de Assis, e assim, sair da casa de sua família para ir morar em uma das casas da fraternidade, o toqueiro era aconselhado a abdicar de todos os seus bens materiais²³, além de abandonar seu trabalho e sua escola. Até o ano de 2009, em sua maioria as casas da Toca de Assis eram alugadas, e seus aluguéis, assim como suas contas, eram pagos através da doação de *benfeitores*. Algumas casas eram doações de *benfeitores*, permanecendo, em sua maioria, no nome de seu proprietário benfeitor²⁴.

Minha embrionária aproximação com este universo foi desenvolvida durante o período de graduação em Ciências Sociais, em uma Iniciação Científica (realizada entre os anos 2006 e 2007)²⁵, cujo ponto central consistiu em investigar a noção de

²²São Pio de Pietrelcina (Itália, 1887-1968) teria recebido as chagas de Jesus em seu corpo, era um exorcista e possuía o dom da cura. Também tinha discurso de forte crítica à Igreja Católica. Suas práticas milagrosas fizeram com que os católicos o tratassem como um santo já em vida, e antes mesmo de sua canonização; o que o fará enfrentar um duro afastamento de suas atribuições sacerdotais pela Igreja Católica, que o manterá enclausurado e em silêncio até a sua morte. Será canonizado após sua morte. Santa Catarina de Sena (Itália, 1347-1380), por sua vez, analfabeta, conversava com Jesus, recebia mensagens Dele e ditava cartas de aconselhamento a Papas, além de também ter sido estigmatizada. A Beata Alexandrina Maria da Costa (Portugal, 1904 - 1955) dizia sentir e sofrer em seu corpo a Paixão de Cristo, além de cultivar uma devoção bastante significativa pelo Santíssimo Sacramento. A escolha de tais patronos indica o gradiente de devoção sacrificial e mística proposto pela Toca de Assis.

²³Após a admissão no interior de um Retiro Vocacional, o “aspirante” recebia uma “Carta de Acolhida” com uma lista dos poucos itens que deveria levar em sua mudança: uma bíblia, um hinário da Sublime Hora Fraterna, um diário, um caderno de formação, peças íntimas, três camisetas, duas saias (para as mulheres), duas calças (para os homens), um chinelo de borracha, dois pares de meia, duas toalhas de banho, um edredom, dois lençóis, uma fronha, um traveseiro, objetos de higiene pessoal, cópia autenticada de todos os documentos, e, se menor de idade, autorização por escrito dos pais.

²⁴Como se verá adiante, a partir de 2009, com o processo de reestruturação, a Toca de Assis tentará regularizar as escrituras de suas casas, passando-as para o nome da Fraternidade.

²⁵“*Hexis Sagrada: constructos de juventude vocacionada na Fraternidade Toca de Assis*”. Pesquisa de Iniciação

vocação e os modos de produção da mesma no contexto da Toca de Assis. Muito me chamava a atenção a pouca idade com a qual as pessoas se decidiam pela vida religiosa no interior daquela fraternidade, e suas narrativas que versavam sobre um “chamado” de Deus.

Nesta pesquisa, ao me preocupar com o interesse de um número crescente de jovens em vivenciar o tipo de religiosidade oferecida pela Toca de Assis, enfoquei-me em uma análise sobre os processos e mecanismos de produção social da vocação, assim como o processo de produção e reprodução da própria fraternidade enquanto movimento religioso. Para isso, optei por um método de investigação que abarcava três momentos da experiência religiosa em torno da Toca de Assis, entre jovens que (i) estavam entrando na fraternidade, (ii) que já estavam inseridos e (iii) que haviam abandonado a fraternidade.

Desse modo, pude levantar uma rede de relações (entre espaços religiosos e não religiosos) que explicava o modo como estes jovens conheciam e se aproximavam da vida religiosa proposta pela Toca de Assis. Como conclusão geral, esta pesquisa evidenciou uma lógica de pertença religiosa a operar por um viés de construção de identidades que extrapolavam o espaço religioso; a partir de um modelo de santidade que possuía eficácia entre o segmento jovem na medida em que se conectava a ideários do comportamento juvenil.

A partir desta primeira pesquisa, pude começar a percorrer a rede de relações da Toca de Assis no circuito religioso católico, compreendendo sua inserção e aceitação no interior de determinados grupos que hoje compõem o cenário do catolicismo. Debruçando-me sobre as histórias de vida e os testemunhos de conversão recolhidos entre os toqueiros, pude perceber de que modo suas vidas traçavam e conectavam circuitos religiosos e não religiosos. Durante esta primeira pesquisa, me deixei ser conduzida pela ambiguidade entre pesquisadora e vocacionada, adentrando em retiros vocacionais, participando de sessões de exorcismo e de rituais de cura promovidos pela fraternidade. Dentre os campos realizados no período, destacam-se a participação

Científica realizada sob orientação do Prof. Dr. Ronaldo de Almeida, do Departamento de Antropologia da Unicamp, e financiada pelo PIBIC/CNPq entre Agosto de 2006 e Julho de 2007.

no Retiro Vocacional Nacional Feminino do ano de 2006²⁶, a participação no XI e XII Tocão, e no Tocaluia²⁷. Concentrando o campo de pesquisa na cidade de Campinas, realizei observação participante nas casas Bom Samaritano, Casa Nossa Senhora das Dores, Casa de Aliança São José, Casa São José Núcleo Artes, Casa Mãe, Templo Votivo, além de observação participante no Sopão e na Pastoral de Rua.

Ainda durante a graduação, sob a orientação de Ronaldo de Almeida, fiz uma segunda Iniciação Científica²⁸ (realizada entre os anos 2008 e 2009), desta feita com um enfoque comparativo entre o universo católico e o evangélico. O intuito desta pesquisa era avançar na investigação sobre a evangelização da juventude e sobre os modelos de santidade voltados para a juventude. Para isso, escolhi como contraponto à Toca de Assis a Crash Church Underground Ministry, igreja evangélica oriunda da cidade de São Paulo, cujo elemento central consiste em mesclar o rock'n roll (tanto no que diz respeito a sua musicalidade como a um determinado estilo de vida que o acompanha) com a evangelização e espiritualidade cristã²⁹.

À medida que a Toca de Assis foi se tornando, para mim, um universo de pesquisa, comecei a notar em outros interlocutores uma sensação da presença do estranho – daquele que passa na rua e que eu não conheço – que os toqueiros causavam na dinâmica da cidade. Muitos foram os que, ao tomarem conhecimento de

²⁶ Durante esta pesquisa, acompanhei o trabalho da Pastoral Vocacional Feminina e registrei a entrada de 82 novas adeptas para o ano de 2006, as quais haviam sido triadas no Retiro Vocacional Nacional, que contou com a participação de 142 vocacionadas (garotas que estavam se preparando para entrar).

²⁷ Festividade de Páscoa realizada na cidade de Campinas. No ano de 2006, ocorreu um momento de louvor e adoração ao Santíssimo Sacramento, com a presença de cantores católicos, em um palco montado no Largo do Rosário. Após a festividade, houve a realização da Missa de Páscoa no Templo Votivo, às 23h.

²⁸ *“Evangelizando jovens: éticas e estéticas para uma juventude santa”*. Pesquisa de Iniciação Científica realizada sob orientação do Prof. Dr. Ronaldo de Almeida, do Departamento de Antropologia da Unicamp, e financiada pela FAPESP entre Agosto de 2008 e Fevereiro de 2009. Os resultados dessa pesquisa podem ser lidos em PINTO, 2009a.

²⁹ Além da composição juvenil e de uma religiosidade eminentemente vivenciada a partir de demarcações corporais, o elemento que mais aproxima a Crash Church Underground Ministry da Fraternidade Toca de Assis é uma teologia que valoriza a encarnação de Jesus Cristo na Terra no que diz respeito a sua preferência de conviver entre os mais pobres e os mais rejeitados. Imitar Jesus Cristo sendo também um pobre ou um marginal consistia o cerne da experiência religiosa tanto dos jovens Crash Church como dos jovens toqueiros.

que eu realizava uma pesquisa sobre a Toca de Assis, demonstraram uma curiosidade que se traduzia em interrogações do tipo “*o que eles são?*”, e esperavam de meus textos e minha fala algo como uma revelação acerca de um mundo completamente exótico, misterioso e desconhecido. Minha hipótese analítica para este estranhamento que os toqueiros causavam na dinâmica da cidade era a de que o jogo que a Toca fazia entre o Cristo e o mendigo, o sujo e o limpo, o marginal e o santo resultava em certa noção ambígua de sagrado, constituído em fronteira com o poder e o perigo atribuídos ao impuro e ao sacrificial, seguindo a pista de Mary Douglas (1991).

Quando fiz meu trabalho de conclusão de curso (PINTO, 2008), retomei o tema, desta vez com enfoque na concepção de pobreza e de cidade na Toca de Assis. Ao me debruçar sobre sua produção do sagrado acoplado à marginalidade, notei uma ligação entre usos e concepções do corpo toqueiro e uma certa concepção do dogma do encarnacionismo de Jesus Cristo, que se matizavam no âmbito da experiência religiosa toqueira. Como conclusão geral, a monografia sugeriu que a partir do momento em que Deus é pensado em termos de uma natureza ao mesmo tempo humana e sobrenatural, a obtenção das qualidades religiosas exigidas por Deus se daria a partir da imitação de Sua humanidade santificada na Terra, exigindo uma atitude perante a corporeidade natural e um determinado alvo de salvação e imitação (no caso, os *irmãos de rua*) - resultando numa ascese cotidiana sobre o mundo.

Assim, a monografia concluía que a Toca de Assis conectava uma relação entre encarnacionismo (noção de pessoa)/ascetismo (soteriologia) e transformação social, ou mais ainda, uma “ação política em termos de uma cosmovisão cristã” (RUFINO, 2006, p.252)³⁰, a qual funcionava da seguinte forma: primeiro mudar radical e espiritualmente a si mesmo para depois poder mudar o mundo.

O trabalho de conclusão de curso serviu de base para meu projeto de mestrado em Antropologia Social, que iniciei em 2009, também sob a orientação de Ronaldo de

³⁰Na defesa da monografia, Marcos Rufino, um dos integrantes da banca, salientou minha insuficiência de conhecimento teológico para tratar do encarnacionismo católico. De certa forma, a presente dissertação é uma tentativa de retorno ao tema, desta feita sob um viés eminentemente antropológico.

Almeida. Para o mestrado, eu propunha pensar a concepção que a Toca fazia de cidade e de seus atores sociais, os chamados *irmãos de rua*. A ideia era realizar uma etnografia urbana, que se focasse na atuação dos toqueiros junto aos *irmãos de rua*, e a partir daí, tentar compreender experiência e pertença religiosas.

Entretanto, as questões levantadas foram se deslocando, na medida em que, em 2009, ano em que dei início ao mestrado, estoura uma crise envolvendo a Toca de Assis. Padre Roberto Lettieri, até então legitimado, no histórico recente dos, naquele momento, quinze anos de existência da fraternidade, como seu fundador, é afastado de seus encargos administrativos por bispos da Igreja e com isso, um escândalo em torno de sua figura é gerado. Entre os anos de 2009 e 2010, a Toca de Assis perde metade de seus adeptos, ao mesmo tempo em que sua estrutura e ritualística começam a passar por uma dramática transformação. Se até então vínhamos acompanhando uma expansão da Toca de Assis, a partir de 2009 acompanhamos seu processo de retração – ao menos no que diz respeito à adesão de novos membros, às manifestações públicas e à pulverização de suas missões no espaço geográfico –, seguido de um endurecimento institucional em sua ascese e formação.

Muitas casas são fechadas³¹, a fraternidade perde adeptos, a rua perde a centralidade no cotidiano dos toqueiros e dá lugar a retiros de formação teológica, ministrados por bispos. Nas palavras de Irmão Tarciso em um de seus textos no blog oficial (www.tocadeassisoficial.blogspot.com), a Toca estaria passando por “uma profunda reestruturação”.

A intervenção de bispos diocesanos nos encargos administrativos e na formação religiosa dos toqueiros marca o primeiro período desta etapa de reestruturação. Socialmente, o escândalo em torno da figura pública de seu fundador, padre Roberto Lettieri, será a primeira consequência, senão a consequência central, de como as “transformações” referentes à Toca de Assis serão apreendidas. Pois apesar de se passar dentro da Toca, sua “reestruturação” é um acontecimento que se espria

³¹ Se em 2007 a Toca de Assis contava com 110 casas de missão, entre 2009 e 2010 este número cairá para 66, e em 2011, para 45 casas. Das missões estrangeiras, a única que restou foi a de Equador, que manteve uma casa.

por toda uma rede de atores e grupos sociais orbitando em volta do destino de um único padre (DE CERTEAU, 2000). Entre os toqueiros, vemos o exercício de se compreender esta reestruturação - que seguia os padrões de uma ascese regrada, dura, fechada – como vontade do Espírito Santo e uma resistência através da mística, em meio a outras linhas desconexas e dissidentes. Já entre os membros desistentes, vemos explicando seu abandono ao “novo modelo” como uma questão de discernimento pessoal da espiritualidade.

A consequência mais imediata de tais acontecimentos para minha pesquisa foi uma profunda modificação na dinâmica de pesquisa de campo que até então eu travara, e sobre a qual traçara meus planos para o período do mestrado. Já não me era mais possível etnografar a presença da fraternidade nas ruas, pois ela não estava mais nas ruas. Já não me era mais possível etnografar seus alegres e festivos eventos voltados para a juventude, pois eles deixaram de acontecer. As portas das casas da fraternidade e de seus novos encontros (os retiros de formação) estavam fechadas, e os toqueiros, quase calados, me pediam para que qualquer pergunta referente ao padre ou a mudanças, fosse feita ao bispo da cidade. A rotina das casas parecia ter mudado, pois não havia mais tempo para conversas ou para visitas. Eu passei a ser vista com desconfiança pelos toqueiros.

A modificação da dinâmica de etnografia provocada por tais acontecimentos me permitiu rever a dimensão de marginalidade que a Toca enfrentava no interior da Igreja Católica e no meio social. De dentro do drama da intervenção, a proposta de vida religiosa da Toca de Assis era “desembrulhada” (TURNER, 2008) nos termos de uma ambiguidade entre a heresia e a santidade. Assim, minha escolha para esta dissertação foi pensar a reestruturação da Toca de Assis em termos de uma intervenção e de um drama social, a formar um *continuum* entre o mito da Paixão de Cristo e a “Paixão” pela qual a Toca de Assis se via atravessando. O que se segue, nesta dissertação, é uma perspectiva etnográfica pautada no material recolhido durante os referidos períodos de pesquisa.

Nesta dissertação, o leitor irá encontrar o seguinte recorte: no que se segue da

presente Introdução, apresento um histórico da Toca de Assis, assim como sua posição no contexto do catolicismo brasileiro contemporâneo, e mais adiante, ofereço indicações básicas ao leitor acerca dos parâmetros que constituem o “ser toqueiro”.

Já no Capítulo 1, parto do “desaparecimento” de padre Roberto Lettieri – experimentado, nos anos de 2009 e 2010, como um mistério insondável, por mim e por um certo grupo de católicos aqui apresentados – para, através disso, apresentar a proposta de vida religiosa deste sacerdote a partir de uma dimensão biográfica. Com isso, proponho uma análise antropológica de sua figura sacerdotal, assim como forneço uma análise acerca do papel da narrativa, da oralidade e do ritual no âmbito da experiência religiosa deste sacerdote.

No Capítulo 2, apresento a estrutura e ritualística da Toca de Assis a partir da perspectiva da experiência pessoal dos toqueiros e daqueles que, de algum modo, entraram em contato com sua ritualística. Ofereço uma análise acerca dos modos de utilização dos objetos litúrgicos, no interior e nas bordas da Toca de Assis, problematizando o tipo de relação entre fiel e seu Deus que tal utilização implica. Ainda, proponho pensar a relação da Toca de Assis com a “pobreza” a partir da via das máscaras (LÉVI-STRAUSS, 1975) e do dispositivo mimético (SELIGMANN-SILVA, 2009).

No Capítulo 3, apresento uma análise das mudanças sofridas pela Toca de Assis depois da intervenção eclesial, assim como apresento o descolamento da figura de padre Roberto Lettieri frente à estrutura “outra” que a fraternidade assume.

Escolhi não me utilizar de nomes fictícios para me referir aos meus interlocutores da pesquisa. Apenas no Capítulo 3, Antonio, Jaqueline, Ricardo e Clara são nomes fictícios. Até onde tenho notícia, dentre os sujeitos que compõem esta dissertação, Irmã Talita, Irmã Marta, Marcela e Irmão Fratello já não estão mais na Toca.

Contando uma história

As narrativas, recolhidas entre os toqueiros, acerca das origens da Toca de Assis possuem um tom mítico em que o seguinte mote é indispensável: a Toca de Assis surgiu na rua, quando, em 1994, alguns jovens passaram a orbitar em torno das práticas que um desconhecido e chamativo seminarista realizava junto aos moradores de rua nas praças da cidade de Campinas. De acordo com Irmão Fratello, do primeiro grupo de irmãos consagrados da Toca de Assis e considerado um dos co-fundadores da fraternidade, foi numa tarde do ano de 1994 que, ao passear pelo centro da cidade, avistou um jovem branco de olhos claros, barba por fazer e cabelos compridos e desgrenhados, vestido com um cobertor esfarrapado, pregando nas escadarias da Catedral Metropolitana de Campinas.

Após sua pregação, aquele jovem, que se apresentara a Irmão Fratello (que então se chamava Celso³²) como o seminarista Roberto Lettieri, o convida para passar a tarde fazendo a barba e curativos de *irmãos* que viviam nas ruas, chamando, assim, a atenção de outros jovens. Conforme salienta Irmão Fratello, a Toca de Assis se inicia como um grupo de jovens que se encontrava de final de semana para ir aos louvores, aos encontros da Igreja Católica e sair pelas ruas de Campinas cuidando dos pobres, de modo que não havia, em sua origem, nenhuma intenção em se tornar uma comunidade de vida consagrada.

No espaço da Praça do Carmo, considerada o “marco zero” da origem do grupo, foram gravados os primeiros registros em vídeo destas reuniões de finais de semana. Nas imagens, um grupo de não mais que dez jovens, com traços que demarcavam sua pouca idade, vestiam calça jeans, batas marrons e uma cruz de madeira no peito, trajavam seus cabelos longos (tanto os garotos como as garotas) e

³²A caminhada de formação do toqueiro se dá em direção à sua consagração, a partir da qual o membro se torna efetivamente um “irmão consagrado”, ou uma “irmã consagrada”. Dentre as características presentes na consagração, está a mudança do nome de batismo para um nome “inspirado por Deus”, que irá marcar o toqueiro como um “esposo de Jesus Cristo”. Como alguns exemplos de mudança de nomes, cito alguns consagrados do ano de 2006: Ícaro se tornou Irmão Poverello Trigo de Nossa Senhora, Douglas se tornou Irmão Samaritano da Virgem Mãe dos Pobres, Viviane se tornou Irmã Humilis Maria do Sagrado Coração, Imperatriz se tornou Irmã Larissa Maria do Horto das Oliveiras.

entoavam louvores mexendo seus corpos esfuziantemente, dançando, pulando e se abraçando, assim como abraçando também os seus *irmãos de rua* que frequentavam os arredores e participavam do louvor. Junto a eles, Roberto Lettieri, que destoava dos mais jovens apenas pela barba e bigode por fazer, também dançava e conduzia orações do terço; sem saber, decerto, as dimensões que aquele pequeno grupo iria tomar.

Com o tempo, Roberto Lettieri passa a ser coletivamente legitimado como *o fundador* da Toca de Assis, e o mito de origem da fraternidade passa a se confundir com o mito que vai coletivamente sendo composto em torno de sua figura. Natural de São Paulo, nascido em 1964, padre Roberto Lettieri tem sua experiência de conversão ao catolicismo dentro do movimento TLC³³, aos 19 anos de idade. Inicia sua formação sacerdotal aos 21 anos entre os estigmatinos, em Ribeirão Preto, concluindo tal formação na Faculdade de Teologia da PUC, em Campinas, período em que, conforme se conta, “fugia” do seminário da Congregação dos Sagrados Estigmas, onde então residia, para estar dentre os moradores de rua. Por suas pregações bastante críticas e por suas práticas de exorcismo e de rituais de cura e adoração, padre Roberto torna-se rapidamente presença obrigatória nos retiros, encontros e rebanhões promovidos pela juventude carismática católica.

Em apenas um ano de existência a Toca de Assis define seu carisma pela vida consagrada através dos votos de pobreza, obediência e castidade. Em dezembro de 1995, guiados por revelações do Espírito Santo e a prevalência das experiências diretas com Deus, realizam os votos de consagração Walmir Gomes de Oliveira, Celso Luis Gomes, Rogério de Andrade Penha e Rodrigo Hilário de Almeida, os quais

³³Treinamento de Lideranças Cristãs, movimento católico fundado pelo padre Haroldo Rahm em 1969 na Vila Brandina, em Campinas. Voltado primordialmente para a juventude, o objetivo principal do TLC consistia em “ser a porta de entrada para o jovem na igreja”, suscitando uma forte experiência de “encontro pessoal com Cristo” e “formação espiritual” (RAHM, 1972), e é identificado como a primeira raiz do Movimento de Renovação Carismática Católica no Brasil (CARRANZA, 2000). Atualmente, padre Haroldo Rahm difunde a Yoga Cristã (da qual também se considera o fundador e ministra cursos na cidade de Campinas), que propõe utilizar a meditação iogue, os mantras e os chackras para atingir o “Cristo Cósmico”. Segundo padre Haroldo Rahm, a inspiração da Yoga Cristã adveio a ele através de Nossa Senhora de Guadalupe e Santo Inácio de Loyola (FRANÇA; RAHM; ROQUE, 2007).

tornam-se, a partir de então, Irmão Alegria da Eterna Jerusalém, Irmão Fratello do Rei Jesus, Irmão Rafael do Sagrado Coração e Irmão Digo da Cruz, os primeiros irmãos consagrados da Toca de Assis. Pouco tempo depois, em 11 de fevereiro de 1996, é a vez das meninas: Andrea Benedita Rodrigues da Silva, Mariana Helena da Silva, Meri Elen e Raquel de Lourdes Martins tornam-se, respectivamente, Irmã Andreas Maria da Santíssima Trindade, Irmã Mariana de Jesus Sacramentado, Irmã Teca e Irmã Raquel do Imaculado Coração de Maria.

Composto o primeiro *corpus* da fraternidade, o grupo enfrentaria bastante resistência entre o ambiente eclesial da cidade de Campinas. Seu estilo era considerado fanático por padres e até mesmo pelos católicos, e mesmo após a consagração dos primeiros membros, a Toca de Assis existia “informalmente”, ou seja, não era regida pelos cânones eclesiais. Os primeiros votos de consagração tiveram um aspecto informal e voluntarista, embora Dom Gilberto Pereira Lopes, então arcebispo de Campinas, tivesse os autorizado e acompanhado o desenvolvimento do grupo. Somente a partir de 1999 os votos de consagração serão feitos diante de uma autoridade episcopal. Data de 1999 também o uso do primeiro hábito pelos toqueiros, que antes disso, usavam calça jeans, uma camiseta marrom e um cordão com a cruz do Tao (PORTELLA, 2009). Há uma gradação, na história da Toca de Assis, entre aprovação episcopal local e aprovações eclesiais de cúria³⁴. Em 2002, um grupo composto de primeiros membros consagrados seguirão a Roma em busca da aprovação papal, a qual se desenrola até os dias de hoje.

Em 1997 surge a necessidade de uma casa, inicialmente para servir como lugar de apoio aos cuidados com os irmãos de rua mais debilitados. Esta primeira casa, batizada com o nome de Bendita Árvore da Cruz, localizava-se na Vila Marieta, e

³⁴Desde a primeira consagração “informal” de membros, a Toca de Assis já se considerava, localmente, como um Instituto de Vida Consagrada, de nome Instituto Filhos e Filhas da Pobreza do Santíssimo Sacramento, em processo de definição de suas regras e estatutos. Data de 1997 a divisão entre o Instituto Filhos da Pobreza do Santíssimo Sacramento e o Instituto Filhas da Pobreza do Santíssimo Sacramento, marcando a separação entre a ala masculina e a ala feminina de formação. Tal divisão implica que homens e mulheres deverão morar em casas separadas, diferentemente de outras comunidades cuja proposta de vida consagrada admite que homens e mulheres morem no mesmo espaço.

tinha seu aluguel pago pela Renovação Carismática Católica de Campinas. De acordo com o histórico de formação contido no site da fraternidade³⁵, no mesmo ano inaugura-se a casa Sacramento de Amor, onde o primeiro grupo de irmãs consagradas iniciam a vivência fraterna em comum³⁶. No ano seguinte, a casa Bendita Árvore da Cruz é desativada, e o grupo consegue alugar um casarão na Vila Industrial, bairro que comportará rapidamente o núcleo administrativo do Instituto³⁷, assim como o local de moradia de padre Roberto e de seu primeiro grupo de irmãos consagrados.

Por volta de 1999 a Toca de Assis adquire maior visibilidade, contando com 80 membros e 10 casas pela região de Campinas, que eram inauguradas a partir das visitas de padre Roberto Lettieri em missão de pregação e participação de retiros em cidades da região. Em seus primeiros dez anos de existência, a Toca de Assis cresce

³⁵www.tocadeassis.org.br

³⁶O período de constituição das primeiras casas da Toca de Assis é um assunto pouco comentado, e até mesmo velado, pelos toqueiros. Da casa Bendita Árvore da Cruz, obtive depoimentos como os de Cleide, mãe de um ex-aspirante a membro da Toca de Assis que demonstram a situação limiar de reconhecimento pela qual a fraternidade então passava. Cleide conta que se horrorizava quando ia buscar seu filho naquela “casa da árvore”, conforme ela se referia ao local; pois o grupo de jovens “viviam na sujeira, amontoados com os mendigos”, além de, de acordo com ela, morarem homens e mulheres todos juntos na casa. De qualquer forma, é importante salientar que a inauguração de casas e da vivência fraterna em comum dos toqueiros marca o início da radicalidade no seguimento do Evangelho ao qual irão se propor os toqueiros; a saber, o abandono da casa da família e dos bens materiais para o convívio fraterno e provido apenas de doações, em grande proximidade com os “irmãos de rua”, que se tornam “acolhidos” destas casas.

³⁷Primeira vila de operários de Campinas, a Vila Industrial representa a origem da constituição da periferia campineira. A linha do trem cindia este bairro com o centro da cidade, efetuando a primeira segregação sócio espacial entre um centro nobre e um bairro de operários. Conhecido como Vila dos Bucheiros, o bairro era composto pelo Matadouro e comportou os primeiros lazaretos da cidade, como o Asylo dos Invalidos, o Lazareto dos Morféticos e o Lazareto dos Variolosos. Tanto a constituição da Vila Industrial como a chegada da linha do trem, no início do século XX, representam, para Campinas, um processo de urbanização marcados por um intenso controle social sobre os corpos e o espaço urbano. Disciplinava-se o morar, o trabalhar, o jogar, o rezar, o movimentar-se. A aspiração à modernidade que se espalhava pela ainda senhorial sociedade campineira racionalizou as práticas filantrópicas e esforçou-se por confinar o sofrimento humano, pois dor, pobreza e fragilidade não combinavam com a imagem de civilidade que se buscava (LAPA, 1996). Atenta às transgressões do espaço de uma cidade improvisada diariamente, germinava uma moral sobre os cortiços, ruelas e pardieiros. Tentou-se normatizar a própria mendicância, restringindo-se a prática de se esmolar às quartas e aos sábados (MARTINS, 2000). Tal relação da cidade com a pobreza como uma doença que precisa ser limpa ainda é uma marca fundamental de Campinas, sendo a Toca de Assis um incômodo para sua sociedade urbana, justamente pelo fato de suas atividades filantrópicas escancararem a pobreza em seu sentido mais agonístico, ao invés de escondê-la.

sobremaneira, arrebanhando mais de mil jovens pertencentes e inaugurando mais de cem casas pelo Brasil (CARRANZA e MARIZ, 2009).

A partir daí, o despontar de vocações na Toca de Assis começa a chamar a atenção tanto dos pesquisadores como da Igreja Católica, diante de um contexto onde o catolicismo brasileiro, por um lado, perdia adeptos para o pentecostalismo evangélico, e por outro lado, “reconquistava” adeptos a partir do movimento de Renovação Carismática Católica (RCC).

Originária de um movimento que tem início nos EUA, em ambiente universitário, em 1967, a Renovação Carismática Católica se constitui a partir de uma revalorização de práticas há muito tempo colocadas em segundo plano na tradição católica, tais como a glossolalia, a profecia, as orações de intercessão e os dons carismáticos. Para Machado (1996), trata-se de um movimento de revivescência espiritual que fundamenta um tipo de experiência religiosa pautada na doutrina romana, na tradição e na assídua prática sacramental. Neste sentido, é um movimento visto como conservador – por resgatar práticas até então abolidas pela modernização do catolicismo³⁸ -, e renovado – por enfatizar uma experiência pessoal e íntima de comunicação com Deus, acima de qualquer estrutura eclesial (SOFIATI, 2009).

Apesar de tanto toqueiros como seu fundador, padre Roberto Lettieri, incisivamente negarem que a Toca de Assis fizesse parte ou fosse um segmento da Renovação Carismática Católica, é inegável e essencial a passagem por e a conexão com este movimento na trajetória de formação católica tanto de padre Roberto Lettieri como de seu primeiro grupo de adeptos³⁹, assim como nos elementos e nas práticas que compõem o tipo de experiência religiosa proposta pela Toca de Assis⁴⁰.

³⁸Considera-se como marco desta modernização o Concílio Vaticano II (1962-1965), uma “atualização” da Igreja Católica que, dentre outras coisas, procurou novas relações entre Igreja e sociedade, reviu a função do leigo na Igreja e operou com uma renovação litúrgica e bíblica.

³⁹E como se verá adiante, na trajetória de muitos dos membros da fraternidade.

⁴⁰Observamos, também, a utilização de espaços da RCC para a realização dos eventos da Toca, assim como a composição de uma rede de relações entre os carismáticos católicos para a abertura de suas missões pelo território nacional. Obviamente, não estamos propondo que a rede de relações da Toca de Assis se restrinja aos carismáticos, posto que a mesma operava através de uma ampla rede de relações no interior do catolicismo nacional e internacional, inclusive operando conexões com a Igreja Ortodoxa.

Como exemplos de elementos e práticas semelhantes entre a Toca de Assis e os carismáticos, podemos citar a centralidade na relação do fiel com objetos litúrgicos, como o ostensório; a valorização da relação pessoal com deus; a importância dada à narrativa de testemunhos de vida; a prática de leitura de diários de santos místicos; uma noção de santidade que deve ser buscada por todo cristão; o comportamento festivo nas práticas de louvor; a presença essencial da música; os rituais de cura e libertação; a narrativa profética, dentre outros.

Ademais, é importante salientar que a cidade de Campinas oferecia um ambiente favorável para o surgimento e fortalecimento da proposta da Toca de Assis, tanto no que diz respeito ao processo histórico do catolicismo nesta cidade, como no que diz respeito a sua formação urbana em relação a uma certa concepção de pobreza. Carranza (2000) identifica a cidade de Campinas como o berço do movimento de Renovação Carismática Católica no Brasil, com a figura do padre Haroldo Rahm, que em 1969 inicia a prática de TLC's⁴¹ (Treinamento de Lideranças Cristãs) e Cursilhos de Cristandade, considerados as raízes fundantes da RCC no Brasil. No contexto do catolicismo na cidade de Campinas da época, os líderes formados por padre Haroldo despontam como revivalistas que assumem para si a tarefa de retomar a hegemonia da Igreja Católica como uma missão profética. Deste modo, passam a organizar-se como líderes de grupos de oração no Espírito e assumem para si a missão de expandir a proposta carismática através de retiros, palestras e rebanhões realizados pelo Brasil afora⁴².

A partir da década de 90, esta revivescência espiritual encontra sua expansão e fortalecimento através de pequenos grupos propulsores surgidos do interior da RCC e devedores de sua espiritualidade: as Comunidades de Aliança e de Vida. Formadas por portadores de dons e carismas, são identificadas como “novas formas de vida religiosa”, na medida em que, ao invés de se adequarem às Ordens ou Congregações

⁴¹O mesmo em que padre Roberto Lettieri “se converte” ao catolicismo, tendo sua “primeira experiência com Deus”, como veremos no Capítulo 1.

⁴²Tal modelo de expansão missionária dos carismáticos irá marcar sua composição territorial e organização hierárquica, a qual se caracteriza por uma rede de relações não necessariamente ligada a estrutura diocesana (DE THEIJE e MARIZ, 2008).

já existentes, tem como característica serem criadas por líderes fundadores que as concebem como um novo agrupamento religioso, a partir da inspiração e revelação do Espírito Santo⁴³.

As Comunidades de Aliança e as Comunidades de Vida são agrupamentos religiosos que se pautam no partilhar comunitário de caráter profético e missionário, e se caracterizam por vivenciar a experiência direta com o sagrado a partir da via subjetiva e mística (STEIL, 1998 e CAMURÇA, 2008). Nelas, vive-se em comunidade respeitando regras cotidianas e morais bem específicas, mas a partir da experimentação do sagrado em forma de dons e carismas⁴⁴. Para Oliveira (2003), tais comunidades representam uma combinação bem sucedida entre ascetismo e misticismo, apesar da ênfase no aspecto místico.

As Comunidades de Aliança e Vida são marcadas pela proposta de oração e vida comunitária; e formam vínculos afetivos com a hierarquia (Papa, bispos) de maneira que é comum ouvir de seus membros, por exemplo, que “amam o Papa”, e que “a Igreja transformou seus corações”. Tais comunidades são capazes de ultrapassar os limites institucionais da RCC, adquirindo a autonomia necessária para traçar seus próprios princípios e práticas. Conforme salienta Jacinto (2009), se a RCC se define como um “sopro pentecostal”, as Comunidades de Aliança e Vida ilustram a habilidade histórica do catolicismo em produzir novidades enraizadas na tradição, a ponto de seus pesquisadores se questionarem se estas comunidades representariam uma renovação da Igreja para se adaptar à sociedade contemporânea ou então se seriam a reafirmação de valores católicos pregados há mais de vinte séculos (JACINTO, 2009).

A Comunidade de Vida é formada por pessoas que deixam tudo para se dedicar apenas a seu serviço, morando em casas da comunidade, a partir de fortes vínculos de

⁴³Também se distinguem de muitas organizações católicas que procuram uma vida consagrada solitária e isolada. As Comunidades de Aliança e Vida não se fecham em mosteiros, mas se estabelecem em edificações mais parecidas com as casas do mundo contemporâneo, em locais mais próximos dos atores sociais; além de privilegiarem relações cotidianas com atores seculares e interferirem na dinâmica das cidades nas quais se inserem.

⁴⁴De acordo com Oliveira (2003), por causa desta experimentação do sagrado estas comunidades não se fecham em si mesmas, mas se projetam para o mundo a fim de transformá-lo.

autocontrole e comunhão de bens. Ao redor da Comunidade de Vida, aglutina-se a Comunidade de Aliança, formada por profissionais, solteiros ou casados, que comprometem-se com orações, ajuda financeira e trabalho voluntário aos membros da Comunidade de Vida, mas não deixam suas casas, famílias e empregos. Há uma distinção jurídica, tanto civil quanto canônica, entre as Comunidades de Aliança e as Comunidades de Vida. Nas primeiras, é possível captar recursos financeiros e possuir bens imóveis, de modo que a partir delas, criam-se fundações e associações (CARRANZA, 2000). Ambas caracterizam-se como entidades de benefício público.

Como nota Brandão (2004), a estrutura institucional hierárquica da Igreja Católica convive com uma tensão no que diz respeito à heterogeneidade de seus movimentos, teologias e sensibilidades. Mesmo no interior de um catolicismo mais canônico, praticado em linha direta com o corpo eclesial, subsistem tendências de difícil integração no corpus da doutrina; e mesmo nos surtos messiânicos históricos do catolicismo camponês, seus agentes buscaram ser reconhecidos como parte da Igreja Católica oficial.

No caso das Comunidades de Aliança e Vida, vemos tal tensão manifesta na atualização de símbolos e práticas sacramentais a que se propõem, assim como na aceitação de sua proposta de atualização perante a instituição hierárquica. Tais comunidades possuem como peculiaridade essencial o resgate da doutrina católica e de certos elementos considerados tradicionais e “primeiros” do cristianismo. A utilização que fazem de símbolos e práticas sacramentais é considerada, sob o ponto de vista destas comunidades, como um “resgate” de um “verdadeiro cristianismo” que teria sido perdido com a “modernização”. Nelas, a tradição e a doutrina são acessadas por revelações proféticas, inspirações e experiências com Deus – particularmente através de um carisma atribuído ao fundador -, as quais, por sua vez, validam a doutrina tradicional e hierárquica da Igreja Católica. Para Camurça (2010), tais comunidades se constituem enquanto estruturas ágeis e modernas que reinventam o laço institucional e da tradição.

A Toca de Assis é identificada neste influxo: a Fraternidade de Aliança Toca de

Assis seria a Comunidade de Aliança, e o Instituto Filhos e Filhas da Pobreza do Santíssimo Sacramento seria a Comunidade de Vida; apesar de, como um Instituto de Vida Consagrada, possa também se encaixar em parâmetros mais canônicos da Igreja Católica. Se constituindo com marcas bem delineadas de “experiência pessoal com Deus” e um ideal de resgate da “verdadeira Igreja”. Sua proposta é de retorno ao que considera as fontes primeiras do cristianismo: o culto litúrgico como presença sacramental de Deus, o sentimento dos primeiros mestres cristãos, a adoração da hóstia consagrada.

Na visão de padre Roberto Lettieri, a Igreja teria perdido elementos fundamentais de sua doutrina por conta de uma modernização que a fazia agonizar e ser desrespeitada pelos próprios católicos. Padre Roberto, em seus livros e pregações, profetizava contra os fariseus do Templo e denunciava o egoísmo de leigos e sacerdotes em relação a ausência de uma atitude verdadeiramente cristã para com a pobreza. Neste sentido, irá propor a necessidade de uma “reconstrução” da Igreja a partir do carisma (BEZERRA, 2009). Esta reconstrução da Igreja, para a Toca de Assis, só pode ser alcançada através do testemunho pessoal de cada cristão, e da mudança radical de si: “acolher Jesus nos pobres” fazendo de si próprio um pobre. Tal proposta de reconstrução dará o tom da tensão entre Toca de Assis e seu querer-ser Igreja: ao mesmo tempo em que reconhece sua hierarquia e adota seus preceitos, também a faz alvo de críticas (BEZERRA, 2009).

Em termos etnográficos, temos um líder espiritual recebendo inspirações divinas para resgatar certas práticas litúrgicas e objetos sacramentais no intuito de se “reconstruir a Igreja”. Junto a ele, fiéis seguidores que se convertem a sua proposta a partir de uma *experiência pessoal com Deus*, tornando-se membros de sua fraternidade. Tal dado compõe um interessante quadro onde a “tradição” é acessada pela “experiência”, nos abrindo chaves para uma discussão cara para a antropologia, a saber, a atualização simbólica a partir da via ritual e mítica (LÉVI-STRAUSS, 2008; TURNER, 2005 e 2008).

No caso da Toca de Assis, temos como rituais utilizados para esta atualização

simbólica – no interior de uma vida religiosa marcadamente ascética – a adoração eucarística como batalha espiritual, o tocar na ferida do *irmão de rua*, as escarificações corporais e as peregrinações como contato com o sagrado pela via sacrificial e aflitiva; e como mito essencial, a Encarnação de Cristo – Sua vida, morte e ressurreição –, acompanhado das hagiografias dos santos (compreendidas, aqui, também como mitos acessados pelos toqueiros) que tiveram, em vida, experiências de estigmas e que reportam ao caráter sacrificial, contemplativo e de vivência da Paixão de Jesus, tais como São Pio de Pietrelcina, Santa Catarina de Sena, São Francisco de Assis e Beata Alexandrina.

Admitindo que a linguagem, os seus significados e suas sonoridades são capazes de gerar efeitos de transformação do real (LATOURE, 2004), temos que a fruição mítica e ritual dos toqueiros opera num contínuo entre corporalidade, narrativa, experiência e realidade. Tal como a sugestão de Victor Turner (2008) em sua leitura sobre a morte do bispo inglês Thomas Beckett, os referidos referenciais simbólicos funcionam como ideias particularmente influentes que impelem os toqueiros a adotar, em suas biografias, projetos de morte celebrados pela oralidade e pela escrita cristãs, assim como os impelem a partilhar fraternalmente a tragédia de uma comunidade passional dotada da força do tempo longo (VALVERDE, 1997).

A partir de tais referenciais simbólicos, os toqueiros trarão para si uma noção mítica e mística de realidade, que sacraliza um tempo e um espaço anteriormente considerados ordinários, no âmbito de uma experiência pessoal (alinhada a uma narrativa biográfica) e particular a cada toqueiro. Tal fruição mítica e ritual, garantia de uma perspectiva de “acesso direto ao sagrado”, encaixa a “pequena” narrativa, biográfica e pessoal, do toqueiro, na “grande” narrativa do mito cristão e da história e dos símbolos da Igreja (SILVEIRA, 2008), de uma maneira particularmente agonística e dramática (TURNER, 2008). Elementos do mito cristão, pinçados de acordo com cada trajetória pessoal (CAMURÇA, 2008) e compreendidos no âmbito da experiência corpórea e emotiva irã, por sua vez, compor a noção toqueira de Igreja Católica e suas relações para com esta instituição.

Com o “processo de reestruturação” que marca o período de 2009 e 2010 (até o final da presente pesquisa), temos a perspectiva desta atualização simbólica bastante marcada pelos princípios de uma “periculosidade” que tentará ser subsumida por setores mais endurecidos e institucionais da Igreja Católica, desenhando um esquema de funcionamento da máquina de atualização do mito cristão nos limites de uma comunidade local em conexão com a autoridade romana, assim como nos limites da experiência pessoal em conexão com a instituição eclesial. Deste modo, a presente dissertação analisa o querer-ser e o vir-a-ser Igreja a partir do caso da Toca de Assis, apresentando os caminhos que a comunidade local, imbuída do carisma, enfrenta ao tentar se adequar a, e ao mesmo tempo, “reconstruir”, sua “Santa Mãe Igreja”.

Ser toqueiro

Apresentamos, aqui, alguns elementos básicos para que o leitor consiga “visualizar” um toqueiro na presente narrativa. Como salientamos anteriormente, o sistema de pertença na Toca de Assis é relativamente móvel e instável. Ser um toqueiro pode significar várias coisas, de acordo com o posicionamento em que o adepto se encontra dentro de uma certa hierarquia, a qual se alicerça em um tempo de experiência, passagens rituais e crescimento espiritual no interior da fraternidade.

Os graus de formação da Toca de Assis se organizam da seguinte forma: o *aspirantado*, composto por aqueles que estão tendo sua primeira experiência de 6 meses na Fraternidade; o *postulantado*, dividido em *postulantado de primeiro ano* e *postulantado de segundo ano*, compostos por aqueles que passaram da fase do *aspirantado* e irão viver 2 anos de *postulantado*; o *noviciado*, fase seguinte, que tem duração de 1 ano, onde os toqueiros vivem um momento de retirada do mundo em casas fechadas, e a *vida consagrada*, ápice da maturidade espiritual. Em seu último estágio, ao tornarem-se *Irmãos Consagrados* e *Irmãs Consagradas*, os toqueiros mudam de nome e efetivamente tornam-se religiosos.

Assim, um toqueiro pode ser um *aspirante*, ou um *postulante*, um *noviço*, ou um

Irmão Consagrado. Pude acompanhar alguns dos sujeitos aqui apresentados em diversos posicionamentos, como Irmã Juliana, que conheci *postulante de primeiro ano*, ou Marcela, que acompanhei desde a fase de *vocacionada* até a fase de *noviça*.

As passagens entre um posicionamento e outro são marcadas nos corpos, através de rituais de entregas de vestimentas. Cada fase é definida por uma vestimenta própria, conforme a tabela abaixo:

Hierarquia	MULHERES	HOMENS
1º - Aspirantado	Saia longa, camiseta larga de algodão; marrons.	Bermuda ou calça largas, camiseta larga de algodão (mesma das mulheres); marrons.
2º - Postulantado	Saia longa, camiseta larga de algodão, bata sem mangas e comprida até o pé; marrons.	Bermuda ou calça largas; camiseta larga de algodão, mesma bata sem manga e comprida das mulheres.
3º - Noviciado	Veste (um vestido) de manga comprida marrom, até o pé; véu branco na cabeça até o meio das costas.	Veste (um vestido) de manga comprida, longo até o pé, capuz; marrons.
4º - Irmandade Consagrada	Veste (um vestido) de manga comprida, marrom claro com marrom escuro; cordão na cintura, crucifixo grande no pescoço, véu marrom-escuro na cabeça, comprido até o pé e uma fita marrom-escuro na testa.	Veste igual a das mulheres, cordão na cintura, crucifixo grande no pescoço, barba e tonsura capilar.

Tabela 1 – Roupas e Hierarquia.

Ao se tornarem toqueiras, as garotas tem seus cabelos raspados, passam a usar

um saião marrom e uma camiseta grande e marrom de algodão⁴⁵; os meninos também tem seus cabelos raspados e andam com uma calça e camiseta de algodão marrons. Ao atravessarem as etapas de formação, a roupa toqueira vai ganhando anexos – mantos marrons que se sobrepõem uns aos outros; o véu branco, para as meninas, na fase do *noviciado*, conforme a Tabela 1.

As *Irmãs Consagradas* tem como vestimentas um vestido longo, de mangas compridas; um cordão a delinear-lhes a cintura, um véu muito comprido e marrom que lhes esconde a careca, e uma fita no meio da testa.



Imagem 1 – Paramento das *Irmãs Consagradas*. Na fotografia, Irmã Talita (à esquerda) e Irmã Marta. Arquivo pessoal, 2007.

Percebe-se que a ascensão feminina se dá pela sobreposição de tecidos, responsável por esconder o rosto, tornando as faces mais delicadas. O véu esconde e disfarça as saliências da face e substitui o cabelo, tendo como resultado um embelezamento nos moldes femininos. Já a ascensão masculina se dá pela retirada de

⁴⁵Pude notar que a modificação no modo de se vestir e no corte de cabelo já começava com o processo de caminhada vocacional, através de um processo de despojamento de vaidades entre as vocacionadas – algumas mais radicais do que outras, em seu despojamento.

parte do cabelo (a tonsura) e a explicitação de saliências do crânio e da face, a qual vem acompanhada de uma barba rala, tendo como resultado uma face rústica e despojada.

O modo de andar também é um grande diferenciador das etapas de formação: com o véu marrom, muito pesado e grande, as meninas passam a andar com passos mais comedidos e são impossibilitadas de realizar gestos mais largos. Já os garotos, cada vez mais desprovidos de anexos corpóreos, são caracterizados pela atitude gestual expansiva: pulam e dançam bruscamente, com grandes aberturas de braços; andam pelas ruas gritando e correndo.

As passagens entre um posicionamento e outro são também marcadas pela mudança de *missão*, o que implica, normalmente, em uma mudança de casa e até mesmo de cidade. Ao mesmo tempo em que mantém seu senso comunitário homogeneizando certas práticas, regras e vestimentas, inculcando em seus membros uma hexis corporal que os deixa semelhantes uns aos outros, a Fraternidade valoriza a conversão pessoal, os testemunhos de vida e a ideia de *missão individual*.



Imagem 2 – Paramento dos *Irmãos Consagrados*. Irmãos em missão peregrina.
Divulgação.

As *missões* são tarefas que os toqueiros recebem ao passarem de nível dentro da

hierarquia de posições anteriormente descrita. Por exemplo, Marcela, ao se tornar *postulante de segundo ano*, vai para a missão de Guaratinguetá, onde trabalhará com os cuidados de *acolhidos* de rua acamadas. Anteriormente, Marcela estava no *postulantado do primeiro ano* da missão de Londrina, onde se dedicou a uma vida de clausura. As *missões* independem da posição em que o toqueiro se encontre; pois são *missões* distribuídas a nível individual, pautadas na *vocação*. Assim, uma *postulante* pode ser uma *guardiã*, um *Irmão* pode estar trabalhando na parte do escritório⁴⁶, uma *noviça* pode estar cuidando de *acolhidos* em estágio terminal.

A *missão individual* parte do pressuposto de que para cada indivíduo é destinado um dom sagrado específico, e segue uma normativa onde cada toqueiro deve permanecer por no máximo um ano em uma determinada cidade, ocasionando peregrinações e rupturas constantes do indivíduo com o grupo comunitário em prol de um fluxo de pertencentes. Esta *vocação* individual era algo a ser descoberto pelo toqueiro neste esquema de fluxo pelas *missões*: ao perpassar por diversas *missões* específicas (como cuidar de acamados, peregrinar, cuidar da cozinha, ou até mesmo a clausura), o toqueiro ia fazendo sua descoberta da *missão* que Deus teria lhe destinado. Normalmente, a escolha da próxima *missão* que o toqueiro assumiria era revelada, tanto para o toqueiro como para algum *Irmão Consagrado* responsável pela sua *caminhada*. O esquema de rotatividade visava o desprendimento e o despojamento, de acordo com uma concepção de que a vida religiosa deve se dar de forma itinerante, assim como foi a vida de Cristo.

Desse modo, os toqueiros não eram apenas peregrinos por seus itinerários diários pelas ruas das cidades; mas estavam em uma constante mobilidade entre-cidades; traçando-se um trajeto de construção da vida religiosa pautado por rupturas e reconstruções de laços comunitários; deslocamentos e re-localizações espaciais urbanas. Tal circulação individual, como desprendimento, funcionava como uma aprendizagem a partir do movimento, da deambulação.

Há, como dissemos anteriormente, uma importante etapa anterior ao

⁴⁶ “Escritório” é a expressão utilizada pelos toqueiros para se referir aos cuidados com a manutenção administrativa da Toca de Assis.

processo de admissão. Trata-se da etapa vocacional, onde encontramos a categoria dos *vocacionados*, os quais, de acordo com a interpretação dos toqueiros, são os sujeitos passíveis de se tornarem adeptos da fraternidade. Orbitam, assim, entre os graus de pertença referidos anteriormente, podendo efetivamente tornarem-se adeptos ou não, de acordo com uma decisão pessoal e também da própria Toca de Assis. Somente a partir de uma primeira admissão, ocorrida após a participação de um Retiro Vocacional Anual, é que teremos a nomeação do admitido com a expressão “toqueiro(a)”.

Há, ainda, uma outra categoria, a dos *leigos*, que são interpretados pelos toqueiros como aqueles que não possuem vocação para serem adeptos, mas participam da rotina e do trabalho da Toca de Assis das mais variadas formas. Tanto *vocacionados* como *leigos* não são toqueiros, mas, como se verá, de alguma forma vivenciam a experiência religiosa da Toca de Assis.

A radicalidade no tornar-se toqueiro, manifesta na expressão nativa *viver a radicalidade do Evangelho*, é evidenciada particularmente no abdicar-se de tudo o que se tem, para ir viver apenas de doações, em casas mais ou menos estruturadas, sob uma ainda frágil proteção da Igreja Católica, que os via com desconfiança; e sobretudo, tal radicalidade é evidenciada pela extrema aproximação dos toqueiros para com os seus *irmãos de rua*, vistos, pela sociedade em que se inserem, como os “vagabundos” e “mendigos”, ou em outras palavras, como aqueles que representam o mais baixo status social existente. Esta aproximação extrema se dá não só pelo contato físico, mas pelo “vestir-se como um “vagabundo” (TURNER, 1974), o que delineará uma experiência religiosa que opera pela via das máscaras (LÉVI-STRAUSS, 2005) e traz como consequência uma certa contaminação do sagrado capaz de desmanchar o jogo de dualismos classificatórios (DOUGLAS, 1991).

Metáfora Pictórica

No primeiro capítulo de *A Invenção da Cultura*, Roy Wagner (2010) evoca o quadro de cena de rua com tema religioso *Recenseamento em Belém* (1566), do pintor flamengo Peter Bruegel. Neste quadro, Bruegel transporta da Judéia para Flandres a cena bíblica em que Maria e José chegam a Belém a fim de terem seus nomes registrados em um recenseamento. Ao exibir figuras e cenas bíblicas num ambiente contemporâneo, o pintor, além de tornar familiares aqueles eventos, sugeria que, se Maria e José chegassem a uma cidade flamenga, ou ainda, se a profecia do retorno de Jesus Cristo se concretizasse em Flandres, ele 'ainda' teria de se alojar em um estábulo.

A análise de Roy Wagner ao quadro de Peter Bruegel me fez compreender um pouco melhor o modo com meu olhar se deitava para os jovens toqueiros que costumavam andar pelas ruas da cidade de Campinas com vestes semelhantes a de São Francisco de Assis em seu estilo mais roto. Eu os via figurando criativamente imagens religiosas já consagradas pela arte, literatura e imaginação católicas, para seus corpos em um ambiente urbano contemporâneo. Nesse processo criativo de figuração e performance, a história se repetia: eram vistos e tratados pelos passantes e comunidade local como fanáticos, marginais, sujos; porém viam a si mesmos como religiosos em uma missão mais digna do que muitas outras existentes no interior do catolicismo; ao mesmo tempo em que se aproximavam cada vez mais de um alojamento “de estábulo”, convivendo com o seu alvo privilegiado de identificação religiosa, os moradores de rua.

O desenho que antecede esta introdução foi concebido com a intenção de traduzir este meu olhar. Inspirada pela análise de Roy Wagner e pelas pinturas de Peter Bruegel, a composição se desenhou em minha imaginação por longos meses, até ser finalmente posta no papel por Luiz Henrique Cruz.

Este desenho retrata uma cidade cinza e pouco atraente, em segundo plano. Em primeiro plano, temos dois toqueiros em pé, sorridentes e inclinados, como se tivessem dançando, em direção a um párea urbano, um velho de tez carrancuda e barba por fazer. No canto superior esquerdo, foi feita uma colagem do Cristo de

Giotto di Bondone, em seu quadro *São Francisco de Assis recebe os estigmas* (1295 d.C. – 1300 d.C.). Parto de uma análise feita por Gilles Deleuze (2007) acerca do quadro de Giotto: um Cristo “transformado numa pipa em pleno céu, verdadeiro avião, que lança sua cicatriz sobre São Francisco, enquanto as linhas hachuradas do percurso da cicatriz aparecem como as marcas livres com as quais o santo maneja os fios do avião pipa.” (DELEUZE, 2007: 42).

Pés e mãos de um Cristo-pipa, sobrevoando o céu de uma cidade, são ligados, no desenho, aos pés e mãos dos dois jovens toqueiros, que parecem dançar sobre a terra. As linhas que ligam os toqueiros ao Cristo dão a impressão de que não é possível saber se é Cristo quem os faz dançar, ou se são os toqueiros quem fazem Cristo voar. Ambos os movimentos se sucedem: as linhas são a metáfora pictórica da relação. Sugiro compreender estas linhas enquanto um agenciamento com o sobrenatural (FAVRET-SAADA, 1980): Cristo é acessado diretamente pelos toqueiros, sem as tradicionais mediações. Dançando na terra, fazem seu Cristo dançar no céu, e vice-versa. Os movimentos de um implicam nos movimentos do outro. Com seus corpos, símbolos e objetos, restauram o corpo contínuo (MAUSS e HUBERT, 2005) e se comunicam com o sagrado por uma mística perigosa.

Capítulo I

Getsemani

“ — Onde está o Padre Roberto Lettieri?”

“ — O que aconteceu com o Padre Roberto, alguém tem notícias dele?”

O padre havia desaparecido. Não estava mais nos encontros para jovens ligados à Renovação Carismática, não estava mais em sua casa na Vila Industrial, onde ele morava com os toqueiros e seus *irmãos de rua acolhidos*; não aparecia mais no canal televisivo Canção Nova, não estava mais na revistinha semanal *Toca para a Igreja*, a qual mensalmente informava as datas de suas viagens e pregações pelo Brasil e pelo exterior; não estava mais realizando missas em nenhuma paróquia, e não estava mais nas prateleiras das livrarias católicas.

Já não era mais possível encontrar suas partilhas de domingo, desde 2008 postadas semanalmente em seu blog Sacerdote Amigo (www.sacerdoteamigo.blogspot.com): elas haviam sido completamente apagadas. Não se via o padre em lugar algum, nem se avistava qualquer sinal proveniente de sua pessoa, qualquer mensagem proferida por ele, que pudesse demonstrar que ele estava vivo, que ele estava bem, por onde ele andava, e o que ele estava fazendo. A única coisa que restara, sua última palavra guardada, fora uma carta (Anexo 1), publicada em maio de 2009 no então blog oficial da Toca de Assis (www.coracaotoqueiro.blogspot.com).

Esta carta se estruturava de um modo bastante subjetivo e metafórico. Nela, padre Roberto diz estar no Getsemani, atravessando o Tempo Pascal. Manifesta sua profunda união com cada um daqueles para os quais se direciona, a saber, os Filhos e Filhas da Pobreza do Santíssimo Sacramento, e os leigos; e evoca uma situação de silêncio, de luta e de limitação pela qual estaria passando, juntamente com a Fraternidade (“Mesmo no silêncio (...) e em meio a tantas lutas e limitações...”). Esta situação é evocada como um tempo de “uma grande e profunda purificação.” Diz querer manifestar, naquelas palavras, os ditames de seu coração e de sua consciência como servo. Assim, como um lamento, pede perdão às suas ovelhas e agradece continuamente a graça pelo Carisma que lhe foi dado por Deus; pede perdão por qualquer fraqueza que tenha cometido na misteriosa busca de santidade e que sente grande necessidade

de se ajoelhar diante do Carisma. Manifesta por diversas vezes sua vontade de “voltar para o Brasil”, porém afirma que precisa “permanecer no Getsemani onde se sente uma Passio Domini continua [sic], que sem dúvida alguma é o fortalecimento e o coração do nosso carisma...”.

Que Carisma é esse ao qual ele se refere? Então quer dizer que ele está fora do Brasil? As frases adquiriam um tom de mistério, como se houvesse algo por trás delas, todas as vezes em que eu as lia e relia nas inúmeras replicações da referida carta (Anexo 1) pelos sites e fóruns da Internet. Pois a partir da cosmologia católica, o Getsemani não é meramente um lugar, mas metáfora de uma condição. De acordo com os Evangelhos, Jesus Cristo foi para um lugar chamado Getsemani na noite anterior à sua Paixão, e lá sofreu seus maiores tormentos. É no Getsemani que Jesus Cristo se prostra diante do Pai e pede para que afaste Dele o cálice da Paixão, admitindo em sua humanidade que não deseja de forma alguma o sofrimento de sua morte, mas que continuará obedecendo o Pai e morrerá, se assim Ele o quiser. Em plena lamentação, admite ter a alma cheia de tristeza, e admite que “o espírito está pronto, mas a carne é fraca”. Foi no Getsemani que Jesus Cristo se preparou para sua crucificação, em um processo de aceitação da vontade do Pai em meio a tormentos onde já sentia em sua carne humana os sofrimentos vindouros os quais, enquanto carne, não queria passar.

Escrevendo durante o Tempo Pascal, padre Roberto resgata também o sentido sacrificial da quaresma, período em que os católicos relembram do momento em que Jesus Cristo sobe a montanha para jejuar e é tentado pelo Diabo. No subir da montanha, vemos a sobrenaturalidade e a humanidade de Jesus Cristo se manifestar em um misto de visões, dores corporais, tentações, fome, sobrevoos. A quaresma é também o momento em que os católicos relembram a Paixão e morte de Jesus Cristo, e através da penitência, se preparam para grande festa da Ressurreição.

Estar no Getsemani significa manter-se obediente ao Pai, porém com a certeza de Sua promessa de ressurreição. O Getsemani e o Tempo Pascal, nesta carta de padre Roberto (Anexo 1), são expressões dinâmicas de uma relação significativa onde padre e Fraternidade constituem uma extensão metafórica (WAGNER, 2010) da Paixão de Cristo. O Getsemani confirma uma profecia comumente narrada por Padre Roberto: de que a Toca um dia iria ser pisada, ultrajada e cuspidada, e que todos deveriam estar preparados para este tempo de humilhação.

Enquanto espaço geográfico, posicionado em um certo local, composto por determinados rios e jardins, o Getsemani é um espaço que se funda enquanto lugar sagrado ao simbolizar experiências significativas, no caso, as experiências de uma divindade encarnada central para o cristianismo – Jesus Cristo. Enquanto metáfora de uma condição, o Getsemani é um lugar que pode ser experienciado de qualquer lugar. O Getsemani é o lugar de preparação para a crucificação. Um lugar de introspecção e fortalecimento necessários, pois para conseguir morrer pelo outro, é preciso deste lugar, deste momento. Assim, o Getsemani não é uma entrega no sentido da perda, e da morte; é antes uma tomada de fôlego para se ir adiante no projeto de morrer pelo outro. Lugar de preparo para o levante. É a partir da metáfora do Getsemani que Pe. Roberto pode dizer que está a viver a obediência pelo sofrimento, e que entrega o futuro de seus dias pela obediência ao seu pastor, Dom Bruno Gamberini, no desejo ardente de que tudo seja restaurado.

Estar em um lugar que se constitui significativamente por ser o mesmo lugar onde o Deus encarnado do cristianismo esteve, e tomá-lo enquanto metáfora de uma condição, pode significar, para aquele que experiencia o estar neste lugar, carregar em seu corpo e também conceitualmente as histórias, imagens e sensações do Deus. Ao viver o Getsemani enquanto espaço significativo da pré-crucificação de Jesus Cristo, é possível que o Jesus Cristo do Getsemani atravesse o corpo de um homem que lá esteja, e que este homem reviva, naquele lugar, a história de um Deus encarnado, em um movimento de transfiguração, num exercício extremo do *imitati christi*. Fazendo um homem mergulhar, assim, neste mito da tradição religiosa cristã para além do domínio cognitivo e até mesmo do domínio moral, para o existencial (TURNER, 2008).

Narrativas

...é compreensível que alguém pergunte como foi possível saber que estas coisas sucederam assim e não doutra maneira, a resposta a dar é a de que todos os relatos são como os da criação do universo, ninguém lá esteve, ninguém assistiu mas toda gente sabe o que aconteceu.” (José Saramago, Ensaio Sobre a Cegueira, Cia das Letras, 1995, p. 253).

O padre não aparecia, e também não dava notícias. Seu insistente e demorado silêncio,

combinado com sua ausência física e imagética, trouxe como consequência imediata uma vasta e interminável circulação de seu nome, o qual aparecia como nunca em fóruns de discussão de rede (Internet). Já fora da Internet, as pessoas nada diziam a respeito deste “assunto polêmica”: se esquivavam, silenciavam, ou comentavam suas opiniões apenas entre pessoas de confiança. Muito me interessou este silêncio decidido das pessoas com as quais eu tentava conversar sobre o assunto, de um lado, e o enxame de narrativas, mensagens emitidas de lugares quase indefinidos, que povoavam o espaço virtual.

À frente da administração da Toca de Assis desde suas origens, padre Roberto Lettieri nunca assumiu posse de qualquer paróquia. Acrescentada a estrutura pulverizada de sua fraternidade pelo território brasileiro, o padre se caracterizava por ter uma “agenda cheia”: eram muitas viagens mensais para ministrar encontros, oferecer pregações ou celebrar a Santa Missa. Sua figura pública estava sempre muito presente em uma certa rede de catolicismo carismático. Por vezes, ainda, suas pregações eram transmitidas pela TV Canção Nova e neste mesmo canal, o padre apresentava o programa *Toca para a Igreja*. Além disso, na revista mensal da fraternidade, a *Toca para a Igreja*, sempre havia mensagens do padre para seus leitores, assim como uma agenda com os eventos onde ele estaria. Como nota Portella (2009), a fotografia do padre aparecia em quase todas as páginas da revista. É de se notar que seu “sumiço” tenha provocado um abalo entre alguns fiéis, e como consequência, fofocas e comentários acerca desta mudança de algo que lhes era cotidiano.

A comunidade virtual Toca de Assis, do programa de relacionamentos Orkut, é composta por 39.316 membros, os quais possuem acesso livre para criar ou participar de tópicos de discussão. De acordo com Carolina Parreiras Silva (2008), estas comunidades são um local para discussão e trocas de informações, assim como um espaço para ampliação das redes sociais de um “usuário”. Os tópicos de discussão criados nesta comunidade são os mais variados. Hoje, enquanto escrevo, os tópicos de discussão mais recentes são “Mais um traidor entre nós”, referente a um vídeo que mostra um padre apoiando a candidatura de Dilma Rousseff (este tópico de discussão está com 47 mensagens de respostas de usuários), “Músicas da Toca”, onde os usuários estão discutindo as músicas que mais gostam, “Por onde andarás nosso querido padre Roberto?”, tópico com 32 mensagens de respostas dos usuários, “Capítulo geral da Toca de

Assis”, onde um usuário pede informações sobre o que foi decidido no Capítulo Geral, “Diga não ao aborto e sim a vida”, tópico onde se discute que os católicos devem votar, nas eleições vindouras, em candidatos que sejam contrários ao aborto, “Padre Fábio de Melo fala sobre o DVD Iluminar”, tópico com 67 mensagens de discussão onde um usuário inicia com uma mensagem de divulgação do novo DVD do Padre Fábio de Mello, e recebe muitas mensagens de usuários criticando aquele padre, o qual, segundo a maioria dos usuários, estaria denegrindo a imagem da Igreja Católica através de uma conduta “moderna demais” e “anticristã” nos meios de comunicação midiática.

Desde abril de 2009, os tópicos de discussão mais recorrentemente criados na comunidade Toca de Assis são referentes ao desaparecimento do padre Roberto: ao todo, são 15 tópicos, cada qual com discussões entre 50 e 80 mensagens, com títulos como “Por onde andar o nosso querido padre Roberto?”, “O padre está sendo perseguido!”, “Padre Roberto sumiu, aonde ele se encontra?”, “Dom Bruno se pronuncia sobre a Toca e o padre Roberto”, “Cadê o padre Roberto??”. Mas não era somente neste espaço de discussão virtual que narrativas sobre a questão se manifestavam em grande quantidade. Todos os espaços virtuais em que a Toca de Assis era assunto – em sua maioria, fóruns e blogs católicos, e onde havia a possibilidade de inserção de comentários - foram terminantemente tomados por discussões calorosas e conflituosas.

Há quem faça o trabalho de associar as narrativas emitidas pelos “usuários” de sites de relacionamentos com uma pessoa “real” escondida por trás de um perfil “virtual” (PARREIRAS, 2008). Aqui, escolho pensar a própria capacidade de agência desta máscara que é o perfil virtual. Assim, [martinba](#), [♥ Magaly ♥](#), [👑 Daniel ⚡](#), [ANDRÉ](#), [Solange](#), [***S ilvana](#) e etc. não serão aqui vistos como pessoas, mas como dispositivos emissores de narrativas.

A narrativa mais antiga que tenho arquivada desde o seu desaparecimento data de 12 de abril de 2009, período anterior à publicação de sua carta. Na comunidade virtual Toca de Assis no programa de relacionamentos Orkut, surge uma mensagem intitulada “Onde está Padre Roberto”, onde [martinba](#) dizia estar com saudades das pregações do padre na Canção Nova. “O que aconteceu que ele sumiu?”, era uma das frases desta mensagem. No dia seguinte, três mensagens respondem a pergunta de [martinba](#) naquele fórum de discussões. A primeira delas foi [Fabricio](#),

que disse que ficou sabendo que o padre havia sido afastado “temporariamente” da coordenação da Toca, mas não sabia se era verdade. A segunda resposta veio de [Eduardo e](#), que explica à [martinba](#) que as explicações referentes ao sumiço do Padre Roberto estavam na Internet, mas que haviam sido inexplicavelmente apagadas. Ele não reproduz esta versão que diz ter sido apagada. A terceira resposta, de [Thiago♥Ree Moura](#), informa que o padre está muito bem, indica que conversou com “um de seus filhos mais próximos”⁴⁷, que o informou que o padre estava no ano sabático. [Thiago♥Ree Moura](#) afirma que muitas coisas a respeito do padre estariam sendo ditas, mas que todas se tratavam de mentiras.

O diálogo no fórum virtual continua, e no dia 14 de abril de 2009, [A. C.](#) também emite uma mensagem de resposta à [martinba](#), criadora do tópico “Onde está o padre Roberto?”, dizendo que o padre “*está no ano sabático, vai passar 1 ano descansando a pedido do bispo*”. Informa que o padre havia passado sua quaresma na Terra Santa, e confirma a informação de [Eduardo e](#), de que havia uma explicação publicada por uma Irmã da Toca de Assis na Internet, mas que a mesma havia sido inexplicavelmente apagada. No mesmo dia, [Altierrez](#) e [ANDRÉ](#) escrevem no fórum pedindo a todos que rezem pela Igreja, pela Toca e pelo padre Roberto, não comentando nada acerca do questionamento de [martinba](#) sobre o sumiço do padre. Já [Solange](#), escreve dizendo que “*não importa aonde está o nosso querido padre Roberto, o que importa é que ele esteja bem e que Deus está com ele*”. Termina sua mensagem pedindo para que todos orem pela Toca, “*porque muitos não reconhecem a Toca como uma vida religiosa!*”.

No dia 18 de abril de 2009, [♥Magaly♥](#) responde a mensagem de [martinba](#) dizendo que alguém como aquele padre, constantemente é perseguido, mas onde estiver, estará com Deus. Pede para que todos se unam em oração, porque ele estaria passando por uma longa e árdua caminhada. Em 1 de maio de 2009, [Cidalia](#) escreve dizendo que considera o Padre Roberto Lettieri um servo fiel e adorador de Jesus Sacramentado, e pede que Jesus o proteja “*da língua dos profanos*”. No mesmo dia, [♥Isabel Aguiar](#) também responde ao tópico, comentando quanta saudade ela e o marido estavam sentindo do padre, e contava que nas missas e nas adorações conduzidas pelo padre, chegava a “flutuar”, e sentir que o céu descia na terra.

A ausência de uma narrativa oficial, seja da própria fraternidade, seja de autoridades da

⁴⁷Alusão a uma expressão nativa comum em que se refere aos toqueiros como “filhos” do padre.

Igreja Católica, sobre o desaparecimento do padre, fazia com que estes enunciadores de narrativas agissem no sentido da recuperação de um rosto perdido, a partir de recodificações e descodificações de traços que cada qual considerasse como significativos. Na ausência de uma narrativa que se considere “verdadeira”, o que vemos aqui são grupos de mensagens desencontradas, cada qual tentando adquirir para si a posição de verdade. Ainda assim, há uma constante tensão a respeito desta ausência de uma narrativa oficial, como se pode notar na mensagem do dia 8 de maio de 2009, onde [***S ihvana](#) pergunta para onde foi o padre Roberto, e insiste indagando *“por que não divulgam os verdadeiros motivos para afastar as notícias falsas e até pecaminosas sobre o seu afastamento?”*. O tópico de discussões se encerra quando [Wandi](#), em 24 de junho de 2009, posta uma carta que recebeu do padre Roberto por ocasião de seu aniversário. Nesta carta, o padre afirmava que estava no Getsemani, onde estaria vivendo momentos de mescla de dor e saudades.

Enquanto acontecia a discussão descrita acima, um novo tópico é criado na comunidade em 28 de maio de 2009, intitulado “Pe. Roberto sumiu, aonde ele se encontra?”. No dia 31 de maio de 2009, [Cleusa](#) responde a mensagem dizendo que estava com muita saudade do padre, e pergunta quando poderá ouvir suas pregações de novo. Em 1 de junho de 2009, [Débora](#) continua a discussão afirmando que há muito tempo ninguém tem notícias sobre ele, e indaga: *“o que será que está acontecendo?!?!...”*. No mesmo dia, [* HμD-SON](#) responde ao tópico afirmando que o melhor a se fazer naquele momento era interceder por ele, mas [Daniel 4](#), em mensagem seguinte, insiste que quer saber aonde ele se encontra. No dia 3 de junho de 2009, [Marcos Monteiro](#) escreve que ouviu falar *“de afastamento provisório parece que teve algum problema com algum Bispo ou de doença dele, mas não tenho certeza pode ser especulação.”*. No dia 5 de junho de 2009, a discussão se encerra com a resposta de [Jonathan&Lidiane](#), que informa que *“o nosso tão amado Pe. Roberto se encontra na Terra Santa”,* que ele teria ido para lá para descansar um pouco, *“mas não se preocupem, fui à Toca esse mês e me disseram que em outubro ele está de volta (...)”*.

Em junho de 2009, as discussões sobre padre Roberto Lettieri tornam-se calorosas com a circulação de um documento: uma carta (Anexo 2) assinada por “Ir. Maria Madalena, ocd.”⁴⁸.

⁴⁸Devido às consequências da publicização da referida carta, não pude obter informações dentre os toqueiros acerca de quem seria, afinal, esta “Irmã Maria Madalena”. Os toqueiros se esquivavam perante a minha pergunta, ou diziam não conhecê-la.

Em linhas gerais, a carta informa que *“alguns bispos pediram que [o padre] não se apresentasse em manifestações públicas”*, e a explicação dada para este fato seria devido a uma crescente exaltação da figura daquele padre por muitos fiéis católicos, que estariam idolatrando sua imagem. Informa também que *“na semana retrasada, D. Bruno [bispo da Arquidiocese de Campinas] pediu que o Conselho dos Irmãos administrasse o Instituto Masculino, colocando à frente o Ir. Gabriel, por 1 ANO.”*, e que, devido a tais acontecimentos, *“A Toca de Assis está subordinada espiritualmente ao Bispo de Londrina D. Alano.”* de modo que *“não justifica dizer que o Pe. Roberto foi afastado definitivamente como fundador.”*

Esta carta passa a ser publicada em diversos sites e blogs virtuais, ocasionando um enxame de narrativas emitidas no interior destes espaços. Em um desses blogs, a carta foi publicada sob o título *“As verdades sobre o afastamento do padre Roberto Lettieri”* e até o dia 27 de setembro de 2010, havia 107 mensagens emitidas na seção de comentários. Vejamos algumas delas.

[Elizete](#) diz que o padre está na Terra Santa, pois é seu ano sabático, e celebra missas para as irmãs de um mosteiro. Já [alice cristina](#) diz que o padre está vivendo quase a mesma coisa que Padre Pio, santo do século XX que, após se consagrar como exorcista e sofrer os estigmas de Cristo nas mãos, é mantido em isolamento em um mosteiro da Itália, e depois de morto, é santificado pela Igreja Católica. Para [alice cristina](#), o fato destes padres *“arrastarem multidões”* é que os conduzia a este tipo de relação atribulada com a Igreja. [Marilza](#) escreve que conheceu o padre, já participou de muitas de suas celebrações e que acredita sinceramente que é um santo sacerdote. [Ana](#) interpreta o dito *“afastamento”* como uma imposição do bispo. Diz aceitar, por ser uma imposição vinda do bispo, mas que está sofrendo com isso, assim como imagina que o padre também esteja sofrendo, e escreve que *“seu amor a Deus, sua fé, sua consagração não podem ficar ocultas, nesse mundo louco não podemos ficar sem Padres Santos.”*

Mesmo com a propagação de uma carta que se queria *“oficial”*, os dispositivos de narrativa tornaram-se cada vez mais raivosos no sentido de atuar pela recuperação do rosto perdido de um padre. Como podemos notar nas narrativas que se seguem após a divulgação da carta de Irmã Maria Madalena, a compreensão central que se teve daquela carta foi a de que *“a Igreja havia silenciado o padre”*. Como nota De Certeau (1982), o sacerdote é a fronteira com o

sagrado mais próxima dos fiéis, posicionando-se em um intermédio entre uma vida religiosa e uma vida em sociedade, e por isso, sua conduta santa e exemplar é cobrada por toda uma coletividade que “necessita” de sua mediação.

Neste sentido, a indeterminação em torno de uma figura que se pede exemplar faz com que este nosso padre seja empurrado para posições-limite, como as da suspeita, da condenação e da santificação, e seu sumiço seja apreendido como uma transformação decisiva. As narrativas acusam, e oscilam entre a santidade e a heresia do padre. Como em um julgamento, o que se discute é sobre quais são os comportamentos desejáveis ou condenáveis que uma posição sacerdotal pode ou não manter. [Antonio](#) se apresenta como seminarista, católico, cristão e carismático, e enuncia que *“a dor e o silêncio de Pe. Roberto Lettieri não o afasta da realidade histórica da Igreja, muito pelo contrário, o coloca dentro da galeria dos grandes homens que não estão isentos da miséria própria dos homens, mesmo que redimidos pela Cruz de nosso Senhor.”* Para ele, o padre teria demonstrado uma atitude muito honrada ao obedecer a “Santa Mãe Igreja” se colocando em silêncio. [André](#) diz que foi por causa deste “santo homem” que ele se tornou um “verdadeiro católico”. [Maria Luíza](#) escreve que a vida de padre Roberto Lettieri hoje estava sendo posta à prova com a Cruz de Cristo. Na mesma chave interpretativa, [Grupo de Oração Imaculada Conceição](#) coloca que *“como os outros Santos que já foram elevados aos altares o Padre Roberto esta vivendo seu calvario”* e que *“todos os santos da Igreja precisaram passar por algum martirio e esse é o caminho que o Padre precisa passar para sua santificação.”*

Já [none](#), em um texto maior do que os outros, escreve que é só olhar para a história recente da Igreja para ver que essas “novas ordens” sempre “vão por água abaixo”. Compara o padre Roberto Lettieri a vários outros, que teriam sido “descobertos” como “charlatões”, e afirma que os fundadores destas “novas ordens”, *“com a loucura da fama, querem ser mais que o objetivo para qual a obra foi fundada. Se sentem deuses, tudo podem, as regras, são eles que fazem. (...) Com o Pe. Roberto não seria diferente, com sua “ordem” se aquilo se pode chamar de ordem, entram 100 por dia e saem 200 no mesmo dia. Andam como desvairados pelas ruas, acho que até São Francisco teria medo dessa gente. O padre anda vestido de trapos, depois com os paramentos mais caros e batina feito em Roma, ai onde está a coerência de sua pobreza?”* Termina, depois de apresentar diversos argumentos comparativos: *“Temos que tomar muito cuidado com esses salvadores.”*

Na mesma chave, [Maxmiliano](#) escreve em caixa alta que o verdadeiro motivo de afastamento do padre era que o mesmo teria sido descoberto mantendo relações homossexuais com os próprios “frades” da Toca; e [ex filho da pobreza](#), identificando-se como alguém que viveu seis anos de vida religiosa no interior da Toca, escreve que acreditou por muito tempo que o padre era santo, amava o Santíssimo Sacramento e dava a vida pelos pobres, porém diz ser “TUDO MENTIRA!!!”, e argumenta ter hoje provas necessárias que evidenciam a verdade sobre o afastamento do padre. Mais adiante, [ex toquero](#) também se identificando como alguém que foi da Toca durante seis anos, conta que enquanto o padre Roberto defendia a obediência à Santa Igreja em suas pregações, ele próprio desobedecia os bispos; enquanto proibia os toqueiros de visitarem as religiosas da Toca, ele próprio tinha intimidade com algumas; enquanto proibia os toqueiros de um simples divertimento, ele próprio ia ao parque de diversões com as religiosas da Toca, e enquanto os toqueiros passavam fome, ele próprio tinha dez contas bancárias. A cada exemplo descrito, [ex toquero](#) escreve em caixa alta: “ISSO É SANTIDADE?”

Em torno desses três comentários, aparecem as narrativas de [bruno](#), [lucas](#), [pivatto](#) e [padre pio](#), que clamam por um exorcismo do demônio que habita [Maxmiliano](#), [none](#) e [ex filho da pobreza](#), dizendo que quem julga um sacerdote quer se posicionar como mais forte do que Deus, e que aqueles irmãos estavam “*se preocupando demasiadamente com a situação de pecado*” de um sacerdote. [Pivatto](#) admite considerar o padre Roberto Lettieri “um santo vivo”, que estaria sofrendo os mesmos martírios e perseguições de santos como São Pio, e os mesmos martírios e perseguições sofridos por Jesus Cristo quando os homens de sua época não o viram como Salvador, mas sim como um herege, e o crucificaram. [padre pio](#) julga ser um erro afastar um padre como Roberto Lettieri de manifestações públicas, em um tempo onde a evangelização através dos meios de comunicação se torna tão necessária, e diz: “*Porque sempre querem calar os profetas?*”.

[joão](#) diz concordar com tudo que [ex toquero](#) disse, que a verdade deveria vir à tona, pois “*todos achavam que o Padre Roberto era o mais Santo de toda Igreja de Campinas*”, mas os católicos devem voltar atrás e ter a dimensão de que um sacerdote é um homem, e portanto, pecador. [ex tambem](#) irá traçar uma imagem de um padre Roberto repleto de pecado, e que as pessoas deveriam se informar com o bispo para saber da verdade, pois nenhum padre é afastado por um bispo sem ter cometido algo sério como pedofilia ou homossexualismo. Nega a santidade do

padre Roberto e diz que, como trata-se de um padre nacionalmente conhecido, a Igreja teria abafado o caso mandando-o para Jerusalém, pois se a verdade viesse à tona, muitos pais de jovens que estão na Toca hoje, “*iam querer matá-lo*”. Ao que [Silvânia](#) responde: “*Quanto ao Pe. Roberto, digo: quem não tem pecado q atire a 1ª pedra!*”.

[Indivíduo](#) diz que admirava muito o padre, mas que com tantas acusações, já não sabe mais o que pensar, e comenta que conheceu pessoas que deixaram de serem católicas após saber o que o padre talvez tenha feito. Opta por pensar nas coisas boas que aprendeu com ele, e termina: “*Não vamos defender a santidade do padre intransigentemente, porque ele pode sim ter pecado, como tantos outros. Mas não vamos também desmerecer o que ele fez se, porventura, sua conduta pessoal não se ajustava ao que ele pregava. Bom senso, gente. Nossa meta ainda é Deus, não o padre.*”. [alexandre antunesp](#) revela que fontes muito sérias contaram para ele o que de fato havia acontecido com o padre, e que por conta desta informação, que ele se nega a espalhar, não irá julgar o que o padre fez, e nem dizer que ele é santo. [padre pio](#) comenta novamente, inconformado com o fato de, em um caso como este, o padre não se pronunciar a respeito. Na mesma chave, [מקס גרנד](#) questiona: “*Por que o padre está escondido? Por que o bispo o afastou de suas atividades? Por que até agora a Toca e nem o padre se pronunciou?*”. Em seguida, [ANDREIA](#) se sente contente porque a carta de Irmã Maria Madalena havia sanado suas dúvidas a respeito do que estava acontecendo, e diz que “*Rezo pelo Padre pois o amo muito..Saiba este é um Santo de nossos tempos...*”.

A carta de Irmã Maria Madalena (Anexo 2) confirma o silenciamento de padre Roberto Lettieri, e aponta a Igreja como a responsável central pelo seu afastamento. Ela não tenta responder “o que aconteceu?”, mas sim “por que isso acontece?”, desvelando, deste modo, uma interpretação acerca do modo de operar da Igreja: “*A Igreja não eleva seus filhos às honras dos altares sem antes tê-los elevado às honras da Cruz.*”, diz a carta, oferecendo-nos a imagem de um padre Roberto crucificado, e a imagem de uma Igreja crucificadora. Mas diferente da Igreja do passado, esta não crucifica seus filhos em praça pública. Estando o padre em lugar nenhum, trata-se de um desaparecimento, um apagamento, uma morte “sem deixar rastros”, de sua pessoa pública.

Esta Igreja que crucifica, na carta de Irmã Maria Madalena, é também chamada de Desígnio de Deus. É neste sentido que a carta compara a crucificação de padre Roberto com a

de Jesus Cristo e de outros cristãos que foram reconhecidos como santos, após sofrerem as provações do Desígnio de Deus. Sua carta consagra a crucificação como trajeto necessário da santidade cristã, desvela a vida dos santos como extensões da vida de Jesus Cristo, e sugere que a biografia de padre Roberto também venha a ser uma extensão da vida dos santos: *“Foi um desígnio de Deus que o Pe. Pio não celebrasse mais publicamente, porque era grande o incômodo que aquela multidão causava na capela, no convento e na cidade? Sim, certamente. Foi um desígnio de Deus que Santa Paulina fosse afastada como fundadora da Congregação que fundou e proibida de permanecer na cidade da Casa Geral? Sim, certamente. Foi um desígnio de Deus que Santo Afonso de Ligório fosse “expulso” pelos próprios filhos da Congregação que fundou, os Redentoristas? Sim. E não me alongarei a falar da vida daqueles a quem Deus elevou à Cruz, juntamente com Seu Filho Amado.”* Esta tecnologia de crucificação é respeitada por sua eficácia, mas nem por isso é compreendida: *“Por isso, mesmo que não entendamos, acompanhemos com reverência o que a Santa Igreja, no momento, determina.”* (Carta, Anexo 2).

Posicionado em uma indeterminação que aguarda uma legitimação, padre Roberto é transformado no ícone de um modelo ambíguo: entre a heresia e a santidade, não sabemos se devemos ou não devemos segui-lo, ou apoiá-lo. A indefinição na qual padre Roberto é colocado resulta em uma suspensão, em uma iminência, que faz com que os fiéis católicos se posicionem no sentido de espera por uma “verdade” proferida por autoridades ou pelo próprio padre Roberto Lettieri.

As narrativas sobre o assunto “desaparecimento do padre” que pude ouvir de pessoas fora do mundo da Internet foram muito poucas, porém preciosas.

Na paróquia que meus pais frequentam, alguém estava sabendo que o padre fora afastado, mas o por quê não havia sido divulgado. Mesmo assim, os boatos que corriam eram o de que ele teria “mexido” com algum dos “meninos” da Toca. Algumas semanas depois, encontrando com minha mãe, perguntei por mais novidades, mas ela se negou a me passar as informações que havia recebido, por temer que eu tornasse pública, em minha dissertação, uma *verdade* que deveria ser escondida. Por outro lado, ela me perguntou o que eu havia descoberto, e eu disse que, de acordo com a carta do padre Roberto, quem estava à frente no cuidado da Toca

era o bispo de Campinas. A reação da minha mãe a essa informação foi no mínimo interessante. Se calando em um primeiro momento, no dia seguinte se dirigiu a mim com a seguinte frase: “Então quer dizer que agora os toqueiros obedecem o bispo!”. Passados mais alguns dias, inicia o assunto com a frase: “Então quer dizer que o bispo apoia os toqueiros?”. Ora ela se referia aos toqueiros como “obedecendo”, ou seja, entrando na linha de um bispo; ora ela achava que o bispo de Campinas poderia ser “parecido”, ou “igual” aos toqueiros, na medida em que os apoiava. Após alguns meses, ao notar que a Toca “estava mudando”, ela finalizou sua argumentativa com a seguinte assertiva, que levará até o final da presente pesquisa: “Então quer dizer que é o bispo quem tá cuidando da Toca agora? Acho muito bom, porque aqueles meninos andavam muito jogados por aí, descalços, sem estudo. Pelo menos o bispo pode botar ordem.”

O afastamento do padre indica uma desordem, e o que faz é colocar de volta no lugar o poder de uma hierarquia que estava sendo subvertida. Estamos diante de um momento social onde aspectos fundantes da sociedade, normalmente encobertos pelos costumes e hábitos do trato diário, ganham uma assustadora proeminência (TURNER, 2008). O jogo entre o sujo e o limpo, o marginal e o santo, o mendigo e o Cristo, característicos da Toca de Assis, são agora revistos sob o ponto de vista de uma transgressão à boa ordem e à boa moral. Ainda, tal transgressão é salientada sobre uma só pessoa, a do fundador, o qual é posicionado em uma fenda incômoda, ilegítima.

Na Comunidade Canção Nova de Campinas, uma interlocutora que preferiu se manter anônima me informou que o padre estava internado em uma Casa de Repouso, não por estar doente, mas por estar muito cansado, e com depressão, pois sua comunidade havia crescido muito, e o trabalho havia aumentado, o que o deixara abatido, doente. Suas frases seguintes foram no sentido de afirmar que o bispo havia colocado o padre em uma Casa de Repouso, mas que não havia confirmação da informação como realmente verdadeira, porque “o pessoal inventa muito, né.” Outra informante desta mesma comunidade, que também preferiu se manter anônima, me disse conhecer alguém que teria averiguado acerca da situação de padre Roberto diretamente com o bispo de Campinas, e o mesmo havia dito que o padre estava em retiro devido a uma “estafa mental”. No meio dessas informações referentes a uma internação, encontro uma outra narrativa, de um jovem que se apresentou como um leigo da Toca de Assis

e me disse que a Igreja estava escondendo o padre, internando-o em algum lugar, porque o padre havia recebido os estigmas de Jesus Cristo e a Igreja não queria revelar. Porém o mais comum foi ouvir, entre os informantes que acreditavam na hipótese da internação, que o padre tinha ficado louco de vez – partindo sempre do pressuposto de que louco, ele sempre havia sido.

Outro boato que me chegou ao ouvido foi de uma amiga que escutou uma conversa na paróquia que frequenta, e me contou depois. Duas senhoras, frequentadoras da paróquia, conversavam entre si a respeito do caso, comentavam que o padre estava fazendo umas missas muito exageradas, com uma ritualística muito fora do padrão, que dava a impressão de que ele entrava em transe, em possessão, no momento da transubstanciação. Para aquelas duas senhoras, tal atitude seria “um exagero”, pois dava a impressão de que ele quase se tornava o próprio Deus ali no meio do rito, incorporando Deus. Na opinião de uma das senhoras, ele tinha que sair mesmo, “isso não pode, não tem nada a ver com o catolicismo”, dizia.

Segundo Victor Turner (1980), a narrativa é um instrumento que motiva a conduta humana em situações estruturais de sentido. Turner recupera o sentido etimológico da palavra *narrar*. Narrar vem do latim *narrare* (to tell, contar), uma parente do latim *gnarus* (to know, saber), ambas derivativas da raiz *gna* (to know, saber), raiz da qual deriva o latim *cognoscere* e do grego, *gnosis*. Desse modo, a narrativa é um termo adequado para uma atividade reflexiva que busca conhecer eventos antecedentes e o significado desses eventos.

O drama social é uma matriz experiencial a partir da qual muitos gêneros de performance cultural foram gerados, começando pela compensação ritual e procedimentos jurídicos, e eventualmente incluindo narrativa oral e literária (TURNER, 1980: 158). Para Turner (1980), a narrativa está incorporada no centro do drama social, esta unidade trans-temporal de processo social. No drama social, a narrativa é conhecimento (e/ou *gnosis*) emergindo da ação: é conhecimento experiencial que visa rearticular valores e objetivos opostos em uma estrutura de sentido, num enredo que faça sentido cultural, em um esforço de rearticular um grupo social desmantelado. Ali onde a vida histórica falha em proporcionar um sentido cultural, a narrativa e o drama social talvez tenham a tarefa da *poesis*, ou seja, de refazer o sentido cultural, “*even when they seem to be dismantling ancient edifices of meaning that can no longer redress our modern "dramas of living"-now evermore on a global and species-threatening scale.*” (TURNER, 1980: 168).

Se no ritual há uma imolação experimentada pelos performers, no drama social há uma imolação transmitida via narrativa. O que distingue a imolação do drama social e a do ritual é que o drama, formatado em níveis biográficos, faz despontar *um* sujeito imolatório. Quando começam a acontecer mudanças estruturais dentro da Toca de Assis, todo um coletivo irá colocar como principal pauta de discussão a vida, os comportamentos e a personalidade do líder fundador, que será criado e recriado por este coletivo, ora como um louco, ora como um pedófilo, ora como um salvador incompreendido, a partir de narrativas discordantes. As narrativas tentam recompor sua pessoa desaparecida, nos fornecendo a medida certa para que, por nossa vez, tentemos também reconstituir padre Roberto Lettieri.

O sacerdote descalço

Evento: Tocão

Ano: 2006.

Era noite, e as arquibancadas do rincão estavam apinhadas de jovens, que começaram a brincar de ola (quando grupos se levantam sucessivamente dando um efeito de ondas). Então, um coordenador da TV Canção Nova entra no palco, pega o microfone e pede silêncio para o pessoal, pois iriam entrar “no ar” (o Tocão era transmitido ao vivo pela TV Canção Nova) e também porque o barulho estaria desconcentrando o pessoal que iria atuar no musical dentro de instantes.

Eis que entra no palco o Pe. Roberto, com suas roupas franciscanas esfarrapadas, pulando, dançando, pega o microfone da mão do coordenador e diz, muito animado: “Aê, pessoal, vamos ensaiar uma ola para aparecer no ar!!”. A galera toda veio ao delírio diante daquela rebeldia. O rincão inteiro gritava, fazendo mais barulho do que antes, e ria muito. “Vamos, vamos fazer bastante barulho!”, pede o padre, e começa a ensaiar a ola com o público, dessa vez incitando não só o pessoal que estava nas arquibancadas, mas também o pessoal que estava nas cadeiras dispostas no meio da quadra. A ola é ensaiada umas oito vezes, com grande algazarra.

De repente, o pessoal que estava tomando conta da mesa de som do evento coloca para tocar o Hino do Corinthians, que ecoa por todo o rincão, e o padre, corintiano roxo, começa a pular pra lá e pra cá, todo animado, erguendo os braços contente; e alguns jovens começam a gritar em coro, da arquibancada: “Ão, ão, ão! Segunda

divisão!”⁴⁹, e padre Roberto, no microfone, diz, todo sisudo: “Respeita o padre!”, ao que todos caem na gargalhada. Quando faltavam alguns segundos para o canal entrar “no ar”, o padre começou a olhar a vinbeta de abertura do programa por um pequeno monitor que havia próximo ao palco, e ia falando com a galera, ao microfone: “Vai começar. Trinta segundos! Olha, tá aparecendo eu! Não, não sou eu... ali, o Padre Jonas! Tomando banho... de bermudão...”, e a galera indo ao delírio, rindo muito.- Diário de campo, Flávia, 2006.

Quem é, afinal de contas, este padre de quem tanto se fala e sobre quem tanto se quer saber?

Em uma gravação em vídeo do Sexto Acampamento de Oração realizado em 1995 na Canção Nova, cujo tema era “Jovens: sementes de um novo amanhã”, Roberto Lettieri, ainda diácono, nos oferece um relato autobiográfico, a partir da narrativa de testemunho.

Aos 33 anos, o vemos, no vídeo, com um cabelo bem comprido, despenteado, uma barba média, e já vestindo suas roupas marrons, esfarrapadas, feitas de um tecido grosseiro. Descrevo aqui sua narrativa biográfica, seguindo a mesma cronologia da narração. Inicia dizendo a alegria que estava sentindo em poder partilhar, com aquelas pessoas ali presentes, um profundo testemunho de seu viver. Começa contando que sua vocação fora uma luta, um sofrimento: enfatizando seus 33 anos de idade naquele momento, conta que até os 21 anos de idade, ele não conhecia Deus, não conhecia a Igreja, não conhecia nada sobre doutrina católica, nem catequese; não havia tido nenhuma formação dentro do catolicismo durante a infância e adolescência. Narra que sua adolescência e juventude foi vivida no litoral de São Paulo, na cidade de Itanhaém, e sua vida ali consistia em futebol e praia. Seu grande sonho era ser jogador de futebol. Vem com sua família morar em São Paulo aos 17 anos e realiza seu curso de ferramenteiro no SENAI durante três anos. Treinava futebol pela manhã, e estudava no SENAI durante a tarde, e jogava futebol à noite. Conta que, na época, ele nunca colocaria, em uma lista de cem profissões que ele desejasse seguir, “eu quero ser padre”: nem cristão ele queria ser.

Terminando seu curso no SENAI, passou a jogar futebol em um time da Penha que se chama Botafogo, localizado próximo ao Clube do Corinthians Paulista, na marginal Tietê. Nesse

⁴⁹Em 2006, o Corinthians havia caído para a Segunda Divisão.

momento conta que, embora tivesse sempre morado na região de Santos, e sua família toda fosse santista, ele sempre gostou de torcer pelo Corinthians. Embora tenha recebido muitos convites para jogar na Vila Belmiro – tinha até um primo que já estava lá -, sempre recusou vestir a camisa do Santos, pois era corintiano até a morte. Seu amor pelo futebol era muito grande. “A minha loucura, a minha paixão, era o Corinthians”, diz. Ele pertencia a Torcida Unida Gaviões da Fiel há seis anos, e ao se mudar para São Paulo, se torna diretor daquela parte que coordenava as bandeiras, participando de todos os jogos, chegando no estádio às 9h da manhã para dispor as bandeiras, organizar os objetos, etc. Quando, jogando no Botafogo, certo dia o treinador do Corinthians o viu jogar e o convocou para treinar no Corinthians. Então aos 19 anos de idade começa a jogar no time aspirante do Corinthians, sonhando entrar no Morumbi lotado.

Mas um dos jovens que jogava com ele naquele time, o chama para fazer um encontro de jovens⁵⁰ em uma igreja da Mooca, em São Paulo. Ele se nega, porque não queria perder um final de semana sem jogar e sem acompanhar o Corinthians; mas o amigo dele não queria ir sozinho, e então Roberto acaba aceitando. Na tarde de sábado, naquele encontro, uma garota de 15 anos chamada Giselle começa a falar sobre Jesus, e como Roberto conta, era a primeira vez que ouvia alguém falar de Jesus como um Deus que havia morrido por nós e que estava vivo, próximo, um Deus que poderia dar a liberdade plena. Dessa palestra até o final da noite, Roberto conta que chorava muito, chorava muito, e que fazendo uma retrospectiva, tinha certeza, na data em que narra esta história, que aquele foi o seu batismo no Espírito Santo. Seus amigos diziam: “Roberto, pára de chorar, já passou a emoção, pára de chorar!”, mas já não era a emoção, era seu coração que queimava por algo que ele não conhecia, mas esse desconhecido era o Senhor, começando a entrar em sua vida.

Já no domingo, último dia do encontro, foi a primeira vez que Roberto chegou perto de um sacerdote. Ele o toma pela mão e diz: “Agora vamos encontrar Cristo”. Ao narrar este momento, Roberto enfatiza ao público que, com aquela idade, ele não tinha conhecimento

⁵⁰Tratava-se de um Encontro de TLC (Treinamento de Liderança Cristã), criação de padre Haroldo Rahm voltada para a evangelização e formação espiritual da juventude. Talvez um pioneiro em traçar uma noção de juventude cristã nos moldes carismáticos, o TCL funcionava através de retiros de três dias. Com um glossário próprio, seus participantes eram chamados de “tolocos”, e a música e a vivência em comunidade formavam os pilares do encontro (RAHM, 1972).

nenhum, nem sabia o que era sacrário, e não sabia nada sobre o mistério da Eucaristia. E chegando na capela, aquele sacerdote colocou Roberto e os outros jovens em torno de uma “caixa dourada” (que era o sacrário, mas para ele, sem conhecimento, aquilo era uma caixa dourada), e tomando a chave do sacrário, disse àqueles jovens: “Agora vocês vão encontrar Cristo”. Foi então que naquele momento, Roberto teve, em suas próprias palavras, “uma experiência muito pessoal, muito mística, muito profunda”. “...aquela caixa dourada foi a maior experiência que eu tive na vida até hoje, e continua sendo.”, diz, ainda. Quando o sacerdote abre o sacrário, e Roberto vê as hóstias ali depositadas, escuta uma voz impressionante, poderosa e humilde, forte e suave, que lhe diz: “Vem e segue-me!”. E assim, Jesus Sacramentado mudou sua vida: “Aquele “Vem e segue-me” não poderia ser outra coisa senão dar a minha própria vida para que Jesus Sacramentado fosse conhecido, amado e adorado por todos.”, diz Roberto, em seu testemunho.

Após este episódio, passados alguns meses, foi conversar com o sacerdote que coordenara aquele retiro, e disse a ele sobre o seu desejo de se tornar padre, ou seja, seu desejo de levar o Santíssimo Sacramento com suas próprias mãos, para que o mesmo fosse visto por todas as pessoas. Este sacerdote disse a ele que as coisas não funcionavam assim tão rápido, que outros padres tinham que ver se ele tinha mesmo vocação, e aconselha a Roberto que não contasse sobre sua experiência diante do sacrário para os padres, porque estes iriam achar que ele tinha ficado louco, não iriam acreditar nele. Certo dia, quando Roberto foi participar de uma vigília, viu pela primeira vez um ostensório, e se ajoelhou diante dele por muito tempo, para orar. Narra que, em um determinado momento, Jesus falou com ele, através daquele ostensório, e lhe disse que ele entraria no seminário, informando-lhe também o dia em que isso aconteceria. E assim se cumpriu. Dois meses antes da data anunciada a Roberto por Jesus Sacramentado, aquele sacerdote do encontro liga na casa de Roberto e lhe diz que tem uma surpresa para ele: os padres estigmatinos iriam recebê-lo, ele teria que se apresentar no Seminário Menor exatamente no dia em que o Senhor havia lhe anunciado.

Chegando ao Seminário Menor, em Ribeirão Preto, cursa os três anos de filosofia, e seu superior o pede para fazer o quarto ano de filosofia. Obedecendo seus superiores, viu então toda a turma que havia entrado no seminário com ele, ir para o noviciado, e ele ficar, para repetir

um ano. Depois disso, segue para Campinas cursar mais quatro anos de noviciado. Quando faltava um mês e meio para terminar seu noviciado, seu superior de noviciado lhe chama e lhe apresenta uma proposta, dizendo assim: “Nós não sabemos ainda se você é bom da cabeça, se você é um santo ou se você é um louco. Então nós queremos que você repita o seu noviciado. Faça de novo. Ou você faz de novo, ou você é quem está saindo.” - ou seja, ou ele repetia os anos, conforme seus superiores o ordenara, ou ele desistia de seu desejo de se tornar sacerdote. Roberto narra então como foi sofrido receber aquela notícia, e ver todos os noviços indo para a frente, tornando-se padre, e ele ali, ficando por mais quatro anos⁵¹.

Diz então ao seu superior que passaria a noite inteira na capela adorando o Santíssimo, e que no dia seguinte traria sua resposta. Naquela noite, conta Roberto, Jesus se manteve calado. Quando faltavam apenas cinco minutos para raiar o dia, Jesus disse a ele: “Continue o meu caminho onde estás.” Repete então os quatro anos, e depois começa seu curso de teologia. Roberto conta que Jesus Sacramentado lhe ensinara a amar os pobres, e que por isso, ele começa a conviver com mendigos, auxiliando-os, dando-lhes carinho. E numa dessas suas caminhadas pelas praças de Campinas, cuidando de um “irmão da rua”, fazendo um curativo, foi se aproximando um jovem, e depois, outro jovem, e assim sucessivamente. Enquanto ele cuidava daqueles pobres, o coração daquela juventude foi sendo tocado pelo poder de Deus, que foi trazendo mais e mais jovens para ali. “E assim nasceu a Fraternidade Toca de Assis”, conta.

Termina seu testemunho dizendo que seus anos de teologia ainda vem acontecendo, e que se tudo correr bem, irá se tornar sacerdote no final do ano. Apresenta ao público sua fraternidade, que também vem crescendo. Jovens sobem ao palco, e relatam o significado que Jesus Sacramentado e o pobre de rua têm em suas vidas. Fim do vídeo.

A partir de sua experiência de conversão diante do tabernáculo, padre Roberto trava, desde o início de seu sacerdócio, uma luta pelo que considera ser a essência da cristandade: a defesa da realidade da transformação da hóstia e do vinho em verdadeiro corpo e sangue de Jesus Cristo⁵². A presença real de Jesus Cristo na Eucaristia é, para Lettieri, um mistério que

⁵¹Um dos sacerdotes (anônimo) que estudou com padre Roberto Lettieri durante o período do Seminário Menor comenta que Roberto passava horas e horas de joelhos diante do tabernáculo. Seu comportamento incomum gerava desconfiança entre seus superiores e colegas. Mais adiante, voltaremos às impressões de seus colegas da época do Seminário.

⁵²Sua defesa se torna luta pois, de acordo com seu entendimento, há uma onda de contestação que quer arrancar

constitui o grande e essencial pilar da Igreja Católica. Somente através do contato com a Eucaristia é que o fiel poderá “conhecer Jesus Cristo”, e “experimentá-Lo”. Para Lettieri, é precisamente a racionalização da Igreja, que compreende o mistério da transubstanciação nos termos de “metaforização” ou “lembrança”, que deve ser combatida. Foi comum ouvi-lo pregar, de maneira bastante incisiva, revoltada e em alto volume, que a Eucaristia “Não é metáfora! É real! Jesus Cristo está vivo!”⁵³.

A defesa da presença real de Jesus Cristo na Eucaristia era travada, por Lettieri, principalmente através do resgate de uma ritualística da Santa Missa. Sob seu ponto de vista, os católicos deveriam entender de uma vez por todas que na Missa, se participa da verdadeira Paixão, morte e ressurreição do Senhor, o qual derrama Seu sangue na Cruz todos os dias, em todas as vezes que uma Missa é celebrada. Dessa forma, a Missa deveria ser assistida e celebrada de acordo com seu real significado: o de um ritual de sacrifício de um Deus⁵⁴.

De acordo com Victor Turner (1980), a religião não é um sistema cognitivo acoplado a um conjunto de dogmas: religião é experiência significativa e significado experienciado. Para o autor, a religião *vive* na medida em que é performatizada, ou seja, na medida em que seus rituais continuem operando indefinidamente. No ritual se vive através dos eventos e dos símbolos, se revive as ações e palavras dos santos e dos profetas, dos mitos e dos épicos sagrados. Padre Roberto “redescobre” o ritual cristão de transubstanciação como um poderoso atualizador simbólico a partir do qual ele conseguirá reviver as ações e palavras do Evangelho.

Na experiência sacerdotal de padre Roberto, a presença real de Jesus Cristo na Eucaristia (i) garante o que chamará de “experiência pessoal com Deus”; (ii) resgata a

este mistério da Santa Igreja, levando junto, com isso, o mistério do altar e o mistério do Santo Sacrifício da Missa. Esta onda de contestação se manifesta na proposta da brevidade da Missa, brevidade esta que minimiza a Igreja e minimiza o sacerdócio, colocando-os em um patamar qualquer (LETTIERI, 2005).

⁵³Em 2005, padre Roberto deu início a sua Missa de Páscoa de uma maneira bastante curiosa, ao menos para mim: posicionando-se junto aos outros fiéis do lado de fora do templo, que estava com suas portas fechadas, o padre batia à porta com um grande crucifixo de madeira, e gritava “Abra! Jesus Cristo está vivo! Jesus Cristo está aqui e quer entrar!”.

⁵⁴Por salientar esta proximidade do sacerdócio com o milagre eucarístico, padre Roberto Lettieri prezará pela obrigação de santidade dos sacerdotes católicos. Conforme bem nota Portella (2009), justamente por causa deste alto grau de reconhecimento do poder sagrado sacerdotal é que a crítica de padre Roberto aos funcionários de Deus se torna mais aguda quando os mesmos são percebidos como desempenhando de modo indigno – ou seja, de modo não-santo – a função que lhes cabe. Padre Roberto condenava, em suas pregações, a brevidade da missa e os sacerdotes que realizavam suas missas sem os devidos paramentos e as devidas vestimentas.

sacralidade dos objetos litúrgicos, tais como o ostensório e o tabernáculo, os quais tornam-se também este Jesus vivo que fala com seus adoradores com “uma voz impressionante”; (iii) faz da Santa Missa um ritual sacrificial e de batalha espiritual, no qual o sacerdote exercerá a função fundamental de sacerdote sacrificante, intermediário entre os vivos e o mundo sobrenatural, em cujo corpo se reúnem o mundo sagrado e o mundo profano (MAUSS e HUBERT, 2005).

Conduzir o ritual da Santa Missa tal qual um ritual de sacrifício significa colocar o sacerdócio em um patamar de poder sagrado e de santidade. Para Lettieri, é o sacerdócio quem faz Jesus estar presente; é o sacerdócio o principal atuante da interiorização mística e da doutrina católica, via Eucaristia. O sacerdote, por ser aquele quem convive muito próximo ao milagre eucarístico, deve dar a sua vida ao altar de Deus, sua vida ao sacrifício da Santa Missa. Do ponto de vista de Lettieri, Jesus Cristo está presente *no* sacerdote que o celebra, ou seja, naquele momento em que o sacerdote opera o milagre da transubstanciação, o sacerdote entra em uma dimensão de continuidade com o sobrenatural, com o divino. Foi comum ouvir, entre toqueiros e outros católicos participantes de suas missas, que antes da transubstanciação, o peso do cálice era um, mas depois, o peso do cálice aumentava sobremaneira; e o mesmo acontecia com o ostensório, que diziam pesar muito quando havia nele uma hóstia consagrada. Estamos diante de uma ênfase à Eucaristia como Corpo Místico, como a presença verdadeira de Jesus Cristo que tudo muda – cura, manifesta dons, subverte a física dos corpos - , misticamente⁵⁵.

Quando padre Roberto é afastado dos encargos administrativos da Toca de Assis, e “desaparece”, seus livros saem de circulação das livrarias católicas. Exatamente no momento do seu afastamento, um excerto de um livro “censurado” seu, livro do qual eu nunca havia tomado conhecimento, me chega às mãos. Tratava-se de excerto de um livro intitulado *Adoremos a Paixão de Nosso Grande Deus e Senhor Jesus Cristo, Nossa Salvação*, e editado pela Palavra & Prece. No excerto, há uma narrativa em que padre Roberto descreve uma de suas experiências no momento do ritual de transubstanciação da Santa Missa.

⁵⁵A divinização de um simples pedaço de pão também se estende para os objetos, particularmente para o Santíssimo Sacramento, que torna-se um poderoso contaminador do Corpo Místico de Jesus Cristo, e, quando manipulado pelo sacerdote, poderá também atingir e transformar os corpos dos fiéis; trazendo como consequência uma certa contaminação do sagrado capaz de desmanchar as fronteiras clássicas entre sagrado e profano – como se verá mais detalhadamente no Capítulo II, onde também discorro acerca do modo como os católicos experimentavam os rituais de aflição conduzidos por padre Roberto Lettieri.

Padre Roberto inicia seu relato comentando uma passagem do Apocalipse, onde se diz que Jesus Cristo voltará trazendo um manto embebido de sangue. Este sangue é o mesmo derramado no Horto das Oliveiras, é o sangue que tomamos sobre o altar. Lettieri explica que quando o sacerdote ergue o cálice com o vinho transformado em sangue, no momento da consagração, este sangue corre pelos braços do sacerdote e desce até as pessoas que o assistem, banhando-as.

E então, no parágrafo seguinte, começa a descrever uma experiência pela qual passou ao celebrar uma Missa em seu retiro quaresmal. Celebrava em uma quinta-feira que tinha sido um dia de muito cansaço, e então no momento de erguer o cálice, ele ergueu até o mais alto que conseguiu, e chorava, as lágrimas escorriam de seus olhos enquanto ele erguia o cálice. Eis que, segundo nos conta, ele recebe uma visão: o Sangue escorria pelos seus braços, descia e inundava toda a Igreja, passando por debaixo das portas, invadindo as casas, e conforme o Sangue de Jesus entrava, serpentes iam saindo. Viu as almas de pessoas que haviam se suicidado serem levadas pelo Senhor para serem lavadas e purificadas naquele sangue, no altar. Enquanto tinha essa visão, passava por um terror infernal: o demônio dizia a ele “*Abaixa este Cálice, abaixa esta coisa, abaixa isso, desce esse Cálice. Não! Não faça isso! Desce esse Cálice! Não erga mais, abaixa esse Cálice, desce esse Cálice!*””, pesando o cálice em seus braços. Suas palavras retratam uma experiência entre o céu e a terra, com visões do demônio e da batalha, revelando uma verdadeira continuidade entre o sacerdote e o sagrado.

Uma das lições de sua experiência mística era a de que “... *nós temos que ser formados pelo Sangue de Cristo! Não pela faculdade, não pela filosofia, nem pela teologia. É o Sangue de Cristo que forma os seus Sacerdotes, os seus Consagrados e Consagradas.*”. Ou seja, a conexão direta entre o fiel e seu Deus, possibilitada pela comunhão do sangue, é mais potente do que qualquer letra ou filosofia. Aquela substância, sendo o próprio Cristo, servirá de alimento para a alma; e seu receptor, o comungante, se tornará ele próprio um sacrário. E esta conexão direta com Deus, de acordo com padre Roberto, é um misto de alegria e sofrimento. Conforme conta, neste excerto, aquela quaresma em que recebe tal visão foi de muitas lágrimas derramadas, muito sacrifício, recompensado com esta alegria chorada que foi a visão. Pois “*é assim o caminho de Jesus, não tem outro caminho, não adianta.*”. Finalizando, escreve que fica feliz quando lê em algum livro ou

instrução dos Santos Padres que narram experiências parecidas com a que ele teve, pois significa que não é algo que ele “criou”, confirmando sua experiência pessoal com Deus como verdadeira.

Ao aproximarmos o ritual da Santa Missa ao esquema mauss-hubertiano de sacrifício, temos que, em um determinado momento, o operante (no caso, o sacerdote) está absolutamente fora de seu controle voluntário, podendo o sobrenatural invadir e se manifestar em seu corpo. De acordo com Mauss e Hubert (2005), o sacerdote sacrificador, enquanto agente visível da consagração, traz o nome, o título ou as vestes de seu deus, é a encarnação mesma de seu deus, ou pelo menos o depositário de seu poder.

Deste modo, a partir do ponto de vista mauss-hubertiano de sacrifício, defender que Jesus Cristo está presente *no* sacerdote que o celebra significa que, naquele momento em que o sacerdote opera o milagre da transubstanciação, ele entra em uma dimensão de continuidade com o sobrenatural, com o divino; e confere como resultado um corpo-sacerdote possesso pelo Cristo, em uma mística capaz de subverter tanto a subjetividade como a objetividade: não é o meu corpo quem fala por mim, ou está em mim, mas sim Deus – ou o Carisma.

Ser possesso por Cristo é também ser crucificado, é receber Suas chagas, é ser tentado por demônios. De acordo com a narrativa de Lettieri, não é apenas com Deus que o sacerdote sacrificador entra em contato durante o ritual. Atingido o contínuo com o sagrado em seu corpo, o sacerdote alcança também a perigosa mescla entre o céu e o inferno acessado sem mediações: abertas, as portas para o sobrenatural parecem querer se alagar, descontroladas⁵⁶.

De acordo com Mauss e Hubert (2005), o sacrifício é um ritual agonístico, ou seja, é a morte, a aniquilação, quem conduz à santificação, palavra que, etimologicamente, significa mudança de natureza: o corpo “natural” consagra-se em corpo “sobrenatural”, dotado de uma força sagrada. O elemento agonístico atravessará tanto o deus-vítima como o sacerdote-sacrificador, estabelecendo uma continuidade entre tais elementos, particularmente devido ao extremo contato entre o sacrificador e o sacrificado. Mauss e Hubert (2005) alertam que, quando em algumas mitologias, a vítima sacrificada é deus, a apoteose sacrificial não é outra coisa senão o renascimento deste deus-vítima. Ou seja, o sacrifício do deus é garantia de seu

⁵⁶Outra importante pregação de padre Roberto Lettieri leva o título “A Missa é o drama do Calvário”; cuja expressão, bastante sugestiva à nossa presente análise, padre Roberto atribui ao papa João Paulo II.

renascimento. Conforme a própria visão de Lettieri, o ritual de transubstanciação consiste no derramamento de sangue de Jesus Cristo, ou seja, sua crucificação mesma, a fim de que Ele se torne vivo dentre os fiéis. Vivo, e sob o formato Eucarístico, este Cristo poderá entrar em contato com os fiéis, fazendo dos mesmos, um sacrário.

Para Bataille (1987), a santidade, do ponto de vista sacrificial, está intimamente relacionada com a transgressão. De acordo com Bataille, a transgressão é o transbordamento do limite entre o mar e a costa; é o imprevisto, a única possibilidade de sair do cálculo, do sério, do trabalho que aliena, do descontínuo. O interdito (ou seja, aquilo que é proibido perante lei) é o eixo da transgressão: é se banhando no sujo, no perigoso, na morte violenta que se alcança o contínuo, lugar de confusão e desordem onde as fronteiras duais estão desmanchadas.

De acordo com o autor (BATAILLE, 1991), a humanidade estaria fundada na descontinuidade, na razão que tudo ordena em termos dicotômicos. A violência sacrificial, assim como o sexo e a possessão, seriam capazes de gerar momentos epifânicos, momentos de passagem do descontínuo para o contínuo, onde o homem obteria uma experiência de “anti-humanidade”, a qual Bataille (1991) denomina como “animalidade”. Para Bataille (1991), a continuidade é imanência, sagrada antes mesmo da dicotomia sagrado/profano, em um patamar onde nada é distinto.

Para Bataille (1987), foi a experiência do sagrado⁵⁷ quem garantiu ao homem o alcance da continuidade. Porém o cristianismo, em seu fundamento, desviou o movimento inicial da transgressão – ou seja, a continuidade – para a superação da violência em seu contrário, o amor. Segundo o cristianismo, a continuidade reencontrada em Deus reclamava o amor desvairado e inculcado do fiel, para além das violências pautadas nos delírios rituais, e intentou, desta forma, transformar o mundo egoísta da descontinuidade em um reino da continuidade inflamado pelo amor.

Para Bataille, o cristianismo teria mergulhado o mundo divino no mundo da descontinuidade ao expulsar o impuro da esfera do sagrado. Rejeitando a impureza e a possibilidade de alcançar o divino pela via dos suplícios, o cristianismo fez com que o bem que houvesse no mundo profano encontrasse a luz da santidade, e o mal, por sua vez, encontrasse a

⁵⁷Um sagrado que, do ponto de vista batailleano, está intimamente ligado ao perigo, à desordem, e à subversão características do contínuo.

parte diabólica do sagrado.

Do ponto de vista batailleano, o sacrifício é um drama reduzido ao episódio final, onde a vítima animal ou humana atua veridicamente até a morte. Para o autor, o sacrifício da missa é uma reminiscência de uma antiga proximidade do homem com o sacrifício sangrento do animal ou do humano. Uma reminiscência que só raramente consegue atingir a sensibilidade de uma maneira bem viva.

Bataille irá sugerir que se a missa não consegue atingir em seus fiéis uma reminiscência sangrenta, é porque o cristianismo tratou de fabricar uma aversão em relação a transgressão, se negando a relacionar santidade com transgressão. Os santos cristãos que em vida, atravessaram a tensão entre a heresia e a consagração, teriam seguido os rastros da continuidade a partir da vivência, em seus corpos, da transgressão fundamental ao descontínuo através deste amor agonístico a seu Deus.

Ademais, o caráter agonístico, o contato com entidades “malévolas” e a capacidade transformadora do ritual cristão de transubstanciação vivenciado por Lettieri o coloca no mesmo patamar do que Turner (2005) chamou de ritual de aflição⁵⁸. Trata-se de um ritual em que o sujeito experimenta a doença (compreendida, aqui, como uma aflição de um parente morto a um vivo) e, se consegue se curar, torna-se um curandeiro, e é escolhido para ser um intermediário nos futuros rituais que coloquem os vivos em comunicação com os mortos. Conforme Turner (2005), o caminho para o prestígio religioso passa pela aflição⁵⁹.

Para Lettieri, a via da cruz é quem eleva o católico à santidade – santidade, aqui, compreendida na chave desta “mudança de natureza”, deste “tornar-se” em que o corpo do católico, via oblação, passa a ser um “possesso por Cristo”; o corpo do católico tornado instrumento através do qual Deus, ou o Carisma, fala, profetiza, realiza curas, manifesta dons. Nas suas palavras, “a restauração da Igreja vem através dos que caminham no mistério da Cruz” (LETTIERI, 2008, p. 33) e entrar pelo caminho da cruz significa doar a vida em oblação, em reparação, em sacrifício, oração e renúncia dos pecados – em suma, uma batalha espiritual pelo

⁵⁸Peter Fry e Gary Howe (1975) já haviam sugerido uma aproximação entre o pentecostalismo carismático e a aflição.

⁵⁹Tal assertiva se conecta à visão de William James (1994), para o qual foram as características extáticas, o ouvir vozes, o ter visões, as obsessões e as experiências psíquicas anormais que contribuíram para que se atribuíssem autoridade e influência religiosa aos líderes do cristianismo.

cadinho do sofrimento. Vida entregue, despojada e consumida (e por esta via, santificada, estigmatizada, transformada em instrumento do sagrado) com o objetivo de restaurar a Santa Igreja⁶⁰. Tanto os toqueiros como o padre costumavam se referir a este “caminho estreito” com a expressão “a loucura da cruz”.

Uma segunda consequência da defesa da realidade da transformação da hóstia e do vinho em verdadeiro corpo e sangue de Jesus Cristo é que Eucaristia, Jesus Cristo Sacramentado, Santa Missa e Santa Igreja são a mesma coisa, são uma continuidade: assim, padre Roberto poderá dizer que, se o católico quer viver realmente para Cristo, deve se consumir para a Santa Igreja, deve dar a sua vida para a Santa Igreja, porque ela é o Cordeiro. Se consumir, se martirizar, viver a Paixão: o dia a dia de um religioso deve ser como uma Missa que nunca acaba, sendo que tal ritual sacrificial se estende do altar até a rua, o sangue do Cordeiro imolado jorrando das mãos do sacerdote-sacrificador no altar e se transformando em rios de sangue que atravessam os corredores do templo até atingirem as ruas da cidade.

Este sangue sacrificial, ao mesmo tempo impuro e sagrado, é transmitido para as ruas através dos corpos misticamente encarnados. Pois, de acordo com Lettieri (2005: 13), a Paixão *“continua no corpo dos pobres e sofredores”*. O corpo do senhor leproso é o Corpo do Senhor ferido, é o Corpo do Senhor abandonado: *“O Corpo de Cristo é o Corpo de Nosso Senhor que vem até nós escondido na vida de tantos sofredores.”* (LETTIERI, 2005: 15). É nesse sentido que segue sua crítica ao “católico insosso”, ao “católico inerte”, ou seja, aquele que ama a Igreja somente da boca pra fora e não se esforça em descobrir seu carisma, sua missão a partir do suor, da vida entregue, posto que para seguir Cristo, é preciso *“lavar a roupa no Sangue do Cordeiro”* (LETTIERI, 2005: 15).

A continuidade entre Paixão, Sangue de Cristo, corpo do leproso e corpo do comungante é resolvida, por Lettieri, na recuperação da hagiografia de santos que compreenderam a Paixão no corpo do leproso, e vivenciaram a Paixão em seus próprios corpos. São Francisco irá lhe fornecer a estrutura mítica fundamental para sua composição: um jovem

⁶⁰“Não pensem vocês, filhos e filhas, que vocês vão reconstruir a Igreja de uma forma mágica, de maneira instantânea. É claro que Deus vai tomar a sua vida, vai fazer com que você passe pelo cadinho do sofrimento, pelo mistério da Cruz e é assim que Ele vai levantar a Sua Igreja. A Igreja Católica de Nosso Senhor Jesus Cristo será restaurada pela vida entregue e despojada de todos nós, pela vida consumida de todos nós. É uma luta diária, uma entrega diária, uma cessão diária.” (LETTIERI, 2008, p. 34).

rico, filho de mercador de panos, que abandonou tudo, renunciou definitivamente os bens materiais paternos, “tornando-se um maltrapilho, numa verdadeira afronta e protesto contra a sociedade burguesa” para, assim, poder viver os “contatos mais profundos com o Evangelho.” (LETTIERI, 2008, p. 58). Assim como no ritual de aflição o curandeiro precisa ir até o inferno para aprender a exterminar demônios, seguir a “loucura da cruz” também implica em beijar o leproso, implica em tomar um copo de pus⁶¹. Desta maneira, padre Roberto Lettieri também criará para si um corpo-toqueiro que o permita viver a Missa que nunca acaba em seu dia a dia, operando, desta forma, com um desaguamento do ritual sacrificial para dimensões que se querem “seculares” e “profanas” - a rua, o urbano, a pobreza.

No dia a dia, padre Roberto usava sua roupa franciscana - que costumava ser ainda mais rota do que a dos toqueiros -, sua tonsura na cabeça e andava de chinelos de borracha, ou descalço. Em sua casa, na Vila Industrial, morava com toqueiros e com acolhidos da rua, e se comportava exatamente como um toqueiro, como um igual. Conforme ele próprio dizia, costumava dormir na rua quando saía em peregrinação. Se, por um lado, havia uma proximidade muito grande entre o padre e os jovens, na Santa Missa ele se transformava. O padre fazia questão dos melhores paramentos para a Santa Missa, exigia que os objetos para a consagração fossem todos de ouro, assumia um ar muito sério e respeitável. Fora do ritual da Santa Missa, andava aos farrapos, dormia no chão, morava e comia com os pobres, sem comodidade alguma. Um jovem católico da ala da Teologia da Libertação me disse, certa vez, que o padre era contraditório porque se dizia pobre, mas quando “virava padre”, queria os objetos mais caros.

Muito me marcou a maneira como alguns informantes me apresentaram a figura de Roberto Lettieri na época em que compunha a turma de teologia na PUC, em Campinas. Chegando a Campinas para dar prosseguimento a seus estudos, Roberto se constituiu como uma figura rebelde aos olhos da Igreja, uma rebeldia que incomodava o clero. Nas aulas de teologia, Roberto já demonstrava sua discórdia com a Igreja, até chegar o dia em que ele sai daquele esquema de formação sacerdotal do tipo sala de aula, estudos e leitura, e vai para a rua⁶². Vai

⁶¹De acordo com Mary Douglas (1991), Santa Catarina de Sena se censurava pelo nojo que tinha pelas chagas dos doentes que tratava, e, “sendo a higiene incompatível com a caridade” (DOUGLAS, 1991, p. 24), bebeu deliberadamente um copo de pus.

⁶²O incômodo que Roberto Lettieri causava nas aulas de Teologia da PUCCAMP evidencia um outro ponto não menos importante, a saber, de uma linha tradicional-conservadora no ambiente universitário católico de

para a rua, renegando todo o status que uma posição diaconal é capaz de conferir: passa a se vestir como um mendigo e a andar descalço pelas ruas da cidade. Mesmo depois de ser ordenado padre, continua andando descalço pelas ruas da cidade, sem tomar para si uma paróquia para administrar, mas com sua Toca de Assis que encontrará sua origem naquelas ruas e praças campineiras.

Criando para si um corpo-toqueiro, Roberto não é apenas o padre Roberto, mas é também o Irmão Pelicano. Este é seu nome de consagração na Toca de Assis, seu nome toqueiro. De acordo com os toqueiros, o pelicano é um símbolo do sacramento eucarístico, pois o pelicano é uma ave que fura a si mesmo com o próprio bico, dando seu sangue como alimento aos seus filhotes no inverno. Para os toqueiros, Pio Pelicano é Jesus, que deu Seu corpo para nos alimentar. Tal qual o mito da Fênix⁶³, o mito do Pelicano se apresenta como um símbolo sacrificial de ressurreição, nos fornecendo pistas para pensar uma tensão fundamental do cristianismo: a sensação de que o corpo seja mais que mera coisa (RABINOW, 2000).

“É morrendo que se vive”, diz a Oração de São Francisco de Assis. Tal qual o pelicano que se auto-imola para alimentar seus filhos, seguir a loucura da cruz significa escarificar no corpo os estigmas de Jesus Cristo. Nas palavras de Lettieri, “É preciso (...) ter o coração aberto pelos estigmas causados por amor à Igreja.” (LETTIERI, 2008, p. 35). Do ponto de vista sacrificial, o que esta imitação da crucificação do Cristo faz é imitar o esquema sacrificial da transubstanciação no corpo do católico, que com isso, se santifica, torna-se um sacrário, e entra em continuidade com um Deus que vive através da morte.

Há mais: a imitação da crucificação de Cristo implica numa aproximação extrema com corpos ao mesmo tempo impuros e sagrados, visto que Jesus Cristo se encontra encarnado no “irmão de rua”. Os estigmas, mutilações corporais resultantes da crucificação, são os mesmos estigmas encontrados nos supliciados “irmãos de rua”. Nas palavras de padre Roberto, para ser verdadeiro cristão, é preciso “tocar nas chagas de Cristo e carregar Sua Cruz”. Neste sentido,

Campinas. Roberto Lettieri preferia as ruas às aulas de Teologia, assim como, nas ruas e aos finais de semana, com seu primeiro grupo de jovens, frequentava os encontros e os grupos de oração vinculados à Renovação Carismática Católica, que diferentemente do contexto norte-americano, não se constituirá em ambiente universitário, mas sim através de atividades pastorais dentre um público de classe média (CARRANZA, 2000).

⁶³Segundo o mito grego, havia apenas uma Fênix viva de cada vez, e passados quinhentos anos, a ave tocava fogo em si mesma e, ao morrer em meio às chamas, surgia um novo pássaro das cinzas.

faz-se necessário puxar para si este pobre sofredor, e vestir-se como ele (TURNER, 1974) – ou seja, imitá-lo (SELLIGMAN-SILVA, 2009).

Esta extrema proximidade do sacerdote-sacrificador-pelicano com o supliciado Cristo encarnado no “irmão de rua” potencializa a dimensão aflitiva e liminar que atravessará padre Roberto. Para Mary Douglas (1991), ao retirar o impuro da esfera do sagrado, o cristianismo operou com uma separação entre o sagrado e o profano, a qual teria fornecido à nossa sociedade a garantia de uma ordem social fundamentada na produção de descontínuos classificatórios. De acordo com a autora, a impureza é uma categoria residual, a qual, pelo seu poder de contradizer um habitual sistema de classificação, se liga à desordem, à confusão, à anomalia e à ambiguidade – as quais, por sua vez, são evitadas e temidas, posto que perigosas.

Os seres marginais (em cuja categoria se inserem os moradores de rua, socialmente construídos como “fora de lugar”) estão intimamente ligados a este tipo de perigo. De acordo com Mary Douglas (1991), onde o sistema social exige que os indivíduos desempenhem papéis ambíguos, são-lhe atribuídos poderes espirituais incontrolados, inconscientes, perigosos e desaprovados. A conexão que Irmão Pelicano estabelece entre a encarnação de Jesus Cristo e tais figuras andarilhas, moventes, provoca o desaguamento das polaridades sagrado/profano, puro/impuro, seguro/perigoso num social que se quer regrado, e dá o tom – ao mesmo tempo incômodo e venerável, santo e herege - deste inundar do Sangue de Cristo (que desagua do Altar para a rua) que Irmão Pelicano almeja levar em seu corpo peregrino. É ao trazer novamente ao cristianismo um sagrado impuro e suplicial que Lettieri atinge a santidade transgressora de Bataille (1987).

A combinação do corpo-sacerdote e do corpo-toqueiro faz de Roberto uma pessoa mista. Padre Roberto reúne, em si, o contínuo (sagrado perigoso) do sacrifício e o ambíguo (sagrado perigoso) da liminaridade⁶⁴. O jovem seminarista se delinea, assim, em prol de uma

⁶⁴No esquema de Mauss e Hubert (2005) do sacrifício de um deus, temos que o deus, que é ao mesmo tempo o sacrificante, coincide com a vítima, e mesmo com o sacrificador. Diante disso, Mauss e Hubert (2005) poderão afirmar que no sacrifício todos os elementos penetram-se e confundem-se: o sacrifício provoca indistinção entre sagrado e profano, e entre substância e relação. Ademais, é o caráter de penetração íntima do sacrifício e posterior separação condutora de uma transformação da natureza do sacrificado é o que torna, para os homens, o sacrifício como técnica de restabelecimento de equilíbrios perturbados, sendo que, com o sacrifício, o equilíbrio se estabelece pela via de um caos original, uma expiação. De fato, o esquema mauss-hubertiano do sacrifício, juntamente com a filosofia da duração de Henri Bergson, é quem dará o tom para o esquema de

moral fraterna que em tudo é contrária ao estilo senhorial que constitui a figura do sacerdote: vestindo seu corpo-toqueiro com trapos e se negando a chinelos, instaura uma contradição na medida em que o faz sem abandonar uma posição social de senhorio, a saber, a do sacerdote. Operando com conexões rebeldes às posições conformes, acaba conferindo para si poderes inimagináveis, a partir de uma imitação que se torna possessão de Cristo potencialmente incontrolável.

Fronteira com o sagrado mais próxima dos fiéis, o sacerdote é o guardião de chaves cruciais de acesso ao sagrado: o poder da transformação do pão e vinho em corpo e sangue, o poder de receber a confissão, o poder de conferir os sacramentos, etc. Neste intermédio, ele precisa ser “segurado” tanto pelos fiéis como por autoridades acima dele, pois é grande o perigo da abertura incontrolável destas portas de acesso ao sobrenatural. Se por algum motivo se rompem, acabam alagando mundos, fazendo adentrar tanto demônios como anjos no mundo dos homens (DE CERTEAU, 2000).

Pelas vias da imitação, da aflição, do sacrifício e da liminaridade, padre Roberto fará de seu corpo e de sua biografia, literalmente, máquinas de atualização do mito cristão. Ele próprio se constituirá enquanto metáfora criadora e movente da presentificação de um Deus. Vivenciando cotidianamente, e em todo lugar, o sacrifício eterno da Santa Missa, padre Roberto traz a liminaridade e a aflição para a estrutura que se quer isenta dos perigos do contínuo. Assim, Roberto Lettieri vai se constituindo como um monstro liminar (TURNER, 2005), entre o louco e o santo. Tal ambivalência faz com que, ao longo de toda sua trajetória, a constituição de si como pessoa seja desmantelada em diversas situações e contextos. O desmantelamento da pessoa de padre Roberto Lettieri acontece quando sua identidade não é mais entendida, pelo mundo social, como constância em si mesmo de um ser responsável, previsível, ou no mínimo, inteligível. É quando, subvertendo uma biografia tipo caminho, ou estrada; subvertendo um “eu” constituído por fronteiras bem definidas, o mundo social não o identifica mais como

liminaridade e aflição que compõem a noção de ritual de Victor Turner e Mary Douglas. A riqueza da dimensão sacrificial trazida por tais autores para o esquema de liminaridade e aflição é exatamente a possibilidade de se registrar, no social, casos de indistinção da fronteira dual classificatória que supostamente teria fundado o homem moderno cartesiano. A partir do esquema aflitivo, o que funda a humanidade – ou seja, o que faz com que os homens se pensem como “algo a mais” do que “coisa”, matéria finita e entrópica – é o próprio potencial movente e significador da imolação experimentada no ritual.

normalidade plausível. Seja no momento em que seu superior lhe diz que não sabe se ele é um santo ou um louco, seja no momento em que desaparece e vai para o Getsemani (não se sabe se enviado ou por vontade), seja nas inúmeras vezes em que as casas de sua fraternidade são fechadas por petições de vizinhança, ou quando pais de jovens toqueiros decidem processar a Igreja por achar que a Toca fez “lavagem cerebral” em seus filhos, temos uma trajetória da dificuldade de reconhecimento e aceitação do mesmo como pessoa religiosamente qualificada.

No exílio, ele começa a escrever. Mesmo silenciado pela Igreja Católica, suas narrativas insistiam em percorrer um fluxo de leitores, escolhidos a dedo, que recebiam suas partilhas através de redes de e-mail, e que vez ou outra as publicava em blogs pessoais, sempre de maneira escusa.

“Tantos obstáculos, tantas perseguições...mas o Senhor disse: Bem-aventurados sois quando vos perseguirem por causa do meu nome.”, diz Lettieri não só quando fala sobre o outro, em seus livros e pregações, mas também nas suas partilhas escritas durante seu período de afastamento. Estas partilhas, que algumas pessoas recebiam por e-mail e depois divulgavam em blogs pessoais, eram narrativas que o padre escrevia logo após ter comungado. Temos, assim, com seu afastamento, uma preponderância de narrativas que, apesar de raras, são bastante inspiradas. Em uma delas, ele escreve dirigindo seu eu narrativo a Jesus, como uma conversa com Jesus. Em quase todas, ele se descreve chorando – com a indicação “(lágrimas)” -, e mescla palavras em caixa alta e em caixa baixa. Vejamos um exemplo:

“... A TUA SANTA MISSA É MANANCIAL DE DOR E DE ALEGRIA, É TÃO BELO, TÃO SANTO PODER ESTAR EM TEU ALTAR E DIZER COM A ALMA OS SENTIMENTOS DO CORAÇÃO, AO COMUNGÁ-LO TÃO VIVO, TÃO SANTO. SOU FELIZ! MESMO NA DOR! GRATIDÃO POR TUDO MEU AMIGO. TE CONSAGRAR E TE ADORAR JESUS É MINHA ALEGRIA, É A CERTEZA QUE SOU FELIZ, ADORAR-TE É A CERTEZA QUE SOU FELIZ!!! MESMO NO MISTÉRIO DO SOFRIMENTO. TERMINO ESTA AÇÃO DE GRAÇAS COM MINHAS LÁGRIMAS E EMOÇÃO, TE AMAR JESUS É UMA GRANDE EMOÇÃO, É UMA EXPECTATIVA BELA DE TUDO O QUE PODE FAZER O TEU AMOR E MESMO QUE NÃO O FAÇA, TER DE TI ME ALIMENTADO MAIS UMA VEZ NA MINHA VIDA É O FAÇA-SE DE

TUDO!” (...) “NÃO TENHO COMO NÃO DERRAMAR LÁGRIMAS DE GRATIDÃO, E TE DIZER QUE ÀS VEZES TENHO “MEDO” DESTE MOMENTO DE MINHA VIDA PASSAR, PORQUE SEI QUE HOJE, MESMO PERDENDO MUITO, SOFRENDOS MOMENTOS QUE SÓ O SEU E O MEU CORAÇÃO SABEMOS, SOU FELIZ, TALVEZ NUNCA MAIS SEJA TÃO FELIZ COMO AGORA (LÁGRIMAS) MESMO SOFRENDOS A “SOLIDÃO” E O DESEJO DE GRITAR OS TEUS MISTÉRIOS DE AMOR LEVANTANDO TEU CORPO E SANGUE.”

As experiências místicas de padre Roberto Lettieri, e sua publicização, vão gerar uma espécie de justaposição que culminarão em um esfacelamento anacrônico de sua pessoa, através de seu desaparecimento via agências externas que o expõem de vez para um outro mundo, um mundo perigoso onde o sobrenatural e o humano convivem: mundo este metaforizado pelo Getsemani. O que sobra, é seu fantasma, que se tenta reconstituir através das linhas de narrativas; e uma sensação de iminência: a metáfora da espera de sua ressurreição.

Para além do ritual envolvendo a consagração e manipulação da Eucaristia, padre Roberto se define como um exímio pregador. Suas pregações eram gravadas em fitas K7 (e um tempo depois, em CDs), e era costume entre os jovens carismáticos emprestarem uns aos outros estas pregações, como muitas vezes me emprestaram⁶⁵. Muitas vezes nomeadas, pelos católicos, de “palestras”, suas pregações se caracterizavam pelo tom profético e de denúncia. Tal qual São João Batista, expunha seu público com o indicador apontado, chamando-o de “raça de víboras”. Ademais, é sob a mesma lógica do corpo como um aparelho possesso por Cristo - não é o meu corpo quem fala por mim, ou está em mim, mas sim Deus, ou o Carisma – que padre Roberto constitui sua narrativa de pregação. Antes de suas homilias e “palestras”, padre Roberto, após rezar a oração “Vinde, Espírito Santo”, dizia: “Neste momento, não sou eu quem vos falo, mas o Espírito Santo quem fala por mim.”

Escolhi, para este texto, analisar a pregação “São Pio – não podemos deixar o mistério da cruz”, onde padre Roberto, ao reconstituir a biografia de São Pio, fala sobre si mesmo – pois

⁶⁵É compreensível, portanto, o abalo gerado entre fiéis católicos frente ao seu silenciamento: um pregador que se cala é no mínimo algo a ser notado com surpresa.

fala-se de si quando fala-se do outro – e sobre aquilo que considera a Igreja de seu tempo. Esta pregação data de 2004, pouco tempo depois do referido assassinato de sete moradores de rua, em São Paulo, que levará padre Roberto beijar o chão da Praça da Sé, junto a padre Julio Lancelotti. A primeira frase que Pe. Roberto cita, nesta pregação, é atribuída ao capítulo sexto da carta de São Paulo aos Gálatas: “Eu quero a glória na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo”. Fora esta frase que o papa João Paulo II tornou lema da canonização de padre Pio. Um santo é canonizado pelas virtudes heroicas que viveu, e uma virtude heroica de padre Pio, de acordo com padre Roberto, foi abraçar o sofrimento com alegria, com sabedoria, pela santidade.

Na narrativa de padre Roberto, padre Pio recebeu na sua alma o fogo das chagas de Jesus Cristo – ou seja, ele recebeu os estigmas de Cristo nas mãos e nos pés, em 1918 – e também foi marcado na altura do coração por um Serafim, com um ferimento de quatorze centímetros, enquanto adorava Cristo crucificado. Padre Pio levará aqueles estigmas por cinquenta anos (até o dia de sua morte), machucados que lhe proporcionavam muita dor, levando padre Pio a uma vida marcada pela experiência com o sofrimento de Jesus Cristo na cruz. Neste momento da narração, Pe. Roberto faz uma ponte para os dias de hoje, onde, segundo ele, o evangelho é tão pregado, mas infelizmente tão mal vivido, porque o mundo teria se acostumado a ser egoísta, cada qual se fechando em seu mundo, e não há entrega, ninguém vai ao encontro do sofrimento, e muito menos ao encontro do sofredor. Assim, para o católico de hoje, “basta ir à Missa e pronto”. De modo que a fé vai se distanciando da vida. É preciso poder dizer, ter a coragem de dizer: “Eu só tenho uma graça na minha vida: a cruz de Jesus Cristo.” Padre Pio provou isso em sua vida, e é o que nós, infelizmente, não temos provado.

Nos dizeres de padre Roberto, os católicos tem medo de viver o sofrimento da cruz de Jesus Cristo, primeiramente, por causa do medo de uma grandíssima verdade: a de que Jesus Cristo é pobre. De acordo com o padre Roberto, nesta pregação, qualquer um que prescrutar o Evangelho do início ao fim irá encontrar esta grande realidade: Jesus Cristo é pobre, humilde e humilhado até a morte, morte de cruz; e seus eleitos e suas eleitas vivem este mistério de um Deus humilhado. É nesse sentido que Padre Pio percebe, a partir do seu próprio sofrimento com as chagas, o quanto as pessoas sofriam, e imputa para a sua vida uma missão, a de fazer algo pelos pequenos, pelos humilhados – pois esse era o significado de adorar Jesus Cristo na

realidade de sua vida. Foi um sacerdote que sentia que precisava salvar, por causa de Jesus; precisava salvar as almas e dar alívio aos corpos das pessoas que vinham até ele.

Padre Pio recebe, então, do Espírito a inspiração para levantar uma casa, a Casa de Alívio ao Sofrimento, onde acolhe os pobres sofredores, vivendo seu testemunho de ajudar as pessoas que sofriam, e o fazia sempre com muita alegria. Foi por carregar o sofrimento da cruz em sua carne que Padre Pio se inspira no Cristo escondido nos pobres sofredores. E é nesse sentido que a vida de Padre Pio, do ponto de vista de padre Roberto, nos ensina que santidade é entrega de nossas vidas, é o consumo de nossas vidas pelo outro. Mas o que tem acontecido, principalmente entre os que comungam, é um anti-testemunho: há, dentro da Igreja, um orgulho terrível, onde as pessoas querem aparecer, e ninguém quer a cruz de Cristo, ninguém. E o que o testemunho de Padre Pio ensina aos católicos é que nós não podemos nos vangloriar de nós mesmos, nós não podemos abandonar o mistério da cruz do Senhor, nós precisamos ser humilhados.

E como Padre Pio foi humilhado, como ele foi pisado, ao viver, em sua vida, o testemunho do Deus verdadeiro! Os homens que, em sua época, constituíam a Igreja visível, o proibiram de celebrar a missa publicamente, e de confessar. E Padre Pio não pensou de outro modo: “eu tenho que obedecer a Santa Igreja”. É nesse momento da pregação que padre Roberto diz ao seu público que prestem atenção, pois há caminhos que às vezes parecem difíceis e tortuosos de serem aceitos pelo nosso coração, mas é preciso compreender: “como é bom obedecer”, pois foi obedecendo com amor que Padre Pio alcançou o reconhecimento de sua santidade, a qual, até hoje é colocada em dúvida por alguns. Pois o dom de carregar os estigmas não é um dom de glória, é, antes, um dom da humilhação, que só traz humilhação; é viver profundamente a humilhação em seu testemunho de vida. Não é um estigma fantasioso, é um estigma que perfura, dói, sangra, e Padre Pio carregou estas dores por cinquenta anos.

De acordo com a pregação de Padre Roberto, esta humilhação necessária, esta cruz na vida do católico, muitas vezes é a própria Igreja quem oferece. Pois a Igreja prova seus santos pelo cadinho da humilhação. Assim, benditos os que ficaram dentro da Igreja, e não a abandonaram, mesmo vendo a fraqueza dos homens da Igreja, seja de sacerdotes, ou de leigos de sua paróquia, mas mesmo assim permaneceram fiéis ao coração de sua Igreja, permaneceram

autênticos à única e verdadeira Igreja de Deus. Crer verdadeiramente significa, de seu ponto de vista, amar a cruz: amar o sofrimento, como fez Jesus Cristo. Amar o sofrimento não significa ser triste ou depressivo, pois é possível sofrer louvando a Deus. E como padre Roberto diz, em sua pregação sobre Padre Pio, em um mundo tão secularizado, onde todos fazem o que querem, falar de cruz é um escândalo. Os católicos teriam perdido a sensibilidade com o sofrimento, seja o sofrimento doído dos mais pobres, seja o próprio sofrimento, que sempre é desvalorizado, pois, nas palavras do padre, no mundo de hoje as pessoas só buscam a felicidade.

Vemos claramente, neste contar sobre o outro, qual é o modelo de Igreja a qual Padre Roberto quer ser fiel, e quais são as suas críticas a uma realidade da Igreja de seu tempo que não condiz com seu projeto de Igreja. A Igreja Católica, segundo padre Roberto, é a única que guarda o Sangue de Jesus Cristo, é a única que guarda o mistério de Jesus Cristo: as outras religiões, protestantizadas, são marcadas por terem perdido esse mistério, por terem renunciado esse mistério do corpo e do sangue. Mas ao mesmo tempo, padre Roberto sabe que, apesar de ser a única e verdadeira, esta Igreja Católica tem suas mazelas. “A Igreja Católica precisa de mística!”, exorta padre Roberto Lettieri nesta pregação sobre Padre Pio. “Bem-aventurados os que veem nos pobres a Paixão de Cristo, como fez Teresa de Calcutá.”, dirá, ainda.

Da mesma forma que inunda a rua com o Corpo e Sangue de Cristo, padre Roberto desagua a dimensão ritual na dimensão narrativa. Tanto Bataille (1987) quanto Turner (1980) pressentem uma derrocada do ritual com a secularização nas sociedades complexas. Estas teriam, em seu processo de industrialização, urbanização, disseminação da alfabetização, migração laborial, especialização e burocracia, se “des-limiarizado”, perdendo, com isso, o poderoso componente subjuntivo do ritual. No entanto, a narrativa, se pensada como um gênero êmico ocidental, parece ser, do ponto de vista de Victor Turner (1980) uma das netas ou bisnetas do ritual “tribal” de liminaridade⁶⁶. Já Bataille (1987), por sua vez, aproxima nossa concepção atual de drama (no romance e no teatro) à noção de sacrifício antigo.

Turner (1980) conecta a experiência ritual de liminaridade com a narrativa, pensada enquanto “conhecimento experiencial”. Derivando do ritual de liminaridade, a narrativa também contém elementos agonísticos, também oferece o “caos” gerado pela unidade de significados

⁶⁶ O que remete a própria produção histórico-social da Bíblia como um livro sagrado, pelos escribas e sacerdotes. Conforme Deleuze e Guattari, “o livro se tornou o corpo da paixão” (1995, p. 68).

dísparos presente nos símbolos rituais. Da mesma forma que no ritual de liminaridade os Ndembu utilizam-se de símbolos rituais para efetuar a transição entre indicativo/subjuntivo/indicativo nos estágios de liminaridade, a narrativa se utiliza da metáfora enquanto uma metáfora ritual. Turner, citando Robert Nisbet, diz que a metáfora é na realidade metamórfica, transformadora: “A metáfora é a maneira que nós temos de efetuar a fusão instantânea de dois domínios de experiência distintos em uma imagem iluminadora, icônica e englobadora.” (Nisbet apud Turner In Dramas, p. 21). Assim, a narrativa que considere o uso da metáfora como uma espécie de “monstro liminar”, reviveria a criação liminar de metáforas fundadoras como no ritual “real”.

Tanto na experiência narrativa como na experiência ritual o que conduz à ação (e conseqüentemente ao aprendizado agonístico) é o paradigma prajna/vijana: intuição/compreensão; experiência/aprendizado; *bhys/abhys*. Quando uma mãe Ndembu conta aos seus filhos a história de Yala Mwaku e Lweji Ankonde ela está oferecendo este paradigma-radical, ela está oferecendo um repertório com começo, meio e fim, para quando os Ndembu quiserem provocar uma transgressão. O “action-paradigm” fornecido pela contação do drama social é capaz de provocar “possessões” semelhantes às vivenciadas nos estados de liminaridade ritual: foi o que aconteceu com Thomas Beckett, ao performatizar, em sua vida e morte, a via crucis de Jesus Cristo em sua contenda com o rei (TURNER, 2008). Tanto o ritualizar como o narrar criam realidade, produzem pessoa.

De acordo com Latour (2004), o cristianismo não fala a respeito de ou sobre coisas, mas de dentro de ou a partir de coisas, entidades, agências, situações, substâncias, relações, experiências. Trata-se de uma forma de discurso capaz de transmitir pessoas, e não informação, seja porque produz pessoas ou porque novos estados se produzem nas pessoas a quem tal discurso se dirige. Como nos lembra Latour (2004), no grego, *evangelios* significa trazer a boa nova, ou seja, consiste numa técnica de aproximar, presentificar Deus; tal como quando a Virgem ouve a Anunciação do anjo Gabriel, ela se transforma, engravida do Cristo. Trata-se de 'palavra encarnada', cuja eficácia se relaciona com determinada vibração através da qual é proferida: “a única maneira de compreender histórias como as da Anunciação é *repeti-las*, isto é, pronunciar novamente a Palavra que produziu no ouvinte o mesmo *efeito*” (LATOUR, 2004, p. 356, grifo do autor), a saber, o de engravidar o ouvinte, o de renovar a presença de Deus no

receptor da mensagem.

Ao mesmo tempo em que nega a possibilidade de se acessar a Jesus Cristo pela via da faculdade e da teologia, padre Roberto Lettieri conferirá à narrativa um estatuto privilegiado de acesso a este Deus encarnado. Notemos bem: narrativa em performance, palavra encarnada que obtém o efeito de presentificar Jesus no ouvinte quando dramaticamente contada, e repetida, por um bom narrador. Ademais, o bom narrador é o próprio Deus, Espírito Santo que falará através do corpo daquele que narra. Tanto quem narra como quem ouve entrarão em contato com a manifestação de Deus na palavra narrada. E o Verbo assim se faz Carne.

Sob a mesma lógica, padre Roberto presentifica Deus ao repetir a linha da Paixão em seu corpo, pela via aflitiva. Em sua trajetória, padre Roberto faz de sua vida cotidiana, uma extensão do ritual da “Santa Missa”, e de sua biografia, uma extensão do Evangelho. Constituindo-se na fronteira perigosa entre a heresia e a santidade, sua experiência religiosa nos fornece chaves para pensar a potência de criações inéditas, no cristianismo, para a relação do homem com seu Deus; assim como nos faz refletir sobre as tensões fundamentais do cristianismo, a saber, como conhecer e acessar um Deus “estrangeiro”, encarnado em um “passado”, quando as fontes oferecidas são a “Palavra” e o corpo. Quando padre Roberto se utiliza da narrativa para pregar, quando constrói para si, um corpo-toqueiro digno de se viver o Evangelho, e quando ritualiza sacrificialmente na Santa Missa, ele está repetindo, em seu corpo e em sua biografia, histórias como as da Anunciação, com uma certa vibração e veracidade na performance que garantem a eficácia de presentificar Deus.

**“A Igreja
não reconhece
só a questão social,
mas a questão
do carisma em si.”**



Padre Roberto abraça o Papa Bento XVI, no Vaticano

Imagem 3 - Fotografia de divulgação, em entrevista de padre Roberto Lettieri ao Portal Canção Nova (www.cancaonova.com)

Capítulo II

O Deus Experimentável

“ - *Você sabe o que realmente importa? (...)*
Coisas que não podem ser explicadas
mas podem ser experimentadas.”
(DONNER-GRAU, 1998, p. 42)

No testemunho biográfico analisado no capítulo anterior, padre Roberto Lettieri se refere a uma caixa dourada a qual, segundo ele, havia sido e continuava sendo a maior experiência que pudera ter em sua vida até aquele presente momento. Quando aberta, aquela caixa dourada emitira uma voz impressionante, que lhe dissera “Vem e segue-me!”. Compreendendo ser esta voz o próprio Jesus Cristo falando com ele, seu testemunho nos evidencia um tipo de experiência religiosa sensorial e, em suas próprias palavras, “mística”. Ao se consagrar como padre e fundador da Toca de Assis, padre Roberto passa a figurar como testemunha anunciadora de um Deus vivo que pode ser visto, ouvido, tocado; em suma, experimentado.

O intuito deste segundo capítulo é apresentar de que modo uma determinada experiência religiosa, particular ao universo pesquisado, se espalha nas narrativas dos membros e vocacionados da Toca de Assis e determina uma indistinção entre acontecimentos ordinários e acontecimentos extraordinários passíveis de se manifestar em seu cotidiano e de definir suas escolhas pessoais. Tal capítulo também intenta discorrer acerca de uma tecnologia de contaminação do sagrado presente em certas manipulações de objetos litúrgicos que, em sua relação com corpos humanos, compõem a expressão nativa *experiência pessoal com Deus*. Se em um primeiro momento salientamos a vibração das vozes, dos poderes e das encarnações da referida caixa dourada sobre um sacerdote, aqui faremos uma inflexão no intuito de captar o escoamento e a multiplicação desta caixa dourada sobre os fiéis que de alguma maneira entram em contato com sua ressonância e tornam-se também testemunhas anunciadoras de um Deus vivo e experimentável.

Finalmente, nos debruçamos sobre o aspecto de dupla natureza contido na (i) presença real de Jesus Cristo na Eucaristia e (ii) presença real de Jesus Cristo no *irmão de rua* como

garantias de uma experiência religiosa que, de acordo com os meus interlocutores de pesquisa, coloca os toqueiros em acesso direto com Deus e com o sagrado, possibilita a vivência de dons e *carismas* no cotidiano de sua vida religiosa, e os transforma em testemunhas vivas do Evangelho.

Irmã Talita, jovem sorridente de pele branca, olhos verdes e rosto delicado, com seus 23 anos administrou a Pastoral Vocacional da região de Campinas no período de 2006 e 2007. Talita era estudante de Artes Plásticas quando se decidiu pela vida religiosa no interior da Toca de Assis, e segundo nos contava, desde criança sua mãe costumava dizer que sabia que Talita iria ser freira. Quando nos encontrávamos, Irmã Talita gostava de insistir na seguinte pergunta, dirigida a mim: "Como você sente Deus lá no coração? O que Ele fala para você?". A despeito de eu nunca ter podido responder a sua pergunta, me chamava atenção esta referência a um Deus capaz de ser sentido, visto, ouvido. No intuito de que eu compreendesse esta relação, Irmã Talita sugere que eu preste atenção às histórias do chamado *encontro pessoal com Deus* contadas por toqueiros e toqueiras.

Encontro pessoal com Deus, experiência pessoal com Deus e conhecer Jesus são expressões utilizadas pelos membros da Toca de Assis para se referir a uma experiência em que a sensorialidade, a relação corporal e a emotividade formam os pilares para uma apreensão e compreensão significadoras de Deus e do sagrado. Trata-se de um contato imediato com Deus, que se formula no âmbito da experiência. Seu caráter 'pessoal' indica, de um lado, uma intimidade no contato entre fiel e Deus, e por outro lado, uma variação entre as experiências, que se distinguem entre si de acordo com as pessoas que as vivenciam. O *encontro pessoal com Deus* se delineia sobretudo enquanto uma experiência narrada (TURNER, 1980), experimentação do sagrado que demanda ser comunicada (SOARES e PINTO, 2010); e por último, enquanto constituição biográfica que se estrutura sobre uma dimensão temporal sincrônica entre um mito de origem (no caso, a encarnação de Jesus Cristo) e a própria vida do fiel. Ainda, a similaridade entre as experiências narradas funciona como a confirmação de um parentesco que age como uma das linhas de sustentação desta sincronia: prova de que aqueles que experimentaram são *irmãos, e filhos de Deus*, e que por isso devem viver em *comunidade*.

A maior parte das histórias aqui narradas me foram voluntariamente relatadas, nas

ocasiões mais diversas. Havia um consenso, entre os toqueiros e toqueiras, de que era Deus quem lhes conduzia no sentido de narrar suas histórias para mim. De acordo com eles, esta era a maneira como Deus tentava se manifestar a mim. Adelise foi a primeira a me contar sua história. Natural de Foz do Iguaçu, Adelise estava com 25 anos (e há dois anos na Toca de Assis) quando a conheci exercendo a função de guardiã da casa Bom Samaritano em Campinas. Num tom emocionado, pois fazia quase um ano que ela não via sua família, Adelise me contou que era o braço direito de seu pai, e que sempre visualizara seu futuro ao lado dele, coordenando sua empresa; e nunca como freira.

Adelise costumava dizer que muitas vezes Deus não vem e fala baixinho em nossos ouvidos, mas manda mensagens e sinais em nosso dia a dia. E no seu caso, Deus havia falado com ela a partir da boca de outras pessoas, as quais lhe diziam, muitas vezes num tom de piada, que ela “levava jeito para ser freira”. Adelise conhecera a Toca de Assis pela televisão, quando ao zapear pelos canais, viu o padre Roberto pregando no canal Canção Nova. Segundo nos conta Adelise, ao vê-lo, seu coração palpitou, e veio a sua mente, como um flash, todas as ocasiões em que as pessoas haviam insinuado acerca de seu “jeito de freira”. No mesmo dia, Adelise ligou para a sede da Toca de Assis em São Paulo, agendando uma conversa com a Pastoral Vocacional e após trocar algumas cartas, foi convidada para uma experiência de três meses no interior da fraternidade.

Também conheci Flávia naquela casa Bom Samaritano em Campinas. Membro da Toca de Assis desde os 19 anos, Flávia estava com 21 quando me contou sua história em uma das noites em que eu havia ido visitar a casa. Voluntariamente, Flávia se aproximou de mim e começou a falar de si, me contando sobre sua família e sobre sua experiência com Deus.

Originária de família católica, desde criança Flávia vivencia um catolicismo do tipo paroquial como algo comum, rotineiro em sua vida. Após sua Crisma, aos 14 anos, já sabia que tinha vocação para ser freira, e começa a dar aulas de catequese. Neste período, porém, começa a questionar a existência de Deus: se na Bíblia Deus falava com os homens e fazia milagres, por que hoje isso não acontecia mais? A partir deste primeiro questionamento, Flávia começa a pensar que havia sido o homem quem inventara Deus para se temer, para que pelo medo da punição, os homens passassem a agir corretamente.

A partir desta sua reflexão, Flávia abandona o catolicismo e se inicia em uma vida de hedonismo, festas, viagens, namorados. Mas aquilo não trazia felicidade para Flávia, suas ações lhe davam uma impressão de que tudo parecia desprovido de sentido, pois quando ela estava em um emprego, queria estar em outro, e passava o tempo todo tentando conseguir outro emprego, e quando finalmente conseguia, depois de 3 meses já queria estar em outro. As festas já não traziam a felicidade que antes lhe traziam, pois depois que elas acabavam, todos iam embora para casa, a vida voltava ao normal. Parecia-lhe que para o mundo ser bom, precisaria haver uma festa eterna, com uma bebedeira eterna. Mas, nas palavras de Flávia, isso não iria acontecer, e ela iria continuar trabalhando, um dia arrumaria um namorado, se casaria e tudo ia ficar cada vez mais chato, até ela finalmente ficar velha e morrer. “E isso tudo prá que? É viver como um animal!”, me dissera Flávia.

Ela se sentia desolada, perdera toda a vontade de fazer qualquer coisa, até que decide se matar. Desesperada, em seu quarto, me disse ter dito em voz alta: “Olha, Deus, se você existe então me prova porque comigo é assim, eu preciso ver, eu preciso sentir!”. Depois de alguns dias, uma noite Flávia acordou com uma voz chamando pelo seu nome e sentiu que era a própria voz de Deus. Conta ter sentido um medo enorme de ver o sobrenatural em seu quarto: e eis que Flávia, então, abre uma Bíblia e começa a compreender tudo o que ali lê. Para ela, tratava-se de uma revelação, pois sempre que lia a Bíblia, nunca entendia muita coisa, nunca aquelas histórias faziam sentido em seu presente. Depois dessa sua conversão, Flávia começou a freqüentar tudo o que a Igreja Católica oferecia, até chegar ao encontro da Renovação Carismática, onde também freqüentou diversos grupos e visitou diversas comunidades. Até descobrir que Deus estava dentro dela mesma – conforme suas palavras, Deus estava dentro de seu coração - e se anunciava a cada dia nas pequenas coisas.

Um dia, Flávia entra em uma igreja vazia e começa a adorar Jesus Sacramentado de joelhos. Observando-a, o sacerdote responsável pela paróquia lhe pergunta se ela desejava se confessar, e Flávia lhe responde que não, mas gostaria que ele lhe explicasse como se descobre a vocação. Aquele padre lhe conta, então, que havia descoberto sua vocação sacerdotal quando sua vida já não fazia mais sentido, pois tudo o incomodava, e havia um vazio muito grande em seu coração. De acordo com aquele padre, este havia sido o modo de Deus lhe mostrar que

queria entrar em sua vida como “o verdadeiro, absoluto e maior sentido da vida”.

Flávia se identifica com a fala daquele padre, pois ela estava sentindo o mesmo que aquele padre sentira ao descobrir sua vocação. Como já conhecia a Toca de Assis, resolve começar a procurar sua vocação ali; passando pelo processo vocacional pelo período de dois anos, até finalmente ser aceita como toqueira. Após escutar sua história, eu lhe perguntei se finalmente ela havia encontrado sua felicidade ali na Toca de Assis. Flávia me responde, então, que a entrega para Deus consiste em uma entrega para o sofrimento, uma doação total e completa de si para Deus, uma doação que implica em morrer pelo outro, em se sacrificar. Exemplificara com os jovens que observava frequentando os bares que havia no entorno da Bom Samaritano: para Flávia, aqueles jovens cantavam, dançavam e bebiam sem um direcionamento para Deus, e por isso sofriam. Já na Toca de Assis, Flávia me contara que também sofria, mas era um “sofrer para Deus”, a partir da realização de atividades que, de acordo com suas palavras, “realmente possuem um significado sublime”. Sua felicidade ali provinha daquele mistério do morrer pelo outro.

Irmão Benjamin era batista antes de entrar para a Toca de Assis. Ele estava com 31 anos quando o conheci em uma rua da Vila Industrial, e me contou sua história enquanto aguardávamos o início de uma missa de consagração de *noviços* na Paróquia São José. Conforme me contou, Irmão Benjamin tinha o sonho de ser bombeiro, e ao se inscrever para um concurso, fez uma promessa para Deus de que, se ele não passasse na prova, ele iria se tornar padre. Foi então que, em um culto batista, o pastor começa a dizer do altar: “Deus tá me dizendo que tem aqui uma história de um padre e de um bombeiro. Deus mandou me dizer que ele tá esperando essa pessoa de braços abertos. Deus pediu para essa pessoa se levantar aqui agora, para todo mundo ver”. Irmão Benjamin não se levantou, mas após o culto, contou sobre a revelação e sobre sua decisão ao pastor, o qual, segundo conta Irmão Benjamin, ficou muito decepcionado por sua revelação ter convertido um batista ao catolicismo.

Juliana, uma morena de olhos castanhos natural de Várzea Paulista (SP), foi minha companhia assídua a diversos eventos e visitas a casas da Toca de Assis no período da pesquisa. Na época com 18 anos, Juliana estava tentando compreender sua vocação com a ajuda da Pastoral Vocacional, após ter conhecido a Toca de Assis. Juliana conheceu a fraternidade em um

domingo em que participava de uma missa na sua paróquia em Várzea Paulista, e no interior do templo avista Irmã Marta⁶⁷ - que estava na cidade para tentar encontrar a família de um *acolhido* - de joelhos em um dos bancos. Conforme narra Juliana, aquela visão foi a mais linda que ela já tivera. Ela ficara impressionada com as vestes de Irmã Marta e com o fato de ela permanecer de joelhos durante quase toda a missa; e decide ir conversar com Irmã Marta no final da missa. Encantada, no final de semana seguinte vai até Campinas conhecer a casa onde morava Irmã Marta.

Juliana conta que estava com muita depressão naqueles últimos meses, porque havia terminado um namoro. Assim, ao visitar aquela casa da Toca de Assis, tudo aquilo que viu ali tocou demais seu coração, e quando viu o Santíssimo Sacramento⁶⁸ exposto na capela, este lhe pareceu “um sol dourado, irradiando amor”, e operou um milagre sobre ela, fazendo-a derramar muitas lágrimas, e sair dali, conforme sua própria expressão, “curada”. Note-se que Juliana, sendo católica praticante, já havia visto o Santíssimo muitas vezes, mas a relação entre Juliana e o Santíssimo funciona em termos de “encontro com Deus” exatamente no interior de uma casa da Toca de Assis. Isso impressiona Juliana, que passa a interpretar o acontecimento como um sinal de Deus, um aviso de que era preciso que ela permanecesse próxima àquela fraternidade de alguma maneira.

A narrativa de Juliana indica a sensorialidade e a relação corporal como pilares de sua compreensão de Deus. Sobretudo, a inexistência de um mediador (se compreendermos, é claro, o mediador enquanto uma pessoa que agencia o sagrado) que a coloque em comunhão com seu Deus. É sua relação pessoal com o Santíssimo na capela que estabelece seu *encontro com Deus*, sua experiência com o sagrado. O fato de tal experiência se dar exatamente em uma casa da Toca de Assis evoca uma indagação persistente em outras pesquisas (CARRANZA e MARIZ, 2009; BEZERRA, 2009 PORTELLA, 2009), a saber, a questão da eficácia de convergência de adeptos

⁶⁷Irmã Marta Júbilo dos Pobres era a guardiã da casa Bom Samaritano de Campinas no ano de 2006. Natural do Ceará, Irmã Marta era figura conhecidíssima em uma certa rede de catolicismo pela sua enorme simpatia e jeito brincalhão. Irmã Marta era uma pessoa que impressionava por onde passava, por sua beleza, seu sorriso e pelo seu costume de cantar enquanto andava pela rua, segurando um grande terço de madeira.

⁶⁸Objetivamente, o que Juliana está vendo é o ostensório, peça de ourivesaria usada para expor solenemente a hóstia consagrada. Santíssimo Sacramento, ou apenas Santíssimo, é a expressão nativa para se referir ao ostensório contendo a Eucaristia. A partir daqui, nos referiremos ao ostensório contendo a Eucaristia com a expressão “Santíssimo”. O ostensório fora do tabernáculo é considerado como “o Santíssimo exposto”.

e da eficácia de experiências de contato com Deus na Toca de Assis.

Santíssimo Sacramento: interação e intimidade com Jesus Cristo

A adoração ao Santíssimo Sacramento, tanto em sua forma mais espetacular (como o passeio com o Santíssimo por entre os fiéis) como em sua forma mais contemplativa é prática comum entre os carismáticos (CARRANZA, 2000 e DE THEIJE e MARIZ, 2008⁶⁹); assim como outros tipos de vivência (tais como os grupos de oração e os testemunhos de vida) onde a relação pessoal com Deus é enfatizada. Assim, muitos dos *encontros pessoais com Deus* daqueles que se tornaram adeptos da Toca de Assis aconteceram em um ambiente de Renovação Carismática. Renata, uma adolescente campineira que aos dezesseis anos passava pelo processo vocacional da Toca de Assis, conta que antes de participar pela primeira vez de um grupo de oração coordenado por jovens carismáticos, “acreditava” em Jesus, mas não “conhecia” Jesus. De acordo com Renata, ao participar do grupo de oração ela se sentiu flutuando e Deus falou com ela através de uma oração.

Natural de Betim (MG), Irmão Humilis estava conduzindo a chegada da *missão* São José da Toca de Assis na cidade de Ribeirão Preto (SP) junto a mais três irmãos consagrados e um aspirante no período em que me contou sua história. Desde a infância, Irmão Humilis fazia parte do catolicismo paroquiano de sua cidade. Depois de crismado, Irmão Humilis abandona as atividades de sua paróquia, mas sem com isso deixar de crer em Deus. De acordo com o Irmão, até o Crisma a sua paróquia oferecia muitas atividades “prá criançada”, mas depois do Crisma, ele não conseguia se encaixar nem nas atividades voltadas para as crianças, nem naquelas destinadas ao público adulto. Irmão Humilis volta a frequentar a igreja depois dos 17 anos, quando, em um retiro da RCC, teve sua “primeira experiência com Deus”, segundo me contou.

As narrativas de Irmão Humilis e de Renata seguem uma estrutura que se repete em muitas outras narrativas coletadas durante a pesquisa. Chama atenção, em tais narrativas, um

⁶⁹ Para De Theije e Mariz (2008), na tentativa de conectar suas raízes a uma tradição católica romana, a Renovação Carismática Católica reelabora práticas e rituais tipicamente católicos, como o rosário, a veneração pela Virgem Maria e a adoração ao Santíssimo Sacramento; e enfatiza sua obediência à hierarquia católica romana, particularmente na figura do Papa.

dato persistente dentre aqueles que tiveram uma formação no interior do catolicismo desde a infância; a saber, quando contam que no momento anterior à experiência em ambiente carismático (ou seja, quando eram católicos de paróquia), não conheciam Deus. A fórmula básica de tais narrativas, semelhantes entre si, é “fui a um retiro da RCC e lá tive minha primeira experiência com Deus”, evidenciando a importância de um itinerário religioso pelo movimento carismático dentre os toqueiros. Ademais, convém salientar o recente ascenso de uma noção de “juventude carismática”, ou seja, a formação de grupos e de atividades exclusivamente destinadas, e construídas por, aqueles que se classificam como “jovens”, nas quais se inserem os referidos “retiros da RCC” contidos nas narrativas coletadas durante a pesquisa. Desde o primeiro período de minha aproximação com a Toca até os momentos mais adiantados da pesquisa, pude participar e tomar conhecimento de uma ampla rede de eventos, grupos e atividades voltadas para esta categoria nativa “juventude carismática”. Trata-se de uma rede espraiada por um território nacional, cujo ponto de interconexão é a Canção Nova, enquanto repositório de anúncios e eventos, e enquanto centralizadora de uma certa proposta do “ser um jovem cristão”⁷⁰; e que tem funcionado como importante válvula propulsora de uma “evangelização da juventude”, aos moldes carismáticos. Nesta ampla rede, inserem-se grupos de oração, Comunidades de Aliança e Vida, festas católicas, cristotecas e uma gama variada de retiros e eventos.

Sena da Silveira (2008) sugere pensarmos as Comunidades de Vida no Espírito e as Comunidades de Aliança como espaços de vivência “frontal” da experiência religiosa, nos quais se vive a experiência dos carismas, o afeto, a corporeidade estreita; onde o impacto da mensagem tem preponderância sobre o conteúdo, e a busca de sensações, experiências/emoções é primordial. Nesses espaços de vivência “frontal”, o sentir é prioridade sobre a sistematização da experiência. Para o autor, a eficácia de convergência de adeptos das Comunidades de Vida no Espírito e das Comunidades de Aliança estaria em suas práticas de instauração ritual do carisma, da emoção e da espiritualidade, instauração que se realiza tanto em sua rotina interior como em seus desdobramentos, tais como os retiros vocacionais, os grupos de oração, as sessões de cura, dentre outros.

⁷⁰Os trabalhos de Silveira (2011a e 2011b) e Sofiati (2011) cercam minuciosamente tal proposta.

A presença do Santíssimo no interior de cada casa da Toca de Assis e sua manipulação em determinados rituais compunham elementos significativos para a constituição desta vivência “frontal” de que fala Sena da Silveira (2008). O Santíssimo é, antes de tudo, uma objetivação de Deus, é a concretização do sobrenatural a partir de um objeto, o ostensório, tornado sagrado por conter em seu interior a Eucaristia. Mais do que isso: para os toqueiros, o ostensório que contém a Eucaristia não é objeto, mas sim Jesus Cristo encarnado em ouro, prata e diamantes - ou, conforme a expressão dos toqueiros, “Jesus Sacramentado”-; e age sobre os fiéis, realizando “curas”, “encontros” e “experiências”.

A prática da oração no interior das casas da Toca de Assis seguia, ao menos durante o período de realização de minha pesquisa, um molde em que a emoção e a alegria compunham seu tom, e a presença de cantos, leitura da Bíblia e glossolalia eram fundamentais. Já em seus retiros e encontros, a Toca de Assis praticava a oração do louvor, da adoração, de libertação e cura, também bastante marcadas pela manifestação de emoções, experiências pessoais, cantos, glossolalia, curas físicas e espirituais. Tanto em suas casas como em seus retiros e encontros, a presença do Santíssimo Sacramento era obrigatória e essencial para as práticas de oração, de modo que todas as práticas de oração toqueira se voltavam para a adoração ao Santíssimo, um dos pilares do *carisma* da fraternidade.

Dentro da rotina das casas da Toca de Assis, duas vezes ao dia, na parte da manhã e na parte da tarde, acontecia uma oração coletiva de adoração no interior da capela, oração esta permeada por cânticos acompanhados pelo violão⁷¹. A importância da música nos momentos de adoração era notável, sendo que particularmente o tocar no interior da capela, defronte ao Santíssimo, era compreendido, pelos toqueiros, como *tocar para Jesus*. Geralmente, um dos toqueiros se apropriava de um violão e, sozinho, entoava uma canção. Quem observasse o efeito da canção sobre os outros adoradores presentes na oração, poderia perceber que a música funcionava como uma ferramenta de vinculação do adorador ao Santíssimo, ferramenta fundamental para se “sentir” a presença de Deus no ostensório através de uma sonoridade que, munida apenas de voz e cordas acústicas, se referia a Deus com os pronomes “Ti”, “Tu”, e

⁷¹ Participei desta oração em duas casas da Toca de Assis, a Vila de Assis em São Paulo e a Nossa Senhora das Dores em Guaratinguetá (SP); além de participação no Templo Votivo; notando em todos estes lugares a presença marcante do violão e de cantos.

salientava o aspecto emotivo, íntimo e pessoal do adorador para com o Santíssimo.

Um exemplo etnográfico acerca desta dimensão da música se deu quando Evandro me acompanhou a uma destas orações no Templo Votivo. Evandro, membro da doutrina Santo Daime desde 2002, nunca havia visto o Santíssimo, e entrara no templo bastante desconfiado. Durante uma canção, entoada por uma Irmã Consagrada de belíssima voz, que tocava seu violão com os olhos sempre voltados ao Santíssimo, Evandro de repente se ajoelha, e começa a chorar, emocionado. Naquele dia, a canção escolhida foi a de Walmir Alencar, conhecido cantor católico da banda Adoração e Vida⁷², cuja letra diz: *Te conhecia, Senhor/ somente em Palavras/ mas hoje meus olhos Te viram/ e em cada passo comigo estás/ agradável som será se o meu viver também Te agradecer/ um sacrifício de amor/ como Tua glória na Cruz encheu a terra, toda terra/ adoração e vida Te dou/ após Ti, eu seguirei, junto a Ti não temerei/ grandes vales e montanhas atravessarei/ derramarei as minhas lágrimas quantas vezes preciso for/ sofrerei as demoras de Deus aqui/ o meu prêmio na terra é o Senhor.* Ao sairmos do templo, Evandro comentou, impressionado, que “Deus estava ali, você viu?”.

O “tocar e cantar para Jesus” significa se comunicar com Deus, na forma de Santíssimo, a partir de palavras cantadas. As letras das músicas cantadas defronte ao Santíssimo indicam uma “conversa” do adorador com Jesus, se referindo a Jesus como o interlocutor privilegiado para o qual se canta. Ademais, a questão musical⁷³ na Toca de Assis – tanto seu conteúdo musical como sua utilização – se mostra como rica fonte de material para a compreensão da relação do toqueiro com o Santíssimo e com a Eucaristia. Letras como a de “Meu Sumo Bem”, cujo seguinte verso, “e dentro de mim faz de mim um sacrário”⁷⁴, evidencia uma extensão do Santíssimo para o corpo do adorador e comungante, o qual passa a ter dentro de si um Deus vivo e atuante, em um corpo habitado por Deus. Em outra canção, “Mãe, capela do Santíssimo”, temos a descrição da Virgem Maria como sendo o “primeiro ostensório do Senhor”.

⁷²Walmir Alencar fundou seu primeiro grupo musical católico em 1985. Já sua banda Adoração e Vida, fundada em 2005, tem como missão “transformar o palco em altar, onde o amor de Deus seja experimentado por todo e qualquer ser humano que desejar ter um encontro pessoal com o Senhor (...)”, de acordo com informação do site da banda (<http://adoracaoevida.com/conheca-nos/>).

⁷³Músicas compostas por toqueiros e toqueiras nas mais variadas circunstâncias, e as quais, após certo tempo, poderiam ser gravadas em CDs da Toca de Assis.

⁷⁴A letra de Meu Sumo Bem: *Em Teu altar, a Te adorar/ Vem o desejo de me entregar/ Na cruz de amor preciso deitar/ Estás em mim, és em mim/ Inflama-me de amor/ Aumente meu amor pela cruz/ Oh! Sumo Sacerdote de amor/ És meu sumo bem meu Senhor/ és meu sacerdote/ És cordeiro do altar/ De todo o céu eu irei desfrutar/ Se no altar for morrer contigo eu irei viver/ E dentro de mim faz de mim um sacrário/ ao pobre então irei/ E de Ti o alimentarei.*

“Você já viu Jesus hoje?”, era a maneira como os toqueiros me convidavam para ir até a capela onde o Santíssimo permanecia exposto⁷⁵ em suas casas. A permanente exposição do Santíssimo nas capelas das casas era considerada um importante resgate de uma relação fundamental entre o católico e seu Deus. De acordo com Irmã Marta, há tempos o Santíssimo estava sendo escondido pela Igreja Católica, e isso poderia ser notado nos diversos templos que permaneciam fechados o dia todo, só abrindo em horário de missa; e mesmo aqueles templos que permaneciam abertos durante o dia, preferiam deixar o Santíssimo guardado no interior do tabernáculo. Para Irmã Marta, a Toca estava escancarando e multiplicando a “presença viva de Jesus” ao expor e adorar o Santíssimo em suas inúmeras casas.

Conheci Marcela quando, aos treze anos de idade, me mudei com meus pais para o sul de Minas Gerais. Branca de cabelos e olhos pretos, Marcela sempre estudara em escolas particulares, e seus pais eram donos de uma loja de roupas infantis. Marcela estava estudando Medicina em uma universidade particular quando, após cinco anos sem nos vermos, a encontrei junto com Gabriela, sua irmã, no XI Tocão do ano de 2006, ao realizar minha pesquisa de campo. Foi com surpresa que recebi a notícia de que desde 2004, Marcela e Gabriela frequentavam assiduamente um grupo da Renovação Carismática Católica e Marcela estava iniciando sua caminhada vocacional na Toca de Assis.

Conforme Marcela me conta, foi diante do Santíssimo que recebeu o chamado para entrar na Toca de Assis. Um grupo cançãovista havia organizado uma Vigília de Adoração noturna, e numa das noites em que o grupo adorava de joelhos e em silêncio diante do Santíssimo, uma das participantes anuncia, em voz alta, que estava recebendo uma visão: via Marcela de cabelos curtos, vestida de marrom, em uma casa. A descrição que a participante faz da casa impressiona Marcela, pois tratava-se exatamente de uma casa da Toca de Assis que ela havia ido visitar alguns meses antes, em Guaratinguetá (SP).

Meses depois, em uma tarde em que eu e Marcela conversávamos na Bom Samaritano em Campinas, ela me contou sobre a experiência que Cátia, uma amiga em comum, havia tido em um retiro da RCC. De acordo com Marcela, Cátia havia visto a face de Jesus Cristo no rosto do condutor de um ritual de cura, no momento em que ele tocou sua testa e pescoço para que

⁷⁵ Durante o período da pesquisa, o Santíssimo permanecia exposto por vinte e quatro horas nas capelas das casas da Toca, e nunca era deixado sozinho, havendo a todo momento algum adepto em adoração.

ela repousasse no Espírito⁷⁶. “Sentir”, foi a palavra que Marcela concordou ser a mais próxima tradução para tal experiência. Tal interpretação se conecta com o testemunho de Amanda, postulante de segundo ano no período inicial de minha pesquisa, segundo a qual conhecer Jesus é “sentir uma imensa alegria dentro do coração”. A mesma linha sensória pode ser encontrada na fala de Irmã Juliana: “é como se você escutasse uma voz lhe chamando. É uma coisa que queima aqui [aponta o coração], não tem como eu te explicar. E que te impulsiona a deixar coisas, te impulsiona a se doar, te impulsiona a fazer coisas que antes você não faria!”⁷⁷

Parte significativa da construção de uma capacidade de percepção e reconhecimento da presença de Deus no ostensório se dá em rituais de interação entre ser humano e Santíssimo (PEREIRA, 2009). O ritual de *adoração*, por vezes chamado de *cura e libertação*, talvez figure como o mais importante delineador de tal percepção. Nesse rito, após efetuar orações de invocação do Espírito Santo e de outras entidades (como São Miguel Arcanjo e a Virgem Maria), assim como orações de exorcismo de entidades malévolas, o sacerdote carrega o ostensório à frente de seu próprio corpo e passa com o mesmo por entre as pessoas, colocando a mão sobre a fronte de algumas delas.

Pude participar de quatro destes ritos⁷⁸ de *adoração*, ou *cura e libertação*, conduzidos por padre Roberto Lettieri, sendo que dois deles aconteceram na Comunidade Canção Nova, no âmbito da programação do Tocão; um deles aconteceu em um sítio em Piracicaba, no âmbito da programação do Retiro Vocacional Feminino Nacional, e o último aconteceu no Tocaluia, evento em comemoração à Páscoa realizado em praça pública na cidade de Campinas.

O rincão da Comunidade Canção Nova, espécie de estádio coberto que abriga um palco-altar, estava lotado naquela tarde do décimo segundo Tocão, em 2006. Quando o Santíssimo aparece no altar, muitos se ajoelham, enquanto uma banda começa a tocar músicas que incitavam a entrega e compromisso com Jesus. Ao som dessas músicas, uma animadora vai dizendo ao microfone frases que conduziam os fiéis sobre o que eles deveriam se concentrar em

⁷⁶Portella (2009) salienta como diferença fundamental entre a RCC e a Toca de Assis a via de acesso a Deus da primeira ser o Espírito Santo, e da segunda, ser a Eucaristia.

⁷⁷Esta fala de Irmã Juliana está no vídeo “O Chamado”, realizado pelo grupo Interaja, do curso de Comunicação Social da UNIP Campinas.

⁷⁸ Um deles no Tocão de 2006, o segundo no Tocão de 2007, e o terceiro no Retiro Vocacional Feminino de 2006.

sentir e em pensar. Quando o sacerdote desce com o Santíssimo entre os fiéis⁷⁹, a intensidade da música aumenta, e a animadora começa a falar mais alto ao microfone, alternando frases de glossolalia. A emoção estampada no rosto dos fiéis é evidente, alguns choram, outros se ajoelham, e muitos tiram fotos⁸⁰. Todos tentam, de alguma forma, se aproximar do Santíssimo, e se dirigem com os braços levantados a ele. Naquela tarde, mesmo com o Santíssimo distando uns duzentos metros das pessoas, muitas delas (umas quinze de uma vez) desmaiavam abruptamente no “repouso do Espírito”.

O mural de programação do retiro vocacional feminino da Toca de Assis⁸¹, colado em uma das paredes do local onde foi realizado, informava que no domingo de manhã haveria a “Cura com Padre Roberto”. Em uma sala de tamanho mediano, Irmã Marta inicia uma oração, enquanto as 142 participantes do retiro se ajoelham perante a entrada de padre Roberto vestido com um paramento roxo, segurando o Santíssimo com um véu umeral⁸² branco. Em um altar improvisado, o padre inicia uma oração: "Que todos os espíritos malignos que habitam as mentes e os corpos dessas jovens saiam daqui. Eu ordeno! Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo!". Após algumas orações, o sacerdote começa a andar com o Santíssimo por entre as jovens, que se encontram ajoelhadas e cantam, oram em línguas, choram. Ele pede silêncio muitas vezes, ordena que adorem ao Santíssimo "Em silêncio, sem gritar". Enquanto caminha com o Santíssimo por entre as garotas, vai dizendo: "Há alguém aqui com problema de útero: repito, Senhor: é no útero que está sua doença. Cura, Senhor, eu ordeno!", ao passo que uma das garotas, que se encontrava relativamente longe do Santíssimo, cai no chão⁸³, fazendo

⁷⁹ Impressionava o tamanho dos ostensórios utilizados nesses ritos: bastante grandes e dourados, com diversas pedras brilhantes incrustadas em seu entorno.

⁸⁰ Ao me ver tirando algumas fotos de pessoas e do espaço da Canção Nova durante o dia neste evento, Irmã Marta, que estava ao meu lado durante a adoração, me diz a seguinte frase, num tom professoral: “Você devia era tirar foto de Jesus!”. Para ela, somente o Santíssimo era digno de ser fotografado, e conforme uma expressão que repetira algumas vezes durante a adoração, era “lindo”.

⁸¹ Realizado nos dias 3, 4 e 5 de novembro de 2006 em um sítio na cidade de Piracicaba.

⁸² O véu umeral é uma veste litúrgica utilizada por sacerdotes, bispos e diáconos para pegar objetos litúrgicos sem tocá-los com as mãos. Trata-se de um manto retangular com cerca de 2,75 m de comprimento e 90 cm de largura, colocado sobre os ombros e na frente do usuário, normalmente sendo confeccionado de seda. Nas extremidades existem, por vezes, bolsos na parte de trás, para as mãos serem inseridas. No evento descrito, o padre utiliza o véu umeral para que suas mãos não toquem no ostensório, como um sinal de respeito para o objeto sagrado e como uma indicação de que é Jesus presente na espécies eucarísticas.

⁸³ Desse modo, alguns dos desmaios pareciam se dar exclusivamente pela ordem de voz do sacerdote, muito mais do que por uma interação da fiel com o Santíssimo.

um grande barulho, desmaiada no “repouso do Espírito”. E o padre segue dizendo: "Batiza essas jovens no Espírito, Senhor! Batiza!". Outra garota cai no chão.

Duas garotas começam a manifestar demônios. Com os olhos fechados, emitem gritos animalescos e dizem, com uma voz ameaçadora, frases como "Eu deixei o coração dela podre!" e "Ela é minha, nunca vai ser sua!". Com o Santíssimo em mãos, padre Roberto se aproxima delas, dizendo insistentemente: "Qual é o seu nome? Eu te ordeno que fale seu nome! O que você fez para ela?!", ao passo que uma delas responde tais indagações com xingamentos - "Porco! Palhaço! Seu Porco!". Padre Roberto inicia uma série de aproximações do Santíssimo e de aspergimentos de água benta perante a face da possuída, que cai abruptamente no chão, mas logo se põe de joelhos novamente, e passa a cuspir no Santíssimo. Após uma insistência na série de orações, aspergimentos e aproximações do Santíssimo, a possuída finalmente desmaia e volta a si⁸⁴.

Naquele ritual de “Cura com padre Roberto”, todas as participantes passaram por uma experiência com o Santíssimo, inclusive eu. Padre Roberto pegou com força o meu pulso direito e levou a minha mão até o Santíssimo, fazendo com que meus dedos e toda a minha palma tocassem aquele objeto dourado. No exato momento em que minha mão foi colocada diretamente sobre o Santíssimo, uma intensa luz cegou completamente meus olhos, como se os raios de um sol gelado atravessassem minhas córneas. Juliana, que estava ajoelhada ao meu lado, contou-me depois que o padre sorriu ao me ver cair para trás, em um abrupto espasmo, e jorrar lágrimas de meus olhos fechados. Me lembro de ouvi-lo dizer "Receba...", e no instante seguinte, cair em um profundo silêncio e uma sensação muito forte de queda livre e prazer corporal. Abri meus olhos instantes depois, e vi Juliana chorando do meu lado⁸⁵.

⁸⁴ Após a sessão, ao conversar com aquelas que manifestaram demônios, as mesmas relataram não se lembrar de absolutamente nada do que havia se passado com elas. A manifestação de demônios naquela sessão evidenciou que o Retiro Vocacional não tinha como função atender apenas aquelas que caminhavam para um discernimento vocacional, mas também de “libertar” garotas que de algum modo entravam em contato com a fraternidade. Irmã Mariana me explicou que havia convidado aquelas garotas não por achar que elas tinham vocação para a vida religiosa, mas por notar a “presença do mal” em suas vidas. Conforme a fala de Irmã Mariana, "Assim, damos a oportunidade de libertação para essas meninas. Elas voltam libertas para casa."

⁸⁵ Apesar de este acontecimento não ter causado em mim um efeito de conversão, ou mesmo de crença na existência de Deus, eu ficara claramente impressionada com o poder daquele sacerdote e de seu manuseio de objetos litúrgicos. Me impressionava ter passado por experiências de proximidade com o Santíssimo em outros rituais de adoração conduzidos por lideranças carismáticas e não ter presenciado o que eu presenciara nesta “Cura com padre Roberto”. Após retornar do campo, me senti, durante toda a semana seguinte, “curada”, e



Imagem 4 - Padre Roberto Lettieri e o Santíssimo Sacramento. Fotografia de Renan Félix.

Para além do ritual, narrar a experiência pessoal com Deus se constituía como prática delimitadora da aprendizagem das técnicas de acesso à relação pessoal com Deus. Tanto em conversas cotidianas como nas chamadas *palestras* ou *testemunhos de vida* observados em retiros e eventos como o Tocão, estas narrativas, “testemunhos que arrastam”, como ouvi dizer alguns católicos nos encontros que participei durante a pesquisa, funcionavam como um dispositivo de contaminação da “realidade” da “presença viva de Jesus”: Jesus vivia na medida em que era experimentado nos corpos dos fiéis, e posteriormente narrado.

Se por um lado, era possível observar o que acontecia com as pessoas durante o momento ritual; por outro lado, só era possível acessar suas experiências a partir das narrativas que construía a respeito daquilo que experimentavam. Assim, não bastava que se experimentasse Jesus: fazia-se necessário narrá-lo. No dia a dia dos toqueiros, havia uma grande valorização no narrar, no “testemunhar”. Conforme salientei anteriormente, a maioria das

interrompi um tratamento psicológico que havia iniciado há um mês, por ter adquirido a certeza de que eu não precisava mais daquilo.

narrativas aqui apresentadas me foram contadas voluntariamente. Para além da narrativa falada, os toqueiros também eram incentivados a manter diários.

Dentre toqueiros, vocacionados e simpatizantes da Toca de Assis, ganhavam destaque e grande valor as narrativas acerca da relação de padre Roberto Lettieri com a Eucaristia, as quais eram contadas livremente de boca a boca, e funcionavam como modelo exemplar. Na semana de Páscoa do ano de 2007, Marcela me contou que padre Roberto permanecia em retiro durante toda a quaresma, e “levava Jesus [em um ósculo] para ver o pôr do sol nas montanhas e para passear” - o que, para Marcela, se constituía como evidência do “amor” e “carinho” que padre Roberto sentia por Jesus Sacramentado. Noutra feita, a vocacionada Juliana me afirmou ter ouvido de fonte confiável que, no momento em que o padre erguia o cálice e o ostensório na consagração da missa, seus pés saíam uns dez centímetros do chão, de modo que ele, assim, flutuava.

De acordo com as narrativas aqui apresentadas, pode-se dizer que o *conhecer Deus* consiste em ter sensações físicas perante o sagrado, tocar o sagrado e deixar-se tocar por ele; além de compreender tais toques e sensações como um acesso “pessoal”, imediato, ao extraordinário. Aqui, “conhecer” é sensação, é visão; e não reflexão. Como nota Wiliam James ao traçar seu conceito de experiência religiosa, aqueles que experimentam *sabem* porque *sentiram* (JAMES, 1994, p. 55, grifo do autor). Ademais, há uma diferença crucial entre “conhecer” e “acreditar”: o “conhecer Jesus” entra no patamar de realidade, enquanto “acreditar em Deus” permanece num patamar de crença. Após esta primeira *experiência pessoal com Deus*, o iniciado começa a reconhecer muitos outros fatos cotidianos, assim como acontecimentos de sua vida, como sendo sinais da presença de Deus. Os iniciados nesta experiência pessoal com Deus passam a ter a dimensão de um Deus vivo, atuante, que se manifesta no mundo, habita a mesma realidade que os homens e age sobre esta realidade .

Como salienta Turner (1980), a experiência do ritual convence os performers de que a situação ritual é realmente, verdadeiramente, informada por poderes tanto transcendentos como imanentes. Ademais, a capacidade de agenciamento e afetação que o ostensório provoca naquele que com ele se relaciona nos referidos rituais nos fornece chaves para pensar a utilização,

efetuada pela Toca de Assis, do Santíssimo Sacramento e da Eucaristia na perspectiva do símbolo ritual (TURNER, 2005) e do *embodiment* (WAGNER, 1986).

No ritual de liminaridade e aflição, é a relação dos performers com o símbolo ritual – constituído, por sua vez, por elementos propriamente ambíguos, como a viscosidade – quem garante sua “passagem”, sua “transformação”. É no ritual que se experiencia o símbolo pela via sensória, tornando-o, assim, significado inteligível; de modo que é a imolação experimentada no ritual quem garante a aprendizagem. Por carregar uma unidade de significados díspares, o símbolo ritual promove um campo de forças capaz de gerar em seus participantes uma apreensão sensória do significado e com isso, conferir dinâmica sobre a estática. O símbolo ritual funciona a partir de uma “encarnação” de significado em um objeto/coisa. O tropo que faz do objeto/coisa, um símbolo, é quem transforma a natureza do objeto/coisa em algo a mais que um objeto/coisa: faz do objeto/coisa, uma agência.

A conjunção entre “relação” e “substância” fornece os parâmetros para que Roy Wagner (1986) considere a Eucaristia como o “core symbol” do Ocidente. Assim como o “kin” na sociedade americana analisado por David Schneider, a Eucaristia está ligada a questão da mediação de dualidades básicas e da transformação de substância. De acordo com Wagner (1986), ao longo da era medieval e na passagem para a era moderna a discussão teológica sobre a assertiva que pontua Jesus Cristo como “o Verbo que se fez Carne” irá se realizar a partir do eixo substância e mudança, palavra e coisa significada.

Em linhas gerais, o que as discussões teológicas acerca da doutrina de transubstanciação desvelam é a maneira como o Ocidente resolveu a questão de uma natureza dupla da substância e do acontecimento. Para Wagner (1986), de acordo com a interpretação de cada época em torno da Eucaristia é que o homem pensará a si próprio em termos ontológicos⁸⁶. “O que pode um corpo?”, é o que cada formulação da doutrina eucarística parece responder.

Do ponto de vista de Wagner (1986), o que se manteve da perspectiva literal (comum à era medieval) da presença de Jesus na Carne e no Sangue – ou seja, da ideia de que a substância contém Deus, ou dito de outro modo, que o objeto contém um agente dentro de si – na modernidade é que a dupla natureza do símbolo será constituída a partir de um eixo temporal:

⁸⁶E neste sentido, é importante salientar que Wagner (1986) constrói uma clara divisão entre a época medieval, a época da escolástica e a época cartesiana-moderna.

construir realidades implica em performatizar corretamente a metáfora, a fim de trazer para o presente, um passado pertinente. Neste sentido, o Santíssimo Sacramento da Toca de Assis se parece com o churinga (LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 263): símbolo encarnado de ressonância de um passado para o presente, o churinga traz de volta verdadeiramente o herói mítico para a aldeia.

Como nota Wagner (1986), a real importância da “atualidade”, ou “corporalidade” dos elementos sacramentais cristãos envolve um efeito, uma afetação sobre o adorador. É a medida de seu grau de afetação que constituirá a fronteira entre a heresia e a santidade, pois a potencialidade de Deus se encarnar nas coisas não pode atingir um grau de encarnação em que Deus se confunde com o homem.

Aprender a conhecer Deus, a se comunicar com Ele e a compreender Seus sinais no dia a dia se mostravam como elementos fundantes para o tornar-se toqueiro. Na homilia da missa de Páscoa do ano de 2007, padre Roberto alertou aos *Irmãos* e *Irmãs Consagrados* que prestassem mais atenção na “experiência pessoal” que Deus dava a cada um. De acordo com sua pregação, cada um tinha sua própria missão no mundo, sua maneira de vivenciar o Cristo no dia a dia⁸⁷. Uma das maneiras de se trabalhar com esta experiência pessoal era através da oração espontânea. Conforme padre Roberto, o católico deve orar para Jesus como se ele estivesse ali ao seu lado, porque de fato ele está ali ao seu lado. De acordo com padre Roberto, havia católicos que rezavam para Jesus como se Ele estivesse muito longe, uma reza sem intimidade: “Agradeço ao bom Deus...” ou “Ó Pai que está lá no céu...”, e que o certo era dizer “Jesus!”, como quando falamos com um *irmão* que está no mesmo aposento em que rezamos. De acordo com o padre, era importante que o toqueiro buscasse uma espontaneidade nesta sua relação de diálogo para com Jesus; uma espontaneidade que colocasse Jesus no patamar de um Pai amigo. Padre Roberto salienta, ainda, que esse era o grande trunfo do catolicismo, o de ter um Deus vivo entre a gente⁸⁸.

⁸⁷No início da missa, que havia se iniciado à meia-noite, todos pareciam cansados, e o padre disse que não estava vendo quase ninguém cantando, e que não era isso que Jesus esperava da gente, porque Jesus não está morto, Ele está vivo.

⁸⁸Nesta homilia, padre Roberto Lettieri também contou que quando ele estava com Irmão Fratello em Jerusalém, foram até o Muro das Lamentações e um judeu começou a falar para eles: “Jesus está morto!”, ao passo que eles respondiam “Está vivo!”, e o judeu retrucava: “Morto!”. Até que o Irmão Fratello se aproximou do judeu,

O caráter “pessoal” da experiência com o sagrado é traduzido pelos toqueiros através da expressão *intimidade com Deus*, e diz respeito a uma maneira do adorador entrar em contato e se relacionar com seu Deus. A experiência pessoal com Jesus é garantia da aprendizagem da existência real de Jesus Cristo no meio dos homens. Nas palavras de padre Roberto Lettieri nesta homilia, o encontro com Jesus “é uma realidade”. Esta noção de um Deus vivo, habitando no meio de nós, pode ser ilustrada com o depoimento de Marcela, que me contou que após sua conversão em um retiro da RCC, não conseguia mais “ficar” com garotos por saber que Jesus Cristo estava ali olhando o que ela estava fazendo.

As manifestações de Deus nos acontecimentos cotidianos do iniciado dependerão proporcionalmente de sua capacidade de entrega à Sua obra. Um exemplo de grande entrega, para os toqueiros, é a Divina Providência, ou seja, o viver apenas daquilo que Deus provê. Certa feita, ao visitar a casa São José na Vila Industrial, os toqueiros preparavam o almoço e não havia nada além de arroz com feijão em suas panelas. Quando todos se preparavam para se servir, toca a campainha da casa, e um toqueiro desce as escadas para atender. Minutos depois, o ouvimos gritar: “Divina Providência, Divina Providência!”, subindo correndo as escadas. Tratava-se de um senhor, dono de um mercado do bairro, que estava doando dez frangos inteiros que saíam do prazo de validade naquele dia. Para os toqueiros, este acontecimento significou que Jesus havia os visitado.

Diante de uma determinada ascese a qual insere o iniciado em um contato íntimo e pessoal com Deus, o iniciado começa a receber, em seu dia a dia, ensinamentos advindos de seu próprio Deus. Irmã Lídia, guardiã da casa Nossa Senhora das Dores de Campinas, casa que acolhia idosos em estágio terminal de doença, me contou que quando entrou para aquela *missão*, não tinha conhecimento algum de enfermagem, e havia recebido, em seu dia a dia, o dom de curar as feridas diretamente de Jesus: “Deus ia me mostrando, iluminando os objetos que eu deveria usar”. Tais ensinamentos de Deus, de acordo com Irmã Lídia, valiam inclusive para a escolha dos remédios que ela aplicava nos *acolhidos*.

Exemplos etnográficos como os apontados acima colocam em xeque a ideia de campo religioso sugerida por Van Gennep, para quem o sagrado e o profano estariam bem divididos, e

puxou a barba do judeu e saiu correndo com o padre Roberto, sorrindo.

o sacerdote-mediador é quem faria a passagem de um para outro, levando os fiéis para um momento de curta duração com o sagrado. Tais exemplos evidenciam um embaralhamento das posições legitimadas como mediadoras do sagrado: todos passam a ter dons, a falar com Deus, a encontrar Deus pelas ruas, a ter um Deus dentro de si. Temos, com a experiência toqueira, uma contaminação do sagrado que vai do sacrário como um objeto-deus, até o corpo do toqueiro que se torna, ele próprio, o sacrário⁸⁹. Isso é perigoso na medida em que gera um desmoronamento da hierarquia ‘sociedade sagrada’ versus ‘sociedade leiga’ e da própria oposição entre o sagrado e o profano. É perigoso na medida em que tornar-se um sacrário implica em confundir-se com o próprio Cristo.

Através da dimensão da “presença viva de Jesus”, conhecer Deus significa acessar um outro domínio do real (CASTANEDA, 1971), onde, na verdade, não há diferenciação entre vida real e vida espiritual. Deus, Jesus Cristo, Virgem Maria, anjos e santos existem e agem sobre o real. Mais do que isso: a presença dos mesmos pode ser sentida, vista e ouvida. Levando a sério as narrativas aqui apresentadas, temos que a compreensão de uma realidade em que Jesus Cristo está vivo, habita no meio dos fiéis e atua sobre suas vidas não é questão de crença, mas de um conhecimento sobre o mundo (GOLDMAN, 2009): trata-se de um aprender a ver (CASTANEDA, 1971). Concebendo o mundo como lugar repleto de fenômenos causados por forças divinas, os toqueiros entram numa sincronia entre o “tempo-espço de Cristo” e o “tempo-espço de hoje”, onde Jesus vive no meio deles. Eles presentificam, assim, o tempo bíblico, que será vivido em seu cotidiano e em seus corpos.

Em última instância, o que ocorre é um “despertar” para a realidade, pois os sinais de Deus sempre estiveram ali, mas o fiel, antes de ser iniciado, não os podia ver (CASTANEDA, 1971). Assim, a narrativa da *experiência pessoal com Deus* sempre é seguida de uma recomposição deste passado de cegueira. Quando Flávia me narra sua história de *experiência pessoal com Deus*, ela se refere ao seu passado dizendo que Deus havia dado oportunidade e liberdade a ela para viver tudo o que ela quisesse. Desta forma, Flávia opera com uma reconstrução de sua trajetória sob a ótica de um mundo repleto de sinais de Deus, os quais não podiam ser vistos antes da *experiência pessoal com Deus*, do *conhecer Deus*.

⁸⁹Conforme indica um verso da música Meu Sumo Bem, apontada anteriormente: “E dentro de mim faz um sacrário”.

A maneira como os escolásticos resolveram a questão da natureza dupla da substância e do acontecimento na discussão acerca da doutrina Eucarística forneceu a base para a filosofia cartesiana moderna em que a fronteira muito bem delineada entre corpo e alma segurou outras fronteiras duais e ordenatórias de classificação, tais como céu e inferno; sagrado e profano; natural e sobrenatural; realidade e super-realidade; indivíduo e sociedade. De acordo com Wagner (1986), o projeto escolástico separou as propriedades acidentais das propriedades substanciais, culminando em um “tropo desencarnado” (WAGNER, 1986, p. 103) em que a mudança do pão em Corpo acontecia no âmbito de uma realidade superordinária a qual era impossível de ser acessada pelos homens. Dito de outro modo, a consagração ocasionava a mudança do pão em Corpo, porém “aos olhos dos homens” (ou seja, no âmbito da percepção), a hóstia continuava sendo pão⁹⁰.

Esta reviravolta ontológica contribuiu para uma cisão do mundo social onde “conhecimento” empiricamente comprovado se atrela a “domínio racional”, e “experiência” se atrela a “mística” e “irracionalidade”⁹¹. Ao domínio do sagrado, se ligou o sobrenatural, e as religiões que não seguiram o parâmetro de uma realidade racionalizada (como foi o caso do protestantismo) foram colocadas no bojo do irracional. No contemporâneo, a consequência mais visível desta mudança de eixo é a atribuição de “loucura” a casos em que as fronteiras da “realidade extraordinária” e da “realidade ordinária” se confundem.

Como nota De Certeau (1992), os debates acadêmicos sobre a mística no começo do século XX, partindo de um eixo que pontuava como “mística” uma experiência, uma sensação, de contato com o inexplicável, se caracterizaram por conectarem a mística à mentalidade primitiva, a experiências marginais do cristianismo, a uma intuição estranha ao entendimento intelectual e a um potencial anti-social. Já dentro do debate da antropologia, particularmente na constituição do campo da antropologia da religião, vemos como batalha fundamental a

⁹⁰A discussão escolástica se pautava essencialmente em uma ideia de “forma”: se a “forma” não mudava no momento da consagração, então tratava-se de uma transformação “mística”. Daí que a ideia de mística surge intimamente atrelada a uma composição de uma realidade superordinária, impossível de ser acessada pelos homens. A ideia contemporânea de milagre tem suas raízes aí: faz-se necessária uma comprovação “substancial” da transformação operada pelo milagre, para que o mesmo possa ser validado como milagre.

⁹¹Dentro desta perspectiva, porém, a ideia de experimento irá fundamentar a noção de conhecimento racional. O experimento de laboratório, o cientista como dotado de razão para analisar um “outro”. Somente o “outro” pode passar pelo experimento, tal como vemos na origem da própria Antropologia.

constante desvinculação da religião a um estudo do irracional e do afetivo: pelo contrário, seu mérito tem sido mostrar a existência de uma outra racionalidade, trazida pelo religioso e ao mesmo tempo definidora do religioso (BASTIDE, 1972).

Em seu ensaio “Um misticismo seu deuses”, Roger Bastide (2006), ao traçar a mística a partir da linha tênue e frágil de demarcação entre o sagrado e a loucura, irá propor que pensemos a experiência mística tanto dentro como fora da religião: uma inspiração estética, ou um êxtase filosófico são, para Bastide (2006), um esboço já bem elaborado de estados místicos. Não há, portanto, oposição entre os domínios do natural e do sobrenatural, e passa-se de Mozart e Descartes para Santa Tereza D'Ávila e São João da Cruz através de transições imperceptíveis.

Assim, todos os homens, para Bastide (2006), possuem a predisposição para os estados místicos, mas a vida em sociedade, regrada e utilitarista, faz com que tal predisposição permaneça em um estado latente, pois viver significa, em primeiro lugar, exercer uma profissão, cuidar da mulher, dos filhos, agir, em uma regência da coletividade circundante. A mística só irá florescer se trabalhada, se educada; e tal educação requer condições a-sociais, como o retiro, a contemplação, as práticas ascéticas.

Para Levy-Bruhl (1938), “mística” quer dizer a crença em forças, em influências, em ações imperceptíveis a nossos sentidos, e no entanto reais. Tal atividade mental mística é racional, está no âmbito das representações coletivas (o que significa que não se trata de um aspecto psicologizante da realidade humana), e representa o real. Para Levy-Bruhl (1938), o homem participa da exterioridade das coisas enquanto uma ação movida também pela relação de afetividade para com elas. A lógica afetiva, constituidora da mística, apreende a natureza dupla no objeto.

Mas se para Levy-Bruhl, esta é uma maneira primitiva de apreensão simbólica, tanto Bergson (1978) como Wagner (1986) irão dizer que essa apreensão simbólica se mantém no civilizado. De acordo com Roy Wagner (1986), em Levy-Bruhl o símbolo apreendido pela lógica afetiva (mística) não é uma representação, é uma consubstancialidade: o símbolo revela uma presença que está escondida. Já para Bergson (1978), o acréscimo de uma causa “sobrenatural”

que tanto o primitivo como o civilizado imputam a um efeito físico é o acréscimo de “significação humana” a uma causa, de sua importância para o homem⁹².

Assim, da mesma forma que a doutrina de transubstanciação cristã, quando vista da perspectiva medieval que admite a transformação da Palavra em substância (WAGNER, 1986), funda uma certa ideia de humanidade em que os corpos são mais do que coisas, são homens; também a aproximação que Lévi-Strauss (1989) propõe entre os churinga e os nossos arquivos históricos e objetos de museu desvelam um processo de significação humana - realizada no eixo de uma noção de “sagrado” - que se constitui nos termos da metáfora encarnada. Deste ponto de vista, a questão de uma natureza dupla do objeto e do acontecimento nunca deixou de ser resolvida pelo homem “moderno”, que continua ressuscitando seus deuses em corpos e papéis.

Deleuze e Guattari (1995) conceitualizam o agenciamento coletivo de enunciação como a capacidade das palavras afetarem corpos, transformando-os. Para os autores, os atos, que são “o expresso” de um enunciado, são constituídos de atributos não corpóreos capazes de afetar os corpos. O exemplo é a sentença do juiz, que transforma o acusado em condenado: ato incorpóreo que permite uma transformação incorpórea e instantânea dos corpos. Da mesma forma, em um sequestro de avião, a ameaça do bandido transforma os passageiros em reféns, e o corpo-avião em corpo-prisão. A afetação de palavras sobre os corpos é garantida por uma certa performance e envolve, sobremaneira, uma noção de que a substância (o corpóreo) é produzida e composta, em um determinado campo social, por incorpóreos não menos “reais”. Nas palavras dos autores, “...comunicar com o Cristo é também uma mistura entre corpos propriamente espirituais, não menos “reais”. Mas a transformação do corpo do pão e do vinho em corpo e sangue do Cristo é a pura expressão de um enunciado, atribuído aos corpos.” (DELEUZE E GUATTARI, 1995, p. 14).

Trata-se, de meu ponto de vista, da mesma inflexão que a antropologia tenta resolver na relação entre mito e ritual, e em seu conceito de operação simbólica. O que a antropologia avança é em mostrar que para garantir a eficácia da afetação de um enunciado, são necessárias

⁹²Para Bergson, talvez a educação científica do espírito tenha desabituaado o homem a fazer tal exercício de conferir significação humana a uma causa, tenha o desabituaado deste modo de raciocinar; mas ele persiste no civilizado, por exemplo, na ideia de sorte do jogador da roleta do Cassino, que sabe que a bola parou por implicações mecânicas, mas acrescenta a esta causa uma significação de “sorte”.

máscaras, roupas e objetos - ou, minimamente, uma certa vibração de vozes na entonação deste enunciado - operacionalizados dentro de um campo de forças ritual.

A noção toqueira de que o sagrado está pronto a irromper nos poros mínimos do cotidiano, do trabalho, das pequenas relações monótonas do dia a dia, indicam uma potência em fazer da vida cotidiana uma extensão do ritual de *adoração* e do ritual da “Santa Missa” (em seu sentido sacrificial); em transbordar o sagrado no profano; em tornar o corpo e a biografia numa máquina de atualização do mito cristão; em levar o “embodiment” até as últimas consequências.

A discussão que travamos aqui, portanto, não se dá na chave razão versus emoção, mas no contínuo que se cria entre narrativa, experiência e realidade. Tanto a repetição do ritual como a repetição do mito é quem tornam responsáveis a atualização, a real presença das entidades dentre os homens, posto que ritualizar, narrar, “vestir a máscara” é encarnar e tornar próximo o que anteriormente se encontrava desencarnado e distante. Os esquemas de contágio através de objetos litúrgicos e de narrativas da experiência pessoal com Deus nos apresentam como uma versão contemporânea da técnica que torna o fiel novamente cômico da real presença de Cristo (LATOUR, 2004).

Temos, na experiência religiosa aqui apresentada, uma experiência corpórea que, ao ser narrada, restaura uma doutrina, ou uma ideia de doutrina, na medida em que faz com que aquele que experimenta entre numa temporalidade de sincronia, onde Jesus vive no meio deles. No discurso nativo, é a entrada para *o tempo de Deus*. Centram, assim, o tempo bíblico na realidade experimentada, a partir do momento em que são capazes de re-encenar as Escrituras fielmente. A partir do chamado *encontro pessoal com Deus*, estas pessoas tem seus corpos transformados em aparelho do Divino e tornam-se profetas e profetisas anunciadoras de um Jesus vivo.

O sofredor de rua é Jesus Crucificado

Assim como o Santíssimo Sacramento funciona como o churinga (LÉVI-STRAUSS, 1989) que transporta o passado para o presente, fazendo voltar verdadeiramente à aldeia um herói mítico na medida em que sua realidade reside em sua personificação, também são churinga

os corpos dos *irmãos de rua* (considerados o Cristo encarnado), e os corpos dos toqueiros construídos dentro de uma ascese sacrificial revelada.

Como nota Bezerra (2009) em sua pesquisa, música, dança, festas, expressões de alegria não são inibidos na Toca, pelo contrário, são estimulados. Porém há também uma ascese profundamente marcada por oblações, privações, abstinências, martírios físicos e metáforas de sangue, amor e morte. Esta ascese foi considerada extremamente radical e sacrificial por Cecília Mariz (2005), que, em sua pesquisa, relata que os jovens ficavam prostrados de joelhos por duas horas ou mais, diante do sacrário, e que nas entrevistas, descreviam um fardo físico e uma dose de sacrifício, diziam ter problemas nos joelhos, às vezes dormiam na rua, e dormiam muito pouco, por conta do *carisma* da *adoração* e do *carisma* com os *acolhidos* da rua em suas casas.

Após a *experiência pessoal com Deus* a partir do contato ritual com o Santíssimo Sacramento, o fiel inicia sua aprendizagem da existência real de Jesus Cristo no meio dos homens. Se esta aprendizagem se efetuassem em contato com a Toca de Assis, o iniciado logo compreenderia que este Jesus Cristo, que vive no meio dos homens, quer que aqueles que o sigam sejam pobres, pois este Jesus vivo “existe verdadeiramente” nas chagas do pobre *irmão de rua*:

Podemos afirmar com toda alegria da alma: os pobres são os nossos livros, que nos formam dia a dia, eles manifestam Jesus em sua humanidade, e prefiguram Jesus Sacramentado, que por muitos ainda é esquecido, descartado, tratado com indiferença, não mais amado... Esta é a dimensão fundamental do *carisma*, que nos leva a cuidar das chagas de Jesus no pobre irmão de rua abandonado em nossas cidades.”

(Excerto do texto de apresentação da Toca de Assis em seu site, em 2008)

A aprendizagem da existência real de Jesus Cristo no meio dos homens exigia uma mudança de si em direção a um despojamento, pois, de acordo com um outro excerto extraído do texto acima referido, “Cristo nos ensina que para resgatar a vida do pobre sofredor é necessário aproximar-se e assemelhar-se, assumindo sua condição, menos em seu pecado, ou seja, ser pobre como os pobres.”

Esta mudança de si se tornava bastante evidente entre os *vocacionados*, ou seja, aqueles que estavam buscando a “descoberta” de sua vocação. Percebia-se, dentre os *vocacionados*, um processo de inscrição desta noção de pobreza em seus corpos, que se tornava mais evidente no caso feminino. Como no caso de Aline, que antes mesmo de ser aceita pela Toca de Assis, raspava seu cabelo e passava a usar, em seu dia a dia, um saião e uma blusa larga. Em uma conversa, Aline me disse que era muito difícil seguir a proposta de pobreza de Jesus enquanto ela estava “no mundo”, pois as pessoas da sua cidade e do seu trabalho não entendiam, viam seu modo de se vestir como algo “feio” e “ruim”. Porém, Aline estava certa de que, independente do que lhe dissessem, Jesus queria que seus seguidores se afastassem “da vaidade”.

Esta mudança de si, exigência para uma adequação à ascese toqueira, era colocada nos termos de uma “revolução interior”, uma escolha pessoal e espiritual passível de fornecer chaves para uma mudança do mundo; conforme mostra o excerto do panfleto da Pastoral Vocacional Masculina, abaixo:

“Neste mundo, flagelado pelas diferenças cada vez mais gritantes, somos chamados a iniciar uma revolução, que se iniciará, acima de tudo, partindo do nosso próprio interior. De nada adianta mudar o pensamento do mundo, se não mudamos primeiro o nosso. É preciso optar por uma vida nova a cada dia. E uma vida nova se inicia, quando, buscamos conversão.” (panfleto da Pastoral Vocacional Masculina, Diário de campo, Flávia, 2010)

Trata-se de uma transposição de problemas socioestruturais para as vidas interiores dos indivíduos (VALVERDE, 1997). Tais problemas serão resolvidos no âmbito da corporalidade e moralidade toqueira, pela via de uma modificação do adepto. A mudança de si era interpretada, pelos toqueiros e *vocacionados*, como uma “entrega a Jesus”, e se entregar para Jesus exigia uma radicalidade que se ligava a uma certa noção de despojamento, juventude e sacrifícios. No Tocão do ano de 2007, acompanhei uma conversa que a *vocacionada* Juliana travou com Irmã Lídia, coordenadora nacional da Pastoral Vocacional Feminina entre os anos de 2006 e 2007. Juliana perguntava a Irmã Lídia se era viável que ela esperasse terminar seus estudos para, assim, poder entrar para a Toca de Assis, ao que Irmã Lídia lhe respondera que a beleza em atender ao

chamado de Jesus Cristo estava numa entrega que fosse imediata e não medisse consequências, pois, em suas palavras, “Deus não quer que a gente entregue só o bagaço para Ele.”. Ou seja, de nada adiantava, na aceção de Irmã Lídia, uma pessoa ficar esperando uma certa idade – seja esta qual fosse - para se entregar ao chamado de Jesus Cristo. No mesmo evento, uma membro da Comunidade Canção Nova, ao ser informada que Juliana estava com 18 anos, exclamou, animada: “tá no ponto!” - frase que fazia alusão explícita a maneira como nos referimos aos nossos alimentos, quando estão prontos para serem consumidos.

“Se consumir” parece ser a expressão certa para delinear o tipo de ascese proposta pela Toca de Assis para a vivência daquilo que considera “o verdadeiro carisma, que foi como Cristo viveu”, de acordo com a fala de Irmã Lídia. Seguir aquilo que Deus quer significa, para os toqueiros, romper com o “mundo” e adentrar pelo *caminho estreito da loucura da cruz*, uma cruz que precisa ser sofregamente carregada nas costas, a cruz da morte redentora. Irmã Maria dos Anjos, Ministra Geral da Toca de Assis, irá dizer, em uma palestra sobre a vida consagrada:

“No mundo, vida consagrada é fora de moda, né. Pro mundo é uma loucura dizer que quer ser consagrada, ainda mais na Toca de Assis, né! Mas Jesus quer isso, quer que vivamos a loucura para os homens, a loucura da cruz.”

A ideia de “viver a loucura da cruz” é muito bem traduzida na relação que os toqueiros travavam com seus santos patronos. Certa vez, ao me explicar que Beata Alexandrina sentia, em seu corpo, os mesmos suplícios que Jesus Cristo havia sentido na cruz, Marcela adjetivara tal fenômeno como “lindo!”, devido a proximidade que Cristo havia se permitido chegar de Beata Alexandrina. Uma proximidade tamanha que a beata podia sentir em seu corpo, o próprio corpo do Cristo supliciado. Na relação dos toqueiros com seus *irmãos de rua*, o exercício era semelhante ao da Beata Alexandrina: a aproximação extrema com o suplício dos corpos dos *irmãos de rua* consistia em sentir o sofrimento da cruz no sofrimento do pobre. Havia, entre os toqueiros, uma preferência em se aproximar dos *irmãos de rua* mais sofridos, como podemos notar em um depoimento de Irmão Fratello, que conta a respeito de uma Pastoral de Rua em que encontraram um *irmão* jogado no meio do lixo, sendo comido por bichos. Aquele encontro, para

Irmão Fratello, fez com que eles sentissem “uma presença muito forte de Jesus” ali, naquele pobre, que foi retirado do local pelos toqueiros e tratado em uma de suas casas. Considerar o *irmão de rua*, própria encarnação de Jesus Cristo na Terra, significa, para os toqueiros, encontrar-se realmente diante de Jesus quando se deparam com um *irmão de rua* supliciado. Conforme Irmã Ágape, da *missão* de Teresina (PI),

“Da minha experiência, o que considero como melhor é poder ver e sentir a presença de Deus nas pessoas carentes.”

A demarcação diária da presença viva de Jesus Cristo no mundo era efetuada no corpo dos toqueiros e nos corpos de seus *irmãos de rua*. O trato com os corpos dos *irmãos de rua* consistia, primordialmente, em tocar nas chagas deste pobre encontrado na rua. Em termos gerais, os toqueiros limpavam as feridas, cortavam a barba e os cabelos dos *irmãos de rua* na própria rua, a fim de expor as chagas de uma pobreza que não queria ser vista. A relação dos toqueiros com os *irmãos de rua* na rua recriavam um rito agonístico já banido, a saber, aquele que evidenciava o suplício em praça pública. O resultado era chocante aos passantes, pois o suplício não estava apenas no corpo do morador de rua, mas também nos corpos brancos e frágeis dos toqueiros. Assim, em um processo de urbanização marcado pela higienização, os toqueiros faziam ressurgir o corpo supliciado, esquartejado, amputado, marcado, exposto, semi-vivo, semi-morto, e davam este corpo como espetáculo. Neste sentido, resgatavam a Paixão de Cristo com um contínuo que atravessava seus corpos e os corpos de seus *irmãos de rua* - considerados, pelos toqueiros, como os verdadeiros Cristos supliciados sobre a Terra.

Esta relação de um espetáculo do suplício era travada também nos hospitais – em que os toqueiros costumavam atuar -, nas aparições dos toqueiros na televisão e em suas próprias casas. Uma frase, atribuída a padre Roberto Lettieri, que se tornou slogan da Toca de Assis entre os anos de 2004 e 2006, dizia que “A Toca nasceu na rua, hoje ela é uma rua murada”, o que significava fazer da casa dos toqueiros, uma extensão de suas atividades realizadas nas ruas. De fato, os modos de utilização da casa, pelos toqueiros, subvertiam a lógica da casa como um espaço íntimo e protegido e davam lugar a uma outra lógica. Como exemplo, podemos pensar as *missões* Bom Samaritano, que diariamente, abriam suas portas para servir almoços, local de

descanso, banho e serviços de enfermagem e barbearia à população de rua. A constante circulação de gente e a modificação estrutural de seu espaço fazia da casa, uma extensão da rua. Este embaralhamento de elementos os quais muitos estão acostumados a conceber sob uma certa ordem, causava grande repulsa aos moradores do entorno da *missão* Bom Samaritano de Campinas, e irritava o dono do restaurante que ficava do outro lado da rua. Foram tantos os abaixo-assinados e as ligações para a Vigilância Sanitária que finalmente, em 2008, os moradores do entorno conseguem fechar a Bom Samaritano.

O supliciado exposto em praça pública tem o poder de apontar um carrasco, um malfeitor: o vilão que crucifica este Jesus Cristo contemporâneo é o fariseu de nosso tempo, é o mau cristão. Ao mesmo tempo, o corpo do supliciado desvela uma figura simétrica e inversa à sua, e que constitui seu contra-corpo: a figura do deus-déspota, a figura do Rei (DELEUZE e GUATTARI, 1995). Se o *irmão de rua*, o pobre sofredor, é Jesus Cristo vivo, então, do ponto de vista da Toca de Assis, o comportamento que os cristãos devem ter em relação a este *irmão* tem de ser o mesmo que deveriam ter para com Jesus: Jesus Cristo deve ser tratado com linho, com o perfume de Bethania⁹³. Ao invés de pensar que para este *irmão de rua*, devemos doar nossas roupas velhas, precisamos, ao tratá-lo como o Cristo, dar-lhe as melhores roupas, as roupas de melhor qualidade. Os toqueiros costumavam insistir, em suas falas, que sua relação com a pobreza não era pautada em um assistencialismo, mas sim no amor: o que faziam era amar o pobre como amavam o Cristo. Assim, higienizavam, limpavam o *irmão de rua*, lavavam este ser sagrado, poderoso e anômalo (DOUGLAS, 1991) com o perfume de Bethania. Mais ainda, o importante, para os toqueiros, não era propriamente curar as feridas ou efetuar a limpeza do *irmão de rua*, mas abraçá-lo, tocar em seu corpo, travar um contato físico muito próximo.

Pude participar de algumas Pastorais de Rua realizadas aos sábados na cidade de Campinas. Perto da meia-noite, os toqueiros saíam em uma Kombi em direção aos viadutos e ao calçadão da cidade, locais em que se encontravam muitos homens adultos dormindo sobre papelões e enrolados em cobertores cinza. Toqueiros e toqueiras se dividiam em grupos de quatro e, dando

⁹³O “perfume de Bethania” é uma alusão a uma passagem do Evangelho em que, antes de sua crucificação, Maria Madalena teria unguido todo o corpo de Jesus Cristo com o óleo mais caro daquela época. De acordo com os toqueiros, tal passagem significava que para Jesus Cristo, os cristãos deveriam ofertar aquilo que há de mais caro.

preferência para os mais velhos, iam até estes homens oferecendo pão e café. Se eles aceitassem conversar, os toqueiros sentavam-se no chão, bem próximos a eles, e iniciavam um diálogo que perpassava perguntas acerca da história de vida do *irmão de rua*, perguntando sobre seu nome, sobre sua família, e sobre como ele havia chegado até ali. Também tocavam músicas católicas com o violão, no intuito de animar e alegrar a noite daqueles homens.



Imagem 5 - Pastoral de Rua. Na fotografia, Irmão João Batista e a *postulante* Tamires. Fotografia de Augusto César Fortes.

A dimensão afetiva da relação do toqueiro para com o *irmão de rua* se delineava em traços associados aos laços de parentesco, dimensão corroborada quando o *irmão de rua* tornava-se um *acolhido*. Para os toqueiros, o modelo exemplar do *irmão de rua* é aquele que pode ser considerado como abandonado pela família, jogado a própria sorte e vitimado pela rua e por uma sociedade que não lhe deu chance alguma. Assim, fazer do *irmão de rua* um *acolhido* é levá-lo para uma dimensão familiar, em que possam ocupar papéis de parentes dos toqueiros. Em Guaratinguetá, por exemplo, na casa de acolhimento Nossa Senhora das Dores, as acolhidas mais idosas são referidas, pelas toqueiras, como suas *avozinhas*. Os cuidados para com elas consistiam em conversar sobre assuntos cotidianos, trazendo-as para enunciados familiares, enquanto eram alimentadas e tinham seus corpos limpos.

Mariz (2005a) atenta para a estrutura associativa entre família e ordem religiosa das comunidades de aliança e vida, característica que, dentre outras, distinguiria a proposta de vida consagrada de tais comunidades com relação à das ordens e congregações religiosas existentes. Para a autora, a

exigência de sacrifícios na adesão às comunidades de vida, traduzida, em termos nativos, como um despojamento e uma entrega completa ao plano de Deus, é particularmente observável na necessária ruptura com a família. Entrar para a comunidade significa “largar a família”, ao mesmo tempo em que, após a entrada, a comunidade se torna uma família para o membro (MARIZ, 2005a).

Do ponto de vista das famílias, a entrada de seus filhos para a Toca de Assis era sentida como uma ameaça aos vínculos familiares e a sobrevivência material. Particularmente em relação às mulheres, a castidade representava uma ruptura com o projeto desejado pelos pais às suas filhas: o matrimônio, a maternidade e a carreira bem sucedida. Marcela me contou que seu pai romperia com ela quando ela entrou para a Toca de Assis, ficando muitos meses sem mesmo olhar para ela. Quando a questiono a respeito desta atitude de seu pai, Marcela responde que “é claro que ele ficou revoltado, porque pra ele, eu entrar na Toca era como se eu tivesse jogado no lixo tudo o que ele tinha me dado. O sonho do meu pai era ser médico, só que como ele não conseguiu, ele educou a gente a vida toda para isso, colocando a gente nos colégios mais caros, pagando a faculdade de medicina... então imagina!”. Ainda para a família de Marcela, a Toca de Assis representava uma ameaça à sobrevivência material de sua filha: sua mãe depositava dinheiro na minha conta corrente e pedia que eu entregasse diretamente nas mãos de Marcela, sem que as *Irmãs Consagradas* vissem, pois se o dinheiro caísse nas mãos das Irmãs, elas iam “gastar tudo comprando comida pros pobres.”

A ruptura com a família “do mundo” significava, para o toqueiro, uma entrega passional a Jesus Cristo: o caminho de formação do toqueiro, do *aspirantado* até a *consagração*, era o caminho de um casamento sublime e sacrificial, cujo ápice se constituía na transformação do toqueiro em esposo, ou esposa, de Jesus Cristo. Este amor passional, iniciado pela radicalidade da entrega que se delineava tal qual a radicalidade da Paixão, se dirigia, em um contínuo, ao Cristo e seus corpos encarnados: a Igreja, os *irmãos de rua* e a Eucaristia. Esta relação era muito bem evidenciada em uma frase pronunciada pelos toqueiros entre uma oração e outra: “Se morro, morro de amor pela Santa Igreja” (PINTO, 2010)⁹⁴.

Esta entrega passional a Jesus, garantia de uma relação com um Deus vivo, exigia dos toqueiros

⁹⁴Conforme os toqueiros, a frase é atribuída a Santa Catarina de Sena.

uma ascese sacrificial cotidiana. Ser toqueiro significava estar em uma “eterna missa”, em um rito de aflição cotidiano. Significava entrar para uma batalha espiritual travada em seus corpos e em seu dia a dia, posto que, ao tornarem-se esposos de Cristo, era preciso vivenciar este casamento provando diariamente seu amor por Ele.

Se no primeiro contato com o ostensório nos rituais de *adoração*, a *experiência pessoal com Deus* era marcada por sentimentos corporais de êxtase, alegria e prazer; o mergulho na ascese de cruz proposta pela Toca de Assis culminava em uma outra relação, desta vez de dores e martírios, do corpo-toqueiro defronte ao Santíssimo. O ritual da *passio domini* (Divina Paixão ou Paixão do Senhor), de acordo com o estudo de Rodrigo Portella (2009), compunha o conjunto dos momentos celebrativos centrais da liturgia devocional na Toca de Assis, juntamente com a Missa e a Sublime Hora Fraternal. Era realizada às quintas-feiras, das 21h às 00h, e às sextas-feiras, das 12h às 15h. Segundo o autor, o objetivo do rito era a contemplação e vivência mística da Paixão de Jesus. Durante as três horas de vigília, os toqueiros permaneciam ajoelhados, enquanto se lia, em algum livro de via-sacra, as estações da Via Crucis. Buscava-se, assim, recordar e reviver o caminho da Paixão de Jesus, indo, na quinta-feira, até o momento de sua prisão, e na sexta-feira, até o momento de seu sepultamento (PORTELLA, 2009).

O ritual da *passio domini*, tal como era praticado na Toca de Assis, acentuava o sacrifício e a expiação, em uma união mística. Marcada por um espírito votivo e sacrificial, a *passio domini* era a vivência corpórea de uma batalha: de um lado está Jesus, sofrendo os horrores de Sua Paixão e condenação; e de outro lado estão os toqueiros, oferecendo a si, seus corpos, seus sofrimentos, suas dores e seu cansaço para o alívio de Jesus sofredor, numa oblação substitutiva. Assim, a *passio domini* constituía uma batalha eficaz realizada através dos corpos dos toqueiros (PORTELLA, 2009). De acordo com um depoimento recolhido de um Irmão por Portella em sua pesquisa, a *passio domini* “Não é lembrança da Paixão. A Igreja é o corpo místico. Não dá pra explicar, mas a gente vive a Paixão de Cristo na Passio, a gente experimenta.” (PORTELLA, 2009: 130). O ritual apontava, portanto, para uma união mística, onde a dor de Jesus é a dor do toqueiro, e onde acontece o encontro e a comunicação entre o toqueiro e o Cristo crucificado⁹⁵:

⁹⁵Marcela me relatou que em sua primeira experiência de uma semana “morando” na Toca de Assis, antes de ser definitivamente aceita, ela passou por uma *passio domini*. Conforme me conta, as três horas de adoração de joelhos perante ao Santíssimo foram de extrema dor pelo corpo todo, uma dor quase insuportável a qual,

uma experiência de possessão do toqueiro por Deus que faz com que ele sinta em seu corpo a Paixão (PORTELLA, 2009)⁹⁶.

A oração como oblação substitutiva era, para os toqueiros, a resposta primordial para as questões sociais e políticas do “mundo”. Foi comum ouvir dos toqueiros, diante de assuntos como a guerra ou a repressão da polícia aos moradores de rua, que o melhor a se fazer era se ajoelhar e rezar pelos pecadores. Deste modo, a expiação pelos pecados do “mundo” deveria ser realizada pelos toqueiros, tal como Jesus Cristo operou com uma expiação pelos pecados da humanidade no jardim do Getsemani. “Morrer pelo outro”, o mistério da *loucura da cruz* tal qual a narrativa da toqueira Flávia, no início deste capítulo.

Ao aprenderem a ver o real como um local habitado por um Cristo vivo, os toqueiros também começavam a enxergar outras entidades sobrenaturais, tão reais e vivas quanto Cristo, porém malévolas. Estamos falando dos demônios, as tentações vivenciadas no âmbito de uma batalha espiritual, evidenciada, pelos toqueiros, com a expressão *caminho estreito*. Nas falas dos toqueiros, aqueles que se entregavam para a obra de Deus eram os que eram mais tentados pelo demônio, de acordo com uma lógica que dizia que quanto mais próximo de Deus você está, mais o demônio irá te tentar. Este discurso se conectava também a uma ideia, presente em suas falas, de que o *vocacionado* normalmente apresentará um histórico de vida bastante atravessada pelo pecado: drogas, sexo, bebida eram os grandes perseguidores daqueles que Deus havia escolhido como seus seguidores⁹⁷. Assim, aceitar seguir a *missão* que Deus havia conferido ao cristão não era uma tarefa fácil.

Aqui, tornar-se é escarificar-se, é inscrever no corpo, e sacrificar o corpo, consumindo-se para Deus no tabernáculo e no sofrimento das ruas. Para isso, as vestes grosseiras, o cabelo raspado, o andar descalço ou de chinelos, e uma ascese diária marcada por horas de joelhos em adoração, e pelo cuidado com doentes e acamados. Um exemplo da valorização desta dimensão sacrificial

segundo Marcela, advém de “forças sobrenaturais” que se descarregam sobre o corpo do toqueiro.

⁹⁶Compreendemos, agora, depois desta descrição da vivência da *passio domini* na Toca de Assis, a condição de Getsemani referida por padre Roberto no capítulo I, e os suplícios descritos em suas narrativas de exílio também tornam-se claros, podendo ser compreendidos como a possessão de Deus em seu corpo, que sofria, tal como Jesus, os mesmos tormentos que antecederam Sua crucificação.

⁹⁷Assim, quando o demônio se manifesta em algumas vocacionadas no ritual de cura etnografado anteriormente, tal acontecimento é considerado normal pelas Irmãs Consagradas: “quanto mais perto estamos de Deus, mais o Diabo nos tenta.”; conforme me disse Irmã Mariana.

foi a morte de Irmão Alegria, considerado um dos co-fundadores da fraternidade por compor o primeiro grupo de *Irmãos Consagrados* da Toca de Assis, na turma do ano de 1995. Longe de se deterem nas causas médicas de sua morte, os toqueiros salientavam com orgulho que Deus havia levado Irmão Alegria, ainda tão jovem⁹⁸, para perto Dele devido a sua alta capacidade de entrega à Sua obra. Os toqueiros consideravam louváveis as artrites que Irmão Alegria tinha adquirido em tão pouca idade, e se orgulhavam ao comentar sobre seu incansável trabalho nos cuidados com os *irmãos de rua*. De acordo com a fala de Claudinha, natural de São Gonçalo (MG), que entre desistências e retornos, em 2007 estava no *noviciado*, Irmão Alegria nunca teria tido seu corpo tão deteriorado pela doença, com esta idade, se ele não estivesse na Toca de Assis⁹⁹. Do ponto de vista toqueiro, Irmão Alegria havia “se consumido”, “se martirizado” para Deus.

Encontrados no meio do lixo das ruas, ou abandonados pelas famílias nos hospitais, incapacitados de andar ou de falar, com os corpos repletos de pus e escaras, as articulações dos membros definhadas, esta vítima-modelo na qual o toqueiro verá o próprio Cristo encarnado é, em tudo, sinônimo do abjeto (KRISTEVA, 1982), daquilo que nos perturba, nos aterroriza; de um tenebroso corpóreo que toma forma nos fluidos, dejetos e orifícios e que retraçam o ato originário do furar de olhos edipiano, da imolação de Cristo. Na casa Nossa Senhora das Dores em Campinas, enquanto sorria e cantava, uma Irmã dava comida na boca de um idoso que as toqueiras haviam “batizado” de Jorge. Jorge fora encontrado em um dos hospitais da cidade, acamado sem documentos há duas semanas. Sua família havia sido contatada pelo hospital, mas não queria mais buscá-lo. Jorge não fala, não reconhece as pessoas, tem as articulações dos braços e mãos definhadas, não pode mais andar, solta gritos desconexos que ecoam por toda a casa.

O feio, o “freak”, o doente, auxiliam a despertar o terror, a nos levar diante de um face-a-face com a dor e com a morte que nos abala (SELLIGMAN-SILVA, 2005). O espetáculo trágico

⁹⁸Irmão Alegria morre aos 28 anos.

⁹⁹Claudinha havia se referido à morte de Irmão Alegria diante de uma pergunta que fiz a respeito de o que ela achava que iria acontecer quando os membros da Toca de Assis fossem ficando velhos; ao que Claudinha me respondeu que acreditava que ninguém iria envelhecer na Toca, todos iriam morrer jovens como o Irmão Alegria. Nesta sua fala, Claudinha passa a me elencar o que ela nomeia como os “martírios” que passavam na Toca de Assis: relatou o desconforto em que viviam, o fato de dormirem no chão, as três horas diárias de joelhos; me disse, ainda, que dormiam muito pouco e comiam mal, tinham raras atividades de lazer, além de se levantarem no meio da madrugada para a prática da adoração, cozinharem todos os dias para trinta pessoas, acordarem às 5:40 da manhã e nunca praticarem exercícios físicos.

onde a violência da imolação e a compaixão se tangenciam no contínuo que se forma entre o corpo do toqueiro, o corpo do *irmão de rua* e o corpo de Cristo seria, de meu ponto de vista, uma modalidade de purificação (consagração, catarse) do abjeto em direção ao sublime. Segundo Burke (1993), as ideias de dor e perigo são muito mais poderosas do que as que provêm do prazer, e tudo o que seja de alguma maneira terrível e produza a mais forte emoção constitui uma fonte de sublime.

Voltemos ao testemunho de *experiência pessoal com Deus* narrado por Flávia, no início do capítulo, particularmente no momento em que ela irá me dizer que, dentro da Toca de Assis, também sofria, mas tratava-se de um “sofrer para Deus”, o que, de acordo com suas palavras, realmente possuía “um significado sublime”. Ou quando Marcela adjetiva de “lindo!” os suplícios de Paixão que Beata Alexandrina sentia em seu corpo. O sublime, como sentimento que nasce da dor e do perigo, culmina em uma apreciação de deleite diante de uma sensação de perda de controle relacionada a um infinito e a um poder que nos domina por inteiro – desaguando, para Burke (1993), na própria ideia de Deus. Toda tragédia cultuada pela via do sublime e do abjeto funciona através do dispositivo do rito iniciatório, nos fornecendo chaves para a compreensão desta “paixão mista” (BURKE, 1993) contida no mito cristão.

Do ponto de vista toqueiro, Deus, tão grandioso e sagrado, se humilhou ao se colocar na condição mais baixa e pecadora, a condição humana. Para os toqueiros, este era o “amor” de Jesus Cristo pelos homens, um “amor” que O fez renegar sua grandiosidade para, ao se tornar pequeno, poder chegar bem perto de nós. Para Deleuze e Guattari (1995), quando deus se torna o animal imolado, ao invés de ser o animal que imola, temos fundado o mito cristão cujo cerne é o do Rei supliciado: o corpo de Jesus, deus imolado, fundamenta-se através de um jogo simétrico e invertido de contra-corpos: o corpo do rei e o corpo do supliciado. O Rei supliciado funda o sujeito duplicado: há nele nobreza e ao mesmo tempo martírio. Jesus tomou o mal para si, e ao fazer de si, o bode sacrificial; fez de nós o nosso próprio bode. Esta linha de Paixão é a fórmula que escande o mito cristão, e se inicia quando, com o povo judeu, um grupo de signos se destaca da rede imperial egípcia da qual fazia parte, começa a seguir uma linha de fuga do deserto, eminentemente passional, subjetiva e delirante, opondo o nomadismo ao império faraônico, produzindo uma relação com o sagrado pela via da errância e de processos renovados

de destruição que culminarão em um outro império, um outro reinado; o reinado de um Rei supliciado.

Para os toqueiros, viver como Cristo viveu implicava em uma escritura do mito em seus corpos, a partir de uma composição de corpos semelhantes àquele Cristo encarnado no pobre *irmão de rua*. Tornar-se pobre como o *irmão de rua* é imitar o Cristo, ser réplica, o duplo de Cristo: é também ser este corpo misto. O jogo entre o sujo e o limpo, o puro e o impuro, decorrentes desta imitação, são transmitidos nesta frase, que perpassa a ideia da mudança pessoal do cristão, através deste despojamento, para uma santificação da Igreja: “A Igreja só será vestida de linho quando estiver “suja” (...), quando ela estiver colocando a mão na ferida dos pobres...” (LETTIERI, 2008: 28). Na produção do corpo toqueiro, temos como base um despojamento das “riquezas”¹⁰⁰ e uma purificação moral e estética pela via do sagrado impuro (BATAILLE, 1987) banhado por sangue e pus.

Este duplicar-se é uma maneira de acessar o sagrado pela via da imitação, ou mais propriamente, pela via das máscaras. Seu funcionamento é sugerido por Lévi-Strauss (2008), quando compara o rito natalino de atualização do mito cristão com os ritos dos mascarados katchina. Entre os índios do sudoeste norte-americano, mascarados e fantasiados encarnam as katchina, deuses ancestrais que voltam periodicamente à aldeia para assustar as crianças. O mito que origina o ritual dos mascarados explica que as katchina são as almas de crianças ancestrais que se afogaram dramaticamente em um rio que os índios tiveram que atravessar quando tentavam encontrar um local para se fixarem. Após se fixarem em uma aldeia, as almas das crianças mortas voltavam anualmente e raptavam crianças.

Os índios conseguiram fazer com que as katchina permanecessem no além ao negociarem com elas que as representariam anualmente através das máscaras. A encarnação dos katchina pela via das máscaras, para Lévi-Strauss (2008), evidencia uma oposição mais profunda entre vivos e mortos: as katchina são ao mesmo tempo prova da morte e testemunho de vida após a morte; na medida em que a máscara não esconde o rosto, mas pelo contrário, ela o é.

Para Lévi-Strauss (1975), as máscaras atestam a onipresença do sobrenatural e a pululação dos mitos, posto que a via das máscaras cria um objeto que seja ao mesmo tempo caixa e animal

¹⁰⁰A única propriedade dos toqueiros no momento anterior ao seu processo de reestruturação era sua veste, sendo que cada qual possuía duas trocas da mesma.

e, ao mesmo tempo também, vários animais e um homem. A caixa fala, e proclama que ela própria é a carcaça de outro animal maior pelo qual adentramos, e em cujo interior se ergue “uma floresta de símbolos humanos e não humanos.” (LÉVI-STRAUSS, 1975, p. 13).

De acordo com Lévi-Strauss (2009), o rito natalino do Papai Noel encontra sua origem sincrônica nas *katchina*, e sua origem diacrônica nas Saturnais romanas, festas dos mortos por violência ou abandonados sem sepultura, nas quais os homens se vestiam de mulheres, os servos se sentavam à mesa dos senhores e eram por eles servidos, e se elegia uma criança como rei; criando, assim, uma comunhão desordeira que tinha por intuito chamar o sol, chamar a luz; e no natal medieval, em que as crianças se vestiam de fantasma e esqueletos e iam de casa em casa para pedir doces e frutas. Segundo Lévi-Strauss (2008, p. 12), se vestir de morto, ou de leproso, propicia a mesma eficácia de encarnação das máscaras *katchina*, na medida em que marca o estabelecimento de um perigoso *modus vivendi* dos mortos com os vivos.

Quando aquele que pede (o pedinte, o esmoleiro) é um ser sobrenatural, associado à morte, negar seu pedido é se arriscar a morrer também, como castigo. Como a noite ameaça o dia, os mortos amedrontam os vivos, e quem pede “se veste de morto” para poder receber. Há um poder sagrado de dádiva e ameaça contido na encarnação dos mitos e dos deuses nos corpos dos vivos. Na mesma linha, Turner (1974) considerará que se reduzir furiosamente a nada (a um “nada” socialmente construído) é fonte de poderes. As propriedades sagradas que se atribuem àquele que muda de posição parecem ser garantidas pela distância entre o que se era e o que se irá vestir: brancos sadios saídos de berço de ouro adquirindo os estigmas dos mais humildes, “vestindo-se como “vagabundos”, ambulantes em seus hábitos” (TURNER, 1974, p. 137-8), estes são os toqueiros.

O poder sagrado conferido pelo contato com a desordem e com a morte traz como consequência uma ameaça: trazer à tona o convívio dos vivos com os mortos, colocando juntos aquilo que arduamente se separou. Pois ademais, para Lévi-Strauss (2008), o Papai Noel significa uma inversão daquela relação medieval do homem com a morte: Papai Noel é a antítese do Senhor da Desrazão. Ao invés de subverter a ordem que separa o mundo dos vivos do mundo dos mortos pela via da encarnação dos mortos nos corpos dos vivos (e a partir desta escura subversão, recuperar a luz), a sociedade preferiu se relacionar com a morte através da

benevolência e da generosidade; deixando de lado a via subversiva da encarnação pelas máscaras¹⁰¹.

Ao escancararem o corpo supliciado em praça pública e vestirem seus corpos brancos e dóceis com os estigmas do Cristo supliciado, os toqueiros parecem resgatar esta via perdida. Alargando o momento de contato do fiel com seu Deus na Missa para o cotidiano, instaurando a sincronia, tendo a certeza de que vivem no tempo de Cristo e que Ele anda pelas ruas, enfim, capazes de re-encenar as Escrituras fielmente, os toqueiros faziam de seus corpos, narrativas da Paixão, testemunhas de um certo deus-rei-supliciado, um deus vivo; e de suas ações, vibrações que os engravidavam de Cristo, os tornavam repletos de Cristo.

Esta marca sacrificial e aflitiva da ascese toqueira – tanto em sua relação com a adoração eucarística, como em sua relação com as chagas de Cristo em seus corpos e no corpo-irmão-de-rua – os aproxima dos construtores de espelho de Michel Leiris (2002), cuja atividade é a de incorporar a morte à vida, torná-la de certa maneira bela e sublime. Últimos operacionalizadores do jogo agonístico em sociedades perpassadas pelo processo civilizacional, os construtores de espelho nos colocam cara a cara com a nossa comunhão com o mundo da morte, e misturam à beleza rígida e suave “algo de desvairado, de miserável” (LEIRIS, 2002, p. 75), nos alçando “ao nível de uma plenitude portadora de sua própria tortura e de sua própria derrisão.” (LEIRIS, 2002, P. 75).

A *loucura da Cruz*, ou a linha de Paixão, nos apresenta Cristo como o homem-dor, recoberto de chagas: um corpo no limite da vida e que inspira compaixão (SELIGMANN-SILVA, 2009). De acordo com Seligmann-Silva (2009), a compaixão de origem franciscana pauta-se na identificação com o imolado, e juntamente com o caráter aflitivo, aciona o dispositivo trágico através do dispositivo mimético. Primeiro estigmata, São Francisco torna-se ele mesmo um segundo Cristo supliciado. Dentre os santos patronos da Toca de Assis, Santa Catarina de Sena, São Pio de Pietrelcina e São Francisco de Assis foram estigmatizados, com exceção de Beata Alexandrina, que mais do que estigmas, sentia em todo seu corpo as dores da

¹⁰¹E aqui, temos mais uma vez sobrepujada a análise sócio-profética do discurso de padre Roberto Lettieri, quando ele afirmará que a sociedade de hoje estaria marcada pelo hedonismo, e as pessoas não suportam mais olhar para o sofrimento e para a Cruz (conforme vimos no Capítulo 1) – Cruz a qual, por sua vez, o “verdadeiro cristianismo” da Toca de Assis teria como mérito escancarar e carregar como caminho para o céu.

Paixão. De acordo com os mitos hagiográficos, os estigmas são cravados pelo próprio Cristo ou por outras agências sobrenaturais (São Francisco recebe os estigmas diretamente de Cristo; o coração de São Pio é perfurado por um Serafim), em uma extrema aproximação corpórea entre o homem e o Cristo imolado.

Ligar-se ao Cristo através de Suas chagas, Seus estigmas, é acessar diretamente uma reminiscência sangrenta, um certo sagrado contínuo; é tracejar entre as cicatrizes do corpo humano e as cicatrizes do corpo de Cristo uma linha que desenha no céu o Cristo-pipa de Giotto di Bondone, em seu quadro *São Francisco de Assis recebe os estigmas* (1295 d.C. – 1300 d.C.). Ligados ao Cristo na terra, constituem um agenciamento em que os movimentos de um implicam nos movimentos do outro (DELEUZE, 2007).

Encenar a dor do outro, encenar seu sacrifício, trazer para perto de si este Cristo, desaguar a morte sacrificial em um mundo que se quer profano e descontínuo é suprimir a distância entre Deus e o homem na medida em que os estigmas cravados no corpo-homem-bode são os mesmos estigmas do corpo-Cristo-supliciado. É uma comunicação contínua entre toqueiro e Cristo: ambos estão ligados pela linha da Paixão. Conforme os diversos testemunhos apresentados no presente capítulo, é se dar conta de que Deus está “dentro do coração”, e não em um pós-morte, ou em um céu distante. A experiência toqueira faz do Reino de Deus a experiência de um coração, uma experiência pessoal e interior, uma presença, uma realização e uma realidade; e não algo que se espere ou que virá em mil anos.

Assim, temos que o toqueiro se vincula ao sacral a partir de uma relação íntima, pessoal e corpórea. Ademais, o sacral é sobretudo uma divindade encarnada com a qual o toqueiro se une pela via do “amor” e do “coração” a partir de um *sacrifício de amor*; e com a qual se refere por uma personalidade manifesta em pronomes como “Ti”, tal como podemos observar na música Sublime Silêncio, de autoria da Toca de Assis: *Do teu majestoso silêncio estás,/ a me olhar,/ Nada mais preciso, nem anseio... /Em ti Senhor a minha liberdade, minhas asas/ são teus braços abertos na Cruz./Quando entras em mim, todo meu ser, se ilumina, /E o meu nada se faz tudo, pelo fogo do teu amor./ Preciso destes momentos sublimes,/Entre Tu, Senhor e eu grão de pó,/ Leva-me com teu olhar, aonde tu moras Amado/ E Sacia a angustia e a saudade de minh'alma pra sempre.*

Ao estender o rito sacrificial da Santa Missa para o dia a dia, os toqueiros, diferentemente

da tauromaquia (LEIRIS, 2002), não efetuam o último passo do esquema sacrificial maussiano, a saber, a dessacralização, quando todos retornam aos seus lugares de origem e a ordem é estabelecida. Conforme veremos no próximo capítulo, esta dessacralização será realizada por agentes externos, bispos diocesanos que retirarão a linha torta e desvairada da Paixão das práticas toqueiras, preferindo as linhas mais apolíneas e ordeiras em prol de uma Toca de Assis “mais madura, sólida e estável”¹⁰².

¹⁰²Expressão referente ao documento emitido por Dom Bruno, bispo da Diocese de Campinas, analisado na página 123 do capítulo 3.

Capítulo III

O processo de reestruturação

“As conversas no chão das casas acabaram, ninguém mais recebia notícias do céu, e a gente só rezava.” - diário de campo, Flávia, 10 de outubro de 2010.

Em fevereiro de 2010, o *Jornal de Opinião*, da Arquidiocese de Belo Horizonte, publica a reportagem de capa “Por que a Toca de Assis atrai tantos jovens?”. A reportagem, ao apresentar a fraternidade aos leitores, informa que devido a um retiro sabático do fundador, a Arquidiocese de Campinas, na figura de Dom Bruno Gamberini, havia assumido a administração da Toca de Assis, juntamente com mais dois bispos eméritos, Dom Albano Cavallin, de Londrina (PR) e Dom Rafael Cifuentes, de Nova Friburgo (RJ). Entrevistado, Dom Albano diz à reportagem que a grande meta da Arquidiocese de Campinas é fazer da Toca uma entidade eclesial: “Encontramos uma docilidade grande da parte dos jovens que, no sofrimento, acreditaram que a mãe Igreja está perto deles e Deus está conduzindo-os a uma maturidade. (...) estamos dando uma dimensão nova para a Toca.”

O bispo conta, ainda, que reuniões periódicas estavam acontecendo para reavaliar alguns pontos, como os da formação, da vestimenta e da rotina dos toqueiros: “Estamos nos reunindo e trabalhando junto com os guardiões das casas e dirigentes da Fraternidade, e refletindo sobre a importância de uma atualização em quesitos do carisma.”. A intervenção declarada dos bispos na formação de uma parte da Toca de Assis, aquela constituída pelas Irmãs e os Irmãos Consagrados, já podia ser notada desde setembro de 2009, quando após muitos meses sem publicação, a revista mensal *Toca para a Igreja* volta a circular, bastante mudada. Com bem menos páginas e com seu tema central acerca da importância da Bíblia, a revista já não informava o que estava para acontecer na Toca, mas o que já havia acontecido; elencando três retiros de formação ministrados pelos bispos, um no mês de julho, que teve o formato de um curso sobre Vida Consagrada, e dois no mês de agosto, em

Campinas e em Nova Friburgo, onde os bispos versaram acerca da missão da Toca de Assis enquanto um Instituto de Vida Consagrada. Retiros a portas fechadas, destinados a um público bastante específico.

Naquele mesmo fevereiro de 2010, em um campo realizado na Vila de Assis, casa de missão da Toca em São Paulo, eu levava um grande susto ao perceber a substituição do quadro com a fotografia de padre Roberto Lettieri pela fotografia do bispo Dom Bruno, em uma parede da casa¹⁰³. Ali na Vila, ao conversar com um Irmão acerca da notável ausência de toqueiros pelas ruas das cidades., obtenho dele uma resposta que me deixou ainda mais impressionada: “Não estamos indo tanto pra rua pois percebemos que precisávamos de formação. (...) A rua nos tirava o tempo da oração.”.

O que me impressionava nesta frase era a mudança em um aspecto de discurso que, conforme vimos até agora, constituía-se como uma bandeira para a Toca de Assis: o lema “a faculdade da Toca é a rua”. A frase que definia essa conexão com a rua era atribuída a seu *fundador*, padre Roberto Lettieri: “A Toca de Assis nasceu na rua. Hoje, é uma rua murada.”. Assim, o lema “a faculdade da Toca é a rua” (em explícita alusão ao fato de que os jovens abandonavam seus estudos ao entrarem para a fraternidade) se tornava algo como “precisamos sair da rua para ter faculdade”.

Não era simplesmente um discurso que se modificava, era a rua mesma quem saía de cena. A conexão entre o afastamento de seu *líder fundador*, padre Roberto, e os novos padrões de comportamento que a Toca assumia era clara: afastava-se o líder e também seus lemas e propostas. Enquanto o padre se retirava, os toqueiros iniciavam uma formação teológica conduzida pelos bispos. Como as pessoas estavam interpretando essas mudanças?

Jaqueline, dezenove anos, que passara pelo processo de discernimento vocacional na Toca de Assis mas optara por não se tornar membro, me disse, em seus

¹⁰³Em algumas casas, pelo menos uma parede era composta por quadros com imagens dos patronos da Toca de Assis - São Francisco, Catarina de Sena, Padre Pio e Beata Alexandrina -, fotografia de Papa Bento XVI, e fotografia de padre Roberto Lettieri.

termos, que a Toca estava “passando por uma reestruturação”, e que isso, acrescentado ao fato de o padre estar longe, estava fazendo com que a fraternidade passasse por muitas dificuldades financeiras. De acordo com Jaqueline, diante das dificuldades, muitos toqueiros saíram da fraternidade, o que, para ela, era um momento representativo para provar quem tinha ou não tinha “verdadeira vocação”. Já uma informante que preferiu se manter anônima, cuja sobrinha é uma pertencente da Toca de Assis, conta que a Toca estaria se modificando no sentido de pertencer à Igreja Católica ou não. De acordo com esta informante, sua sobrinha estava com muitas dúvidas se iria continuar na Toca de Assis ou não, por causa dessas mudanças.

Apresentando-se como benfeitor da Toca de Assis, Ricardo se referiu ao ano de 2009 como “o ano sabático da Toca”, ano em que a Toca estaria vivendo, segundo ele, o que se chama de “momento histórico”, e que toda a instituição católica passa por isso. Para ele, as mudanças que a Toca vem sofrendo “não são mudanças de carisma”, e sim mudanças necessárias pedidas pela Igreja. De acordo com ele, uma das coisas que a Toca mais preza é a obediência à Santa Igreja, de modo que, ao efetuar algumas mudanças, a Toca só estava sendo obediente à Igreja. Afirma, ainda, que muita gente saiu da Toca por conta destas mudanças, o que para ele significava que elas não estavam vivendo o que o carisma pedia – ou seja, o carisma da obediência –, e salienta que a Toca é uma obra de Deus, sem sobra de dúvida, se referindo aos boatos sobre a figura de padre Roberto como infâmias e calúnias.

Antonio, leigo da Toca de Assis que, na época da primeira missão da Bom Samaritano em Campinas, ajudava as toqueiras no preparo do almoço aos *irmãos de rua*, me contou que estava vivendo, junto da fraternidade, esse novo momento, referido, por ele, como uma “fase nova”, em que a Toca estaria saindo dos braços de um pai, o padre Roberto, para ir para os braços de uma grande mãe, a Igreja. Para isso, estava sendo necessária uma séria organização, principalmente no sentido de se erguerem casas de acolhimento, que fossem construídas no sentido de “recuperar e reinserir os pobres na sociedade”, e não de serem “depósitos de gente” como eram antes.

Vemos em sua fala uma crítica à maneira como eram as casas da Toca de Assis antes dessa nova proposta de mudança: se refere às antigas casas como “depósitos de gente”, que não cumpriam com um projeto de reinserção dos pobres acolhidos na sociedade. Antonio me disse, ainda, que essa seria organização para o momento atual era realmente importante para que não houvesse um “cisma” interno da fraternidade. Em sua opinião, se isso acontecesse, teríamos um grupo que não estaria em comunhão com a Igreja, isto é, ao não obedecer os pedidos de mudança feitos pela Igreja, teríamos um grupo herege: ele diz, nessas palavras: “isso é heresia”. Conta que, até onde ele conseguia observar, não estava havendo um cisma, porém, a saída de pertencentes, até de muitos pertencentes já consagrados, de acordo com Antônio, era notável.

Supressão de um ritual

Entre agosto de 2009 e fevereiro de 2010, muitas casas da Toca de Assis foram fechadas: de 150, a fraternidade passa a ter 66 casas. Neste fechamento maciço, privilegiou-se manter as casas que se situavam em locais rurais, ou mesmo em bairros distantes do centro das cidades, e a abertura de novas casas durante o período também seguiram esta lógica. Após tatear o que as pessoas de fora da Toca percebiam com o alerta de que a fraternidade estava passando por dificuldades, comecei a investigar como aquelas mudanças eram percebidas dentro das casas da Toca.

Na quarta-feira da semana seguinte àquela Páscoa de 2010, minha amiga Marcela iria entrar para o *noviciado*. Justamente no ano de Marcela, o *noviciado* passara de um período de um ano para um período de dois anos – por conta das tantas mudanças surgidas na fraternidade entre 2009 e 2010. De modo que fui visitá-la na casa em que estava morando com a Toca, em Guaratinguetá (SP).

Aquela visita fez com que eu fosse posicionada com bastante intimidade no cotidiano daquela *casa de acolhimento de irmãs de rua* debilitadas. Naquela semana, estava na cidade a *Irmã da Providência*, uma *consagrada* cuja missão é administrar a parte

financeira da Toca de Assis. Desde o começo do ano, ela estava viajando de cidade em cidade para coordenar questões burocráticas das casas da fraternidade: às voltas com advogados, escrituras e proprietários, sua tarefa naquele ano estava sendo passar as casas da Toca para o papel.

Como salientamos anteriormente, as casas que a Toca inaugurava eram, em sua maioria, casas doadas por *leigos benfeitores* que admiravam seu trabalho. Outras, eram casas alugadas, cujos aluguéis e contas também eram pagos por seus inúmeros *benfeitores*. O que a *Irmã da Providência* estava fazendo era, por um lado, tentar passar a escritura das casas doadas para o nome da Igreja Católica, e por outro, modificar os contratos de aluguel para períodos “indeterminados”, ou de dez a cinquenta anos – pois a ideia é que era preciso fixar aqueles espaços, para dar segurança para a comunidade, que muitas vezes era obrigada a ficar se mudando quando os contratos de aluguel venciam. A mudança nos contratos, ou até mesmo a feitura de um contrato de uma casa que estava nas mãos da Toca apenas pelo boca-a-boca da doação, estava sendo árdua: muitos proprietários não queriam passar suas doações para o nome da Igreja, e muitos se negavam a assinar contratos de aluguel por períodos tão grandes. De acordo com a *Irmã da Providência*, esses trâmites estavam sendo os principais responsáveis pelo fechamento das muitas casas, fechamento os quais ela mesma estava acompanhando de perto. As casas que não entravam nessas normas burocráticas estavam sendo fechadas.

A *Irmã da Providência* falou de Frei Hanz Stapel e sua Fazenda da Esperança¹⁰⁴ como o grande exemplo a ser seguido na relação entre vida religiosa e doações. Este frei alemão havia conseguido a doação da fazenda e no mesmo ano já havia passado toda a escritura para o nome da Igreja – o que, para a Irmã, significava que ele e sua comunidade poderiam ficar lá para sempre. Ao falar de Frei Hanz, a Irmã começou a exaltar outras alianças que estavam sendo feitas, naquele momento que era narrado, por ela, como o difícil processo pelo qual a Toca estava passando: citou a

¹⁰⁴Comunidade terapêutica que abriga jovens dependentes químicos desde 1985, teve seu reconhecimento papal em 1992.

Comunidade Shalon¹⁰⁵, que, segundo ela, estava ajudando muito a Toca, guiando-os por tudo aquilo que eles já haviam passado em seu processo de aceitação perante a Igreja. Esta comunidade, criada em 1982, estaria guiando a Toca ao lhe mostrar quais os caminhos que a mesma iria ter de escolher, diante das possibilidades existentes no interior da Igreja. Citou também os bispos que estavam responsáveis pela parte da “formação” dos toqueiros, Dom Albano e Dom Rafael.

Aquela Irmã falava destes dois bispos com muito respeito, dando graças a Deus a todo momento pela Toca estar sendo abençoada em estar nos braços daqueles bispos, e pela Toca ter a grande ajuda daquelas alianças, como a Shalon e a Fazenda da Esperança, dois exemplos já muito bem respeitados no interior da Igreja Católica¹⁰⁶. Eu percebia que essa exaltação a tais pessoas era construída pela diferença, ou seja, ao darem incisivas graças a tais alianças, podia se perceber as muitas desalianças em torno daquele processo. Isso me era evidenciado nas entrelinhas do cotidiano, como por exemplo, quando naquela semana as toqueiras haviam se dado conta que a doação semanal que recebiam de leite já não estava mais chegando. Justamente nesse momento, a *Irmã da Providência* anuncia também que “não vamos mais poder ficar vivendo de doação, gente”. Essa era mais uma indicação dos bispos, e assim, as Irmãs estavam pensando em materiais que os toqueiros poderiam começar a produzir para garantir seu sustento, até mesmo pensando em projetos onde os acolhidos pudessem trabalhar.

Ao falar dos bispos, eu podia perceber a grande proximidade que aquela Irmã estava tendo com os mesmos. Entendi que um grupo de Irmãos e Irmãs Consagrados estavam tendo constantes retiros de formação com aqueles bispos, chamados pela Irmã de “assembleias”. Em uma dessas “assembleias”, aquela Irmã, na mesma conversa sobre as alianças e a burocracia das casas, nos contava que haviam aprendido sobre a história da Igreja, comentando que “tudo o que nós estamos

¹⁰⁵Comunidade de padres cuja missão é evangelizar a juventude, a Shalon nasce em Fortaleza (CE) e é reconhecida canonicamente em 1983.

¹⁰⁶Em sua vinda ao Brasil, o papa Bento XVI visita a Fazenda Esperança, o que contribui para sua imagem de exemplo.

passando hoje é muito pequeno perto do que já aconteceu na história da Igreja” - referindo-se, claramente, ao processo das mudanças para uma “nova fase”. Ela dizia que nós nem imaginávamos as tantas coisas que já aconteceram na história da Igreja, tantas comunidades que passaram por coisas horríveis, que “perto da nossa situação, o que nós tem passado [sic] é muito pouco, gente.”.

Uma das mudanças de formação indicadas pelos bispos chegou naquela casa de Guaratinguetá na quinta-feira. Marcela já havia comentado comigo que eu havia chegado em um momento muito importante para a Toca: a semana de Páscoa, onde os toqueiros prezavam por uma ritualística de oração bastante pesada “para quem não está acostumado”. Tratava-se do ritual da *passio domini*. A *passio domini* das quintas-feiras de Páscoa consistia no ato de vigiar com Jesus no Horto das Oliveiras, revivendo o mais fielmente possível, durante toda a madrugada, de joelhos, as quatro estações que antecederam Seu julgamento: 1) Jesus vai ao Horto com os apóstolos, para orar, e pede para que seja afastado o cálice de Sua Paixão, 2) Jesus sua sangue, 3) Jesus, em sua agonia, encontra os apóstolos dormindo, 4) Jesus é traído por Judas, entregue aos soldados e preso (PORTELLA, 2009).

Conforme Marcela me explicara, todas as quintas-feiras os toqueiros realizavam em suas casas o ritual da *passio domini*, mas na semana da Páscoa, a quinta-feira era dedicada a uma exímia *passio domini*, pois a madrugada da Sexta-Feira da Paixão era exatamente aquela em que Cristo havia ido para o Horto das Oliveiras antes de seu julgamento, e pedido a seus discípulos João e Pedro para que subissem o monte e permanecessem em vigília por Ele. Assim, aquele dia havia começado com uma grande faxina da casa, e todas estavam se preparando para ficar toda a madrugada em vigília junto ao Santíssimo, procurando guardar silêncio e permanecer em jejum. Quando, depois do almoço, uma Irmã chega com uma carta que anunciava algumas mudanças na ritualística da semana de Páscoa. A carta não era assinada por ninguém, mas era escrita por uma primeira pessoa do plural que dizia estar estudando “as maneiras corretas” das práticas de oração, e avisava que “muitos de vocês poderão estranhar, principalmente no que diz respeito às modificações da quinta-feira

e do sábado”. Aquela carta extinguiu o ritual da *passio domini*, afirmando que o faziam “por ignorância”. Explicava o que deveriam fazer naquela quinta-feira: uma reza curta, na capela, durante a noite, com uma vela roxa acesa, e depois todas deveriam ir dormir.

A Irmã que havia trazido a carta, de modo bastante descontraído se lembrava de um ano em que padre Roberto havia pedido para que elas colocassem samambaias e outras plantas dentro da capela, para reproduzir fielmente a cena do Horto das Oliveiras. Ela sorria ao se lembrar de uma toqueira que tinha esbarrado em uma planta que caíra no meio da vigília. Minha amiga Marcela tinha ficado branca com a notícia que trazia aquela carta, e sentou-se no sofá, do meu lado, arrasada, com a carta na mão. Ela lia e não acreditava naquilo. Respirou fundo e se virou para mim, tentando ser natural, que aquilo que ela havia me explicado não iria mais acontecer, pois aquela carta dizia que por ignorância, elas realizavam aquele tipo de vigília.

De acordo com a pesquisa de Portella (2009), o ritual havia sido instaurado por padre Roberto, ao se inspirar na mesma prática efetuada pela Obra dos Santos Anjos, e sofria modificações conforme “Deus colocava no coração” do padre. A *passio domini* era, portanto, praticamente um rito original, uma criação do *fundador* padre Roberto Lettieri; de modo que sua supressão significava colocar o padre de escanteio, como *fundador* e administrador da Toca de Assis. A suspeita daquela carta, que acusava o ritual de ignorância, é a de que este ritual, de extrema ligação com padre Roberto Lettieri, tenha sido desaconselhado após exames da Igreja Católica. É importante nos lembrarmos aqui, novamente, da carta que padre Roberto Lettieri envia a todos em março de 2009: no final daquela carta, ele pede humildemente, não como líder, mas como também um *filho da pobreza*, que a *passio domini* continuasse sendo celebrada com muito amor e adoração, no tempo pascal:

“por isso com o meu coração de filho da pobreza peço-vos humildemente que a Passio Domini continue sendo celebrada com todo amor e adoração, mesmo durante o tempo pascal, por cada membro das casas fraternas, sendo este mistério também estendido nas sextas-feiras nas três horas da agonia do Senhor no Altar da Cruz.” (Carta, Anexo 1)

De acordo com o padre na carta, a *passio domini* era “sem dúvida alguma [é] o fortalecimento e o coração do nosso carisma, os filhos e filhas da pobreza do Santíssimo Sacramento tem nestas benditas três horas semanais em companhia do Senhor no Getsemani a única certeza de sua total perseverança, principalmente neste tempo presente (...)”.

A extinção do ritual da *passio domini* se conectava a outros dados que eu estava notando nos discursos dos toqueiros desde o começo do ano de 2010. Quando me contavam como andava a comunidade, diziam, no meio de suas narrativas, que também, como os moradores de rua, precisavam de dignidade, de conforto; que precisavam ter mais horários de descanso, e que o trabalho árduo com a rua estaria lhes tirando esta necessidade. Esta era uma mudança incisiva em um discurso referente a conforto, entre aqueles que sempre se gabaram de sua pobreza figurada em mortificações como dormir no chão, permanecer horas de joelhos, fazer intensos jejuns e viver apenas de doações; entre aqueles que exaltaram a morte de Irmão Alegria como um martírio exemplar.

O discurso da dignidade era acompanhado de um outro, referente a necessidade de dar dignidade aos *irmãos de rua*. Isso significava, na explicação da guardiã de Guaratinguetá, não pensar em uma mesma recuperação para os *acolhidos* da rua, como se eles fossem iguais, mas atentar-se às suas biografias para compreender a particularidade de seus problemas. Esta preocupação com as biografias também se casa com o modo como a saída de metade dos membros da Toca de Assis foi resolvida: para ser da Toca, é preciso, agora, ter um perfil biográfico muito bem delineado, muito encaixado na vocação que se pede, e o acompanhamento vocacional passa por um aprofundamento no catecismo da Igreja.

Pude contatar apenas uma toqueira desistente durante o período da “crise”. Ela, que preferiu se manter anônima nesta pesquisa, havia completado seis anos na Toca de Assis, e dois anos de Irmã Consagrada. Sua explicação para o abandono da vida religiosa foi dada, a mim, no sentido de uma “questão espiritual”: a Toca de Assis havia sido muito importante para que ela fortalecesse sua espiritualidade, mas

após aqueles anos, seu caminho já não era mais ali dentro. Já os que ficaram, tem a sua explicação para estes que saíram: se saíram, é porque nunca tiveram vocação. Na pesquisa de campo em Guaratinguetá, uma Irmã Consagrada dizia que eles deveriam dar graças ao Senhor por aquilo tudo por que vinham passando, pois, apesar de tortuoso e sofrido, o processo havia ensinado que não importava quantidade, mas sim qualidade; referindo-se às mudanças como verdadeira peneira para deixar na Toca apenas os melhores.

A recusa de elementos sacrificiais, a subsunção do espetáculo trágico da rua e do martírio da *passio domini*, no processo de reestruturação da Toca de Assis, levava-a em direção à perda de um tipo de alcance, ou experiência, com o sagrado. Seu esforço de adequação e reconhecimento implicou em uma supressão do jogo agonístico, e, como veremos adiante, em uma inversão da vivência do mito da Paixão, que, retirado de sua forma ritual, retorna ao seu formato de narrativas, escrituras e documentos.

O Documento

No dia 30 de julho de 2010, a Cúria Metropolitana de Campinas emite um documento (Anexo 3) onde o bispo da Arquidiocese de Campinas se pronuncia perante os acontecimentos envolvendo a Fraternidade Toca de Assis. Este documento, que será divulgado pela fraternidade em 1 de agosto de 2010, em seu blog oficial, apresentava um posicionamento do bispo e da Cúria sobre a situação da Fraternidade Toca de Assis e seu fundador em quatro pontos, conforme reproduzido abaixo:

“1. Os Filhos e Filhas da Pobreza do Santíssimo Sacramento, institutos religiosos também conhecidos como Toca de Assis, é uma obra meritória, nascida do coração de Jesus e que goza de pública estima e grande apoio dos Bispos do Brasil. Dão testemunho fiel da Igreja adoradora do Santíssimo Sacramento e amorosa servidora dos pobres sofredores.

2. Pe. Roberto Lettieri possui diante de Deus e dos homens, méritos inegáveis das Obras de Misericórdia, voltadas para os pobres e da difusão da adoração ao Santíssimo Sacramento, que são as colunas desta Família Religiosa fundada por ele.

3. No início de 2009, Pe. Roberto foi afastado do cargo de Ministro Geral dos Filhos da Pobreza. Desde então, não atua no Governo do Instituto, seja em Conselho Geral, em Capítulo ou quaisquer outras formas de participação. Assumiu como novo Ministro Geral, juntamente com seu Conselho, Ir. Gabriel do Verbo de Deus, missão que desempenham até os dias de hoje, no Instituto Masculino. No Instituto feminino continua como Ministra Geral a Irmã Maria dos Anjos do Mistério da Cruz.

4. Pe. Roberto solicitou-me a permissão para recolhimento no eremitério franciscano do Getsêmani, em Jerusalém, local em que permaneceu, por livre vontade, até o final de maio de 2010, quando retornou ao Brasil. Desde então, por motivos pessoais, encontra-se em residência particular na Arquidiocese de Campinas, sendo pessoalmente por mim acompanhado..

Sendo assim, toda a Toca de Assis vem passando por um importante processo de reestruturação, onde, pela graça de Deus, tem se tornado mais madura, sólida e estável. A Igreja, por meio de seus Bispos, tem dado todo o apoio necessário e tem acompanhado de perto cada passo dado. A Igreja tem reconhecido a autenticidade desse carisma e a beleza do florescer do Amor de Deus nesta Família Religiosa, tão especial aos olhos de Jesus.” (Comunicado de Dom Bruno Gamberini).

Uma das chaves para a compreensão deste documento é a da repercussão e dos conflitos que se fizeram sentir em resposta. Pela primeira vez durante a etnografia pude recolher tipos discursivos que *condenavam o clero*. Voltemos aos emissores de narrativas, aos dispositivos da Internet. O debate abaixo se deu na comunidade virtual Toca de Assis no programa de relacionamentos Orkut, e o tópico de discussão se chamava “Dom Bruno se pronuncia sobre a Toca e Pe. Roberto”, ao que era seguido de um link de acesso ao documento (Anexo 3).

[Bruce](#) (em 14 de agosto de 2010)“(…) E devemos lembrar que D. Bruno é um bispo, devemos respeitá-lo e aceitar o que ele diz. Se indignar ou se revoltar não é uma atitude louvável.”

[Wandi Soares](#) (em 15 de agosto de 2010): “Como respeitar um bispo que escreve que o padre Roberto ficou esse tempo todo fora por livre e espontânea vontade? Agora é muito "LOUVAVEL " tal atitude. esse padre Roberto salvou muitos corações e almas pelo seu sacerdócio, incluo-me nesses e tenho grande gratidão. Vocês se julgam acima do bem e do mal. O engraçado é D. Bruno dizer que a toca é madura.... amadureceu rápido não é mesmo? depois de dois anos que seu fundador foi exilado?HIPOCRITAS! SERÃO JULGADOS DA MESMA

FORMA!COM A MESMA MEDIDA! Cambada de fariseus, matam as pessoas com palavras e olhares (...)"

[Bruce](#) (em 15 de agosto de 2010): *"Te faço uma pergunta. Será que o Pe. Roberto está revoltado com o seu bispo D. Bruno? Com certeza não. Porquê ele é um Católico de verdade, sabe o valor que o bispo tem e o respeito que devemos a ele. Muitos santos sofreram verdadeiras injustiça por parte de alguns clérigos. Qual foi a resposta deles? Agiram com docilidade e respeito. Vide S. Pio De Pietrelcina. Então o melhor é abandonar esse emocionalismo sem sentido e procurar ver as coisas com um pouco de racionalidade. Se revoltar contra um bispo é uma coisa inaceitável, exceto em caso de heresia, cisma... o que não é o caso."*

[Wandi](#) (em 16 de agosto de 2010): *"Pois é Sr. racional. Sabemos q o padre não esta revoltado com seu bispo... Ele vem aceitando tudo com muita docilidade ao Espírito Santo... (...) O padre esta sim, aceitando a vontade de Deus na pessoa de seu bispo; o que não posso conceber é a falta de misericórdia com esse homem de Deus e da missa mais bela que pode existir... Não sei se vc [sic] já assistiu aquele filme " a missão " na época, a igreja, na pessoa de seu cardeal, não me lembro o nome, ordenou a matança de inúmeros índios por causa da coroa espanhola e portuguesa. Tudo isso para dizer que: não estou contra nenhum bispo, mas sobre a atitude de D Bruno de soltar uma carta falando da saída do padre do instituto e simplesmente soltar na internet. Fico a pensar: que PORCALHADA! Sem exagero, eles foram muito infelizes com essa atitude. Será que eles foram tão racionais assim? Algumas pessoas da igreja me envergonham, quando não me dão ânsia!"*

[Estela Thérèse](#) (em 16 de agosto de 2010) *"WANDI,FALOU TUDO!!!!...CONCORDO PLENAMENTE COM VC...."*

[Rê](#) (em 16 de agosto de 2010): *"**indignação!** Acompanhando os comentários, partilho da indignação do Wandí. Penso ser uma falta de caridade do dom Bruno e dos responsáveis pela Toca em postar na internet uma carta que acredito o "personagem principal" nem sabia de sua existência...Como um fundador pode vir a saber de uma carta que fala sobre sua vida, sobre sua filha - Toca de Assis da mesma maneira que nós?! No mínimo é uma falta de gentileza e educação... Me dói quando ao participar da Santa Missa em várias Paróquias da Arquidiocese de Campinas, porque sim, dom Bruno é meu Bispo, ver a Santa Missa sendo celebrada com brevidade, pra não*

dizer de qualquer jeito, tendo partes da Sagrada Liturgia devoradas pelo celebrante... Meu direito de católica não é respeitado, quando por várias vezes, tentei receber Jesus diretamente nos lábios. Pergunto o porquê, a resposta é sempre a mesma..."Não temos autorização da Diocese pra administrar a comunhão nos lábios..." e não adianta eu querer explicar que Roma me assegura esse direito, que o ordinário é receber Jesus nos lábios, que como fiel tenho esse direito..., mas vamos lá... Com essas e tantas outras coisas abortando a Sagrada Liturgia, nos separando do Mistério da Santa Missa, o Padre Roberto que celebra uma Liturgia impecável, continua sem celebrar em público..., por isso não é nada fácil ser católico."

[André](#) (em 16 de agosto de 2010): *"Não sabemos os motivos, as causas, mas se não confiarmos na Igreja o que será de nos? Por mais que não compreendamos, por mais que "não entre na nossa cabeça", peçamos ao Senhor a graça da humildade e da obediência, porque mais para frente vamos entender e louvar ao Senhor pela vida desse Bispo."*

[Fe &](#) (em 16 de agosto de 2010): *"(...) Agora, se so porque Don Bruno e Bispo isso nao significa que devemos nos calar, pois tambem fazemos parte da Igreja assim como Don Bruno, e nao concordo com sua pronuncias insuficientes e distantes das possibilidades de clareza e obstinacao na defesa de uma igreja imaculada. Vamos parar de ficar endeusando um Bispo que nao passa de homem, como eu e voces todos, pois os ensinamentos de Jesus nos tiram da escuridao, uma Igreja clara e a que eu vivo e defendo. AINDA ESPERO UMA POSICAO CLARA E OBJETIVA POR PARTE DO DON BRUNO, UMA POSICAO QUE CORRESPONDA A SUA POSICAO HIERARQUICA CLERICAL, SERIA MAIS RESPEITOSO PERANTE AOS OUTROS MEMBROS DA IGREJA. PAI, AFASTA DE MIM ESSE "CALI(-)SE"."*

[Bruce](#) (em 16 de agosto de 2010): *"Não, um bispo não é um homem comum como eu e você. Ele é um legítimo sucessor dos apóstolos. Possui o sacerdócio em grau pleno. É nossa obrigação respeitá-lo, exceto como eu já disse, em caso de heresia ou cisma. Devemos ter a confiança de que ele estará sendo guiado pelo Espírito Santo, e que fará o melhor pela Igreja e pelos seus filhos. **Se estão revoltados, coloquem os joelhos nos chão e vamos rezar pela nossa SANTA Igreja."***

[e nDəJ son](#) (em 17 de agosto de 2010): *"eu só queria saber o pq do padre mesmo*

não estando a frente da Toca de Assis ter sido proibido de pregar na Canção Nova e terem tirado todas suas palestras de circulação”

[Rogério](#) (em 17 de agosto de 2010): “... todos que estão nesta comunidade e porque tem um grande carinho, que verdadeiramente amam esta obra Toca de Assis e obviamente amam seu fundador, sendo assim precisamos saber o que está acontecendo pois temos que defender a Igreja fundada por nosso senhor Jesus Cristo, nas pessoas de seus sacerdotes, Bispos, Diaconos. (...) Temos nossos pastores que com uma voz profética suscitaram tantas conversões, estão escondidos e nos simples ovelhas sem saber o que fazer, precisamos sim com a força que temos a internet, através de carta, telefones, lutarmos até que voltem.”

[Paulla TOLEDO](#) (em 20 de agosto de 2010): “precisamos manter a calma não temos como concluir as nossas opiniões sem ouvir todas as partes de fato, porém se confiamos que a igreja É santa devemos no mínimo confiar um pouco na sabedoria que Deus a transmite... Vamos rezar para que saibamos usá-la e confiar. Com toda certeza don. Brumo é também uma pai preocupado com a toca de assis e está lutando para o melhor possível aos olhos humanos! Pax et bonum...”

[MARIANA](#) (em 22 de agosto de 2010): “Eu acho injusto o que estão fazendo com o Pe. Roberto, mas neste momento quero entregar a sua vida nas mãos de Deus. Agradeço a ele por todas suas sábias palavras e como não posso vê-lo na toca de assis e menos na canção nova, apenas rezo para que ele fique em paz”

[@Alex f. Célia@](#) (em 24 de agosto de 2010): “Wandê, solidarizo-me inteiramente com você e apoio tudo o que disse. Nunca me conformei com o "sumiço" estranho de Padre Roberto e coincidentemente após a pregação que fez na Canção Nova, XIV Tocão, "Correr para o altar dos pobres, onde criticou duramente os políticos. Tive a satisfação de assistir a palestra sem cortes através do DVD que adquiri no site da Toca. É triste a gente ainda ver certas coisas acontecerem em nossa igreja mesmo com tantos maus exemplos do passado. Mas Deus é Pai e vai cobrar de cada um de nós tudo aquilo que fizermos para prejudicarmos nosso irmão e pior ainda: Sua fúria será maior ainda com aqueles que tem o dever e obrigação de evangelizar e além de não o fazer ainda "podam" aqueles que o fazem com primazia.”

Tais narrativas evidenciam uma noção de Igreja como “vontade de Deus” manifesta na pessoa de bispos, clérigos e padres. O questionamento que as perpassa é em qual pessoa a Igreja, como vontade de Deus, se manifesta “mais verdadeiramente”? Afinal, como evidencia a fala de [Fe &](#), os leigos, católicos comungantes, também “são Igreja” “assim como Dom Bruno”. Poderiam os simples comungantes “lutar pela volta” de um sacerdote, ou pelo seu “direito de católico” (conforme a expressão de [Rê](#)) de receber a comunhão diretamente nos lábios? A quem caberia a “defesa de uma Igreja imaculada?” É notável a agonia e a inquietação dos emissores de narrativa frente a este dilema.

Se por um lado, esses “de fora” se degladiavam perante o funcionamento de sua Igreja demonstrando-nos, assim, os problemas de ser católico -, por outro lado, os jovens que haviam escolhido permanecer na Toca se mostravam muito animados com “novos projetos” para uma “nova Toca”. Irmã Juliana é minha interlocutora desde os primeiros anos em que conheci a Toca de Assis. Ela morava naquela Bom Samaritano que foi a primeira casa da Toca que conheci e passei a frequentar, no ano de 2005. Hoje, ela está coordenando a Pastoral Vocacional Feminina da região de São Paulo. Em minha última visita à Irmã Juliana, ela me apresentou o projeto da “nova Bom Samaritano”, um projeto decorrente da atual intercessão dos bispos na administração da fraternidade.

Percebendo minha preocupação em torno das mudanças, Irmã Juliana fez questão de salientar: não era para ninguém se assustar com as mudanças que a Toca vinha passando, pois “é tudo para o bem”. A casa da “nova” Bom Samaritano pertence a Diocese, e por isso, é preciso esperar que a mesma tome as decisões primeiro, para depois a Toca poder entrar e mexer. Assim, de acordo com Irmã Juliana, o espaço da casa e o projeto existem, mas estão parados, aguardando aprovação. Ao me mostrar o espaço da casa, um grande salão, todo abandonado, repleto de entulho, Irmã Juliana ia indicando cada espaço idealizado, “aqui a gente pensa construir a cozinha, aqui uma capela, aqui a parte de barbearia, aqui salas para médicos atenderem os irmãos” e há uma espécie de entrada entre a rua e o salão [tipo

uma antessala], cujo projeto é “aqui é onde os irmãos vão chegar e poder colocar o carrinho deles [de reciclagem], e aqui no canto vai ter uma cabine da assistente social, que vai fazer o cadastro deles, para saber se eles já vem aqui sempre, ou há quanto tempo estão passando por aqui, e também para puxar os documentos deles, procurar a família”.

Na opinião dela, o que está realmente mudando e que vai realmente mudar é em termos de uma unificação da Toca, o que significará que todas as Tocas tenham o mesmo planejamento dos cuidados com a rua e os mesmos comportamentos. Em sua opinião, hoje a Toca não é unificada, funcionando de modo diferente de acordo com a cidade onde ela está localizada. E a outra coisa que também vai mudar é o trabalho com os *irmãos de rua*. Que na opinião dela, o que estava errado com a Toca de antigamente é que eles ofereciam uma ajuda imediata, uma comida e fazer a barba, mas quando passava o outro dia, os *irmãos de rua* estavam iguais, bebendo, sujos, “sem dignidade”. Mas que agora não, eles realmente vão acompanhá-los, tirá-los da rua, e “dar uma esperança de vida, assim como Jesus fez na beira do poço com a samaritana”.

Essa comparação que Irmã Juliana faz com a Samaritana do poço evidencia uma importante modificação no discurso da assistência: ela explicou que Jesus não deu a água pra Samaritana se ela não resolvesse mudar, e que mudar era condição para a eficácia de uma água, que se tomada, a Samaritana nunca mais sentiria sede. Com essa história, Irmã Juliana explica que antes a Toca dava muito de graça, e que por isso os *irmãos* não saíam da situação da rua, mas que a partir de agora eles teriam que mudar pra poder se cadastrarem no sistema de recuperação da Toca de Assis. Assim, de acordo com suas palavras, eles farão um tipo de contrato, “você vai trabalhar e então eu vou te ajudar”.

Ir. Juliana disse, nesse nosso último encontro: “Muitos não entendem, mas esse é o tempo de Deus.” - tempo e maneira. Assim, a etnógrafa deve entender como estes que silenciam e obedecem, compreendem. Para eles, o silêncio não se trata de resignação. A obediência proporciona alianças, faz com que o sofredor do Getsemani

seja rodeado por auxiliares. Este seria o “funcionamento da Igreja”, considerado sagrado e único funcionamento verdadeiro, para os que compartilham de sua cosmologia. Um funcionamento pautado em um paradoxo: por ser o Rei de um outro reino, foi crucificado pelos homens. É o paradoxo de ser governado pelo Pai: obedece-se sacrificando a si mesmo em um sacrifício de morte, a qual é dor mas não é perda, é sofrimento mas é ao mesmo tempo redenção. O paradigma-radical da cruz e da Paixão abandona o corpo toqueiro mas permanece em suas narrativas: no contar e interpretar os processos de mudança, no exercício de compreender as determinações da Igreja.

Assim, um líder vai para o Getsemani, e uma comunidade se interioriza e se territorializa, para obter fortalecimento interno, recuando suas tropas de expansão. Volta-se para o interior em busca de melhorias: a “reestruturação” é logo interpretada, pelos toqueiros, como uma redenção, e não como uma entrega ou resignação. No momento de “crise” pela qual ainda passa a Fraternidade Toca de Assis, vemos que se empresta o paradigma-radical (TURNER, 2008) da Paixão de Cristo para agir e compreender ações. A biografia de seu *fundador*, por todos os lados que se olhe, sempre marcada pelo caminho tipo 'via crucis', é metáfora da transformação que assistimos: ainda não sabemos, Toca de Assis e Padre Roberto, se vocês são uns santos ou se vocês são uns loucos.

“Padre Roberto voltou!”

No começo de dezembro de 2010, alguns emissores de narrativas começam a publicar, entusiasmados, fotografias de padre Roberto Lettieri nos fóruns de discussão da Internet. Tal qual um fugitivo muito procurado, ou uma espécime muito rara, o padre era capturado através de câmeras fotográficas, preferencialmente ao lado dos emissores, que o abraçavam e sorriam para a câmera. Junto às fotos, narrativas contando que o padre estava em missão por diversas cidades, passando, primeiramente, por Anápolis (GO), depois, Brasília, e depois, por Prata (MG). As

fotografias começam a ser replicadas nas páginas pessoais de cada emissor. E os tais emissores, tornam-se cada vez mais “reais”, posto que desta feita, tornava-se necessário provar-se real (ou existente também fora da virtualidade) para que a notícia da volta do padre fosse verdadeira.

Nas primeiras fotografias do retorno do padre, ele aparece vestido com uma batina preta, muito clássica e bastante simples. Sua barba está comprida e branca, seus cabelos não estão mais tonsurados. Aqueles que contam que o viram, testemunham, com as fotografias, que o padre está bem, está feliz, e contam onde o padre ficou hospedado no período em que esteve nas cidades. Rejubilam-se em contar que o padre almoçou em suas casas, e que assistiram à missa juntos. Já em meados de dezembro, os emissores publicam a notícia de que o padre foi visto em São Carlos (SP). Desta vez, nas fotografias o padre está com a tonsura, a barba branca bem cumprida, e vestido com calça marrom, camiseta do corinthians, ou camiseta marrom com motivos católicos. Ele, sempre tão magro por conta dos jejuns radicais que fazia, está mais gordo, e sempre sorrindo. Aparece ao lado das pessoas que o receberam na cidade, dentro das casas dessas pessoas, fazendo pose ao lado de bandeiras e quadros referentes ao Corinthians.

De acordo com as narrativas, um rapaz estaria acompanhando o padre nessas viagens, e o motivo das mesmas era para desmentir toda a boataria em torno de sua pessoa, e mostrar para os católicos que ele não estava doente, nem havia deixado o sacerdócio.

A última notícia, mais esfuziante que as anteriores, foi a aparição do padre na TV Globo, em um noticiário do Rio de Janeiro, o RJTV, que mostrava os estragos das chuvas em Nova Friburgo (RJ). Em visita a um dos abrigos improvisados para receber as famílias que perderam suas casas, eis que a repórter lá encontra padre Roberto, desta feita, com suas vestes marrons grosseiras, tal qual um frade mendicante, indo de lá pra cá e de cá pra lá, na organização de alimentos doados. Bem mais magro que nas fotografias anteriormente publicadas, com a tonsura bem delineada e a barba cumprida, mas rente ao rosto, é como Irmão Pelicano que desta

vez retorna, seguindo o coração que diz para estar perto dos mais sofridos. Enquanto sua imagem aparece, na arrumação dos alimentos doados, nos diz a repórter: “De São Paulo, também vieram voluntários. Frei Roberto saiu de Campinas, no interior do estado, e desde a segunda-feira, ajuda a separar alimentos no abrigo.” Entrevistado, diz, sorridente, olhando ora para a repórter, ora para a câmera, com uma voz suave, bem diferente daquela voz incisiva e em alto volume típica de suas pregações: “Vou ficar aqui uns dias suficientes, que forem necessários, pra tentar dar a minha parte, né, do coração, porque eu não consegui ficar vendo pela televisão somente, como sacerdote a gente tem que... todos os cristãos, todas as pessoas humanas, né, a gente tem que sentir no coração isso, eu vim pra cá e.. e tô feliz, podendo colaborar com o pessoal mais sofrido dessa tragédia.”. Enquanto termina sua frase, a câmera corta para a imagem de padre Roberto no meio de uma enorme pilha de pães, concentrado no trabalho de separá-los em estantes, como se não percebendo a presença de uma câmera ali.

* * *

Alguns meses após o Capítulo Geral, reunião bianual de um Instituto de Vida Consagrada para redefinir alguns pontos de seu estatuto, já podemos perceber algumas novidades. Houve uma solidificação da vida contemplativa, com a abertura de quatro casas femininas e duas casas masculinas destinadas somente a vida contemplativa, e um Estatuto criado só para esta esfera do Instituto. A solidificação da vida contemplativa indica uma inversão daquilo que até então consideramos o aspecto místico, ou seja, de um sagrado acessado sem mediações, na Toca de Assis. Por um lado, temos uma mediação eclesial episcopal e de outro, a questão da rua definitivamente desaparece: a vida contemplativa é uma vida religiosa de clausura e completamente voltada à oração.

Ali mesmo, em Nova Friburgo, onde a TV Globo encontrou Irmão Pelicano, há uma casa de vida contemplativa. Situada na encosta de um morro, a casa estava em

perigo por conta dos desabamentos das chuvas, e então as catorze Irmãs que moravam lá, foram se abrigar no Colégio Nossa Senhora das Dores. Irmã Ana Paula, segundo depoimento, diz que ficou enormemente surpresa quando saiu da casa e viu tanta gente morrendo e sofrendo: “Não sabíamos que havia pessoas sofrendo assim.”

Conclusão

A presente pesquisa acompanhou o processo de reestruturação da Toca de Assis entre os anos de 2009 e 2010, dentro de um recorte em que o caso não chegou a uma conclusão. O retorno de padre Roberto Lettieri indica o caso em aberto, passível de ser observado e analisado em outros e futuros recortes temporais. Dentro do recorte apresentado, observamos uma supressão dos elementos agonísticos que compunham a ascese toqueira e se personalizavam na figura de seu fundador, padre Roberto Lettieri; em prol de uma interiorização dos toqueiros, tanto na questão espacial como no sentido ritual e intelectual, acrescido da entrada administradora de bispos diocesanos na formação toqueira e no processo de criação de um modelo mais “ordeiro, maduro e estável” para a fraternidade como um todo.

Olhar a fraternidade pelo viés da intervenção episcopal-diocesana e, através das frestas, descobrir uma dissonância em relação às observações realizadas no momento anterior às “mudanças”, possibilitou-me compreender os toqueiros no âmbito exato daquilo que estava sendo suprimido por agências exteriores, a saber, o elemento agonístico, sacrificial, que permitia aos toqueiros sacralizar a realidade – resultando, assim, numa indistinção entre ordinário/extraordinário; sagrado/profano – e tomar o mito cristão como uma questão de vida ou morte, cravada em seus corpos e em suas biografias.

Referências Bibliográficas e Bibliografia

- BASTIDE, Roger. “Religion: L'anthropologie religieuse” *Encyclopaedia Universalis*, 1972.
- _____. *O sagrado selvagem e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo* Porto Alegre: L&PM, 1987.
- _____. *Teoría de la religión* Madrid: Taurus Ediciones, 1991.
- BERGSON, Henri. *As duas fontes da moral e da religião* Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- BEZERRA, Patrícia. “Toca de Assis: continuidades e rupturas no catolicismo contemporâneo” *Anais da VIII Reunión de Antropología del Mercosur (RAM)*, Buenos Aires, 2009.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A crise das instituições tradicionais produtoras de sentido. Intervenções: José Guilherme Magnani, Antonio Mendonça, Jether Ramalho, Carlos Rodrigues Brandão. In ZICMAN, Renée e MOREIRA, Alberto (orgs). *Misticismo e Novas Religiões*. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Instituto Franciscano de Antropologia da Universidade São Francisco, 1994.
- _____. “Fronteira da fé – alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil de hoje” *Estudos Avançados*, volume 18, número 52, São Paulo, 2004.
- BURKE, Edmund. *Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas idéias do sublime e do belo* Campinas, SP: Papyrus, 1993.
- CAMURÇA, Marcelo. “Cosmologia e estrutura de longo curso do catolicismo na dinâmica da modernidade” Trabalho apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho de 2008, Porto Seguro, Bahia, Brasil.
- CARRANZA, B.; MARIZ, C.; CAMURÇA, M. (orgs). *Novas Comunidades Católicas: em busca do espaço pós-moderno* Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009.
- CARRANZA, Brenda e MARIZ, Cecília. “Novas comunidades católicas: por que crescem?” In CARRANZA, B.; MARIZ, C.; CAMURÇA, M. (orgs). *Novas Comunidades Católicas: em busca do espaço pós-moderno* Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009, pp. 139-170.
- CARRANZA, Brenda. *Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências* Aparecida – SP: Santuário, 2000.
- CASTANEDA, Carlos. *Uma estranha realidade* Rio de Janeiro: Editora Record, 1971.
- CUBAS, Carolina Jaques. *O corpo habituado. Sentidos e sensibilidades na formação das Irmãszinhas da Imaculada Conceição (Província Nossa Senhora de Lourdes, 1960 – 1990)*. Dissertação de Mestrado em

História. Universidade Federal de Florianópolis, 2007.

_____. “Memórias de formação: sentidos e sensibilidades durante o início da vida religiosa na Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição (1960 – 1990)” *Tempo e Argumento* volume 2, n. 2, Florianópolis, jul-dez. 2010, pp. 44 – 60.

DE CERTEAU, Michel. *A escrita da história* Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

_____. “Mysticism” In *Diacritics*, vol. 22, n. 2, 1992, pp. 11-25.

_____. *The Possession at Loudun* Chicago: University of Chicago Press, 2000.

DE THEIJE, Marjo e MARIZ, Cecília. “Localizing and globalizing processes in brazilian catholicism: comparing inculturation in liberationist and charismatic catholic cultures” *Latin American Research Review*, 43 (1), 2008, pp. 33-54.

DELEUZE, Gilles. “Michel Tournier e o mundo sem outrem”. In: DELEUZE, G. *Lógica do Sentido*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

_____. *Bergsonismo* São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. *Francis Bacon: lógica da sensação* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. *Mil Platôs – volume 2* São Paulo: Editora 34, 1995.

DONNER-GRAU, Florinda. *A bruxa e a arte do sonhar* Rio de Janeiro: Record: Nova Era, 1998.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo: ensaio sobre a noção de poluição e tabu*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1991 [1976].

FAVRET-SAADA, Jeanne. *Deadly words: witchcraft in the Bocage* Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

FRY, Peter e HOWE, Gary. Duas respostas é aflição: umbanda e pentecostalismo *Debate e Teoria*, n. 6, Julho de 1975.

GOLDMAN, M. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. *Revista de Antropologia*, São Paulo: USP, v. 46, n. 2, p. 423-444, 2003.

JACINTO, Pierina Angélica Soratto. *Pobresa e Alianças: análise das relações entre uma comunidade de vida e aliança no Espírito Santo e a cidade de São Paulo*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social (USP). São Paulo, [s/n]: 2010.

JAMES, William. *Las variedades de la experiencia religiosa* Ediciones Península, 1994.

KRISTEVA, Julia. *Powers of horror: an essay on abjection* New York: Columbia University Press, 1982.

LAPA, José Roberto do Amaral. *A Cidade: os Cantos e os Antros: Campinas 1850-1900*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

- LATOUR, Bruno. “ “Não congelarás a imagem”, ou: como não desentender o debate ciência-religião” *MANA* 10 (2): 349-376, 2004.
- LEIRIS, Michel. *Espelho de tauromaquia* São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *A via das máscaras* Lisboa: Presença Editorial, 1975.
- _____. *O pensamento selvagem* Campinas, SP: Papyrus, 1989.
- _____. *O suplício do Papai Noel* São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- MACHADO, Maria das D. C. *Carismáticos e Pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas e São Paulo: Autores associados e ANPOCS, 1996.
- MARIZ, Cecília. “Comunidades de Vida no Espírito Santo: um novo modelo de família?” In: DUARTE, Luiz Fernando Dias *et al.* (org.). *Família e Religião* Rio de Janeiro: Contracapa, 2005a.
- _____. “Comunidades de Vida no Espírito Santo: Juventude e Religião” In: *Tempo Social* vol. 17, n. 2, 2005b.
- MARTINS, José Pedro Soares. *Vocação solidária. Flashs da história da assistência social em Campinas*. Campinas, SP: Print Shop, 1998.
- _____. *Campinas Século XX: 100 anos de história*. Campinas, SP: Rede Anhanguera de Comunicação, 2000.
- MAUSS, Marcel e HUBERT, Henry. *Sobre o sacrifício* São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- MENDONÇA, Antonio Gouvêa. “A experiência religiosa e a institucionalização da religião” *Estudos Avançados*, volume 18, número 52, São Paulo, 2004.
- MIRANDA, Júlia. “Convivendo com o “diferente”: juventude carismática e tolerância religiosa” *Religião e Sociedade*, vol. 30, n. 1, Rio de Janeiro, 2010, pp. 117-142.
- OLIVEIRA, Eliane Martins de. “O mergulho no Espírito de Deus”: diálogos (im)possíveis entre a Renovação Carismática Católica e a Nova Era na Comunidade de Vida no Espírito Canção Nova. Dissertação de Mestrado em Sociologia (UFRJ). Rio de Janeiro, 2003.
- PEREIRA, Edilson. *O Espírito da Comunidade: passagens entre o mundo e o sagrado na Canção Nova* Dissertação de Mestrado em Antropologia Social (UFRJ). Rio de Janeiro, [s/n]: 2008.
- _____. “O espírito da oração ou como os carismáticos entram em contato com Deus” In *Religião e Sociedade* vol. 29, n. 2, 2009, pp. 58-81.
- PORTELLA, Rodrigo. “Toca de Assis e juventude: uma surpreendente identidade católica contemporânea” *Caminhos, Goiânia*, vol. 5, n. 1, jan/jun 2007, pp. 179 – 199.
- _____. *Em busca do dossel sagrado. A Toca de Assis e as novas sensibilidades religiosas*.

Tese de Doutorado em Ciências da Religião. Juiz de Fora, 2009a.

_____. “Medievais e pós-modernos: a Toca de Assis e as novas sensibilidades católicas juvenis” In CARRANZA, B.; MARIZ, C.; CAMURÇA, M. (orgs). *Novas Comunidades Católicas: em busca do espaço pós-moderno* Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009b.

PINTO, Flávia Slompo. *O altar dos pobres: juventude e pobreza na experiência religiosa da Fraternidade Toca de Assis* Monografia (Graduação) – Bacharelado em Antropologia Social, Universidade Estadual de Campinas, 2008.

_____. “Santos Urbanos: experiência de catolicismo na cidade” *Ponto Urbe – Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP* vol. 4, ano 3, 2009a.

_____. “Radicalmente santos: o *rock n’roll* e o *underground* na produção da pertença religiosa entre jovens” *PROA – Revista de Antropologia e Arte* vol. 1, n. 1, 2009b (www.ifch.unicamp.br/proa).

_____. ““Se morro, morro de amor pela Santa Igreja”: as novas comunidades e as linhas nômades da experiência religiosa contemporânea” Apresentação de Trabalho – III Encontro do GT Nacional de História das Religiões e Religiosidades – ANPUH. Florianópolis, 2010a.

_____, “Territórios religiosos: uso dos corpos e do espaço público em uma experiência de catolicismo na metrópole” In *Geografia: Ensino & Pesquisa* vol. 14, n. 2, 2010b, pp. 33-42.

RUFINO, Marcos Pereira. “O código da cultura: o Cimi no debate da inculturação” In MONTERO, Paula (org). *Deus na Aldeia: missionários, índios e mediação cultural* São Paulo: Globo, 2006.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O local da diferença – ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução* São Paulo: Editora 34, 2005.

_____. *Para uma crítica da compaixão* São Paulo: Lumme Editor, 2009.

SILVEIRA, Emerson Sena da. *Corpo, emoção, rito: antropologia dos carismáticos católicos*. Porto Alegre: Armazém Digital, 2008.

_____. “Festa católico-carismática e pentecostal: consumo e estética na religiosidade contemporânea” In *Revista Brasileira de História das Religiões – ANPUH*, Ano III, n. 9, Jan. 2011a, pp. 269-289.

_____. “Sociabilidades católicas em deambulação urbana: jovens e

festivais de música católico-carismática” In *Anais do XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais*, Salvador, Agosto, 2011b.

SILVA, Carolina Parreiras. *Sexualidades no ponto.com: espaços e homossexualidades a partir de uma comunidade on-line* Dissertação de Mestrado (UNICAMP). Campinas, SP [s/n], 2008.

SOARES, Hugo Ricardo e PINTO, Flávia Slompo. “Santa Gianna Beretta Molla: um estudo sobre os novos modelos de santidade no catolicismo contemporâneo” In *Anais da 27.a Reunião Brasileira de Antropologia*, Belém, Pará, 2010.

SOFIATI, Flávio Munhoz. “Elementos socio-históricos da Renovação Carismática Católica” *Estudos de Religião*, v. 23, n. 37, jul./dez. 2009.

_____. *Religião e juventude: os novos carismáticos* São Paulo: Ideias & Letras, 2011.

STEIL, Carlos Alberto. “A Igreja dos pobres: da secularização à mística” *Religião e Sociedade*, vol. 19, n° 2, 1998, pp. 61-76.

_____. “As Aparições Marianas na história recente do Catolicismo”. In: Carlos Alberto Steil, Cecília Mariz , Mísia Lins Reesink (orgs.). *Maria entre os vivos. Reflexões teóricas e etnografias sobre aparições marianas no Brasil*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003a, pp.19-36.

TURNER, Victor. “Social dramas and stories about them” In *Critical Inquiry* vol. 7, n. 1, On Narrative, 1980, pp. 141-168.

_____. *Floresta de símbolos: aspectos do ritual ndembu* Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2005.

_____. *Dramas, campos e metáforas. Ação simbólica na sociedade humana*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

VALVERDE, Paulo. “O corpo e a busca de lugares da perfeição: escritas missionárias da África Colonial Portuguesa, 1930 – 1960” In *Etnográfica*, vol. 1 (1), 1997, pp. 73-96.

WAGNER, Roy. *Symbols that stand for themselves* Chicago: The University of Chicago Press, 1986.

_____. *A invenção da cultura* São Paulo: Cosac Naify, 2010.

WEBER, Max. *Ensayos sobre sociologia de la religión – vol. 1*. Madrid: Taurus Ediciones, 1992.

Artigos de Jornal e Revista

DONEGANA, Costanzo e MISKALO, Pedro. “Novos Carismas” Revista Mundo e Missão, São Paulo, número 95, setembro de 2005.

PIREZ, Hugo. “Por que a Toca de Assis atrai tantos jovens?” *Jornal de Opinião*, Belo Horizonte, 9 a 14 de fevereiro de 2010.

Demais fontes de pesquisa:

FRANÇA, Nubia Maciel; RAHM, Haroldo; ROQUE, Maria Xavier. *Yoga Cristã e a espiritualidade de Santo Inácio de Loyola* São Paulo: Edições Loyola, 2007.

LETTIERI, Padre Roberto. *Jesus Sacramentado, nosso Deus amado* São Paulo: Editora Palavra & Prece, 2005.

_____. *Francisco, vai e reconstrói a Minha Igreja* São Paulo: Editora Palavra & Prece, 2008.

Revista Toca para a Igreja número 38, Ano IV, Setembro de 2005.

RAHM, Haroldo. *Treinamento de Liderança Cristã* São Paulo: Edições Loyola, 1972.

Anexos

Anexo 1 – Carta de Padre Roberto aos Filhos e Filhas da Pobreza do Santíssimo Sacramento e aos Leigos (publicada em 3 de maio de 2009)

*Amados Filhos e Filhas da Pobreza do Santíssimo Sacramento.
Jesus Sacramentado Nosso Deus Amado!*

Com a firme esperança que cada um de vós tenha recebido do Senhor a graça de uma quaresma segundo Sua vontade, e tendo realizado uma Semana Santa cheia do Espírito Santo, escrevo estas palavras ao mais profundo do coração de cada ovelha. Vos escrevo do lugar mais santo e profundo desta terra santa, segundo o meu coração, o maravilhoso Getsemani, localizado bem aos pés do, também belo, Jardim das Oliveiras.

Escrevo antes de tudo para manifestar minha profunda união com cada um de vós, durante esse tempo pelo qual vive nossa Fraternidade. Mesmo no silêncio, a certeza que deste lugar santo onde tive a graça de viver esta quaresma, procurei com todo coração fazer da minha vida, em meio a tantas lutas e limitações, um contínuo ato de amor ao nosso grande Deus e Senhor Jesus Cristo, por cada um de vós.

Aqui no Getsemani tudo respira a vontade do Pai, e o grande “sim” do Senhor; em cada anoitecer tenho a forte certeza que o Cálice do fortalecimento se derrama sobre toda a Igreja, principalmente na vida de seus Sacerdotes, Consagrados e Consagradas, e não há dúvida que vivemos um tempo de uma grande e profunda purificação.

Amados Filhos e Filhas, procurarei também nestas palavras manifestar algumas faces do meu coração. Primeiramente pela graça de Deus, mais uma vez o meu pedido de perdão, em meio a minha história de Pastor junto ao coração de cada uma de minhas ovelhas, na mais sincera esperança de poder recebê-lo de cada ovelha que eu possa ter ferido nesta caminhada tão verdadeira entre o mistério da graça e a débil natureza humana.

A santa Igreja nos ensina que a consciência é o nosso sacrário, silencioso e verdadeiro, e é com esta consciência e coração diante do Senhor, que manifesto meu grande amor por este Carisma que o Senhor colocou por excelência em minhas mãos, por isso a minha grande necessidade de render o meu louvor e gratidão por tudo, e ao mesmo tempo, ajoelhar-me diante do Carisma e de cada ovelha, pedindo-vos perdão mais uma vez, e dizer que no altar de Deus, sempre encontrei, e encontro a certeza de que não faltará o perfume de Bethania. “A quem muito foi perdoado porque muito amou”. No altar a certeza do seu perdão e do seu amor, Ele de fato é o grande médico, e é por este grande mistério que em cada Santo Sacrifício da Missa o Sacerdote, com o olhar fixo no Cordeiro imolado sobre o altar, antes de comungá-Lo diz: “A comunhão do vosso Corpo e Sangue, Senhor Jesus Cristo, não seja para meu julgamento e condenação, mas, pela vossa Misericórdia, me sirva de proteção e remédio para a alma e para o corpo.”

Assim, desejo de todo coração agradecer ao Senhor por cada Santa Missa celebrada em minha vida, onde por experiência aprendi neste misterioso caminho de busca de santidade a cada dia que nunca poderá faltar o perfume na casa de Bethania, pedir perdão por qualquer fraqueza que tenha cometido na busca de santidade, a cada dia, do altar de Deus ao altar dos pobres. Perdão!

Apesar de estarmos vivendo o lindo tempo Pascal, sinto a necessidade de fazer da minha vida, pela graça de Deus, aqui no Getsemani, uma oblação por amor a cada um de vós. Canto o meu Aleluia voltando o coração para a vida de vocês, a lembrança e a saudade fixam firmemente sua morada dentro de mim, momentos de alegria, dor, solidão, lágrimas, mas em tudo procuro viver em espírito de sacrifício com uma decisão forte que me leva a ser fiel a cada dia, elevando o Cálice da Salvação com todas as forças do meu coração.

Como já vos disse, o Getsemani para mim é o lugar mais belo do mundo, aqui aprendemos a dar o sangue pelo Senhor, lugar de luta entre a santidade ou abandonar tudo, lugar forte da presença do Senhor, aqui Deus em seu

amor faz aumentar em nosso coração a experiência de Adorá-Lo: adorar o Senhor, o Santíssimo Sacramento, é muito mais que uma espiritualidade, que um rito, a nós Filhos e Filhas da Pobreza do Santíssimo Sacramento, é a certeza do sepulcro vazio, é um encontro pessoal, sempre pulsante e novo, é a alegria de encontrar-se com a Misericórdia que cobre nossos pecados e nos leva onde assim Ele o deseja, por esta santíssima razão nunca há perda de tempo diante do Santíssimo Sacramento, adorá-lo é a razão profunda do nosso viver. “Para tudo há momento e tempo, para cada coisa sob o céu.” (Ecl. 3,1)

Cresce dentro em mim o desejo de voltar ao Brasil, porém sinto e sei que ainda não o devo fazer, preciso permanecer no Getsemani onde se sente uma Passio Domini continua, que sem dúvida alguma é o fortalecimento e o coração do nosso carisma, os filhos e filhas da pobreza do Santíssimo Sacramento tem nestas benditas três horas semanais em companhia do Senhor no Getsemani a única certeza de sua total perseverança, principalmente neste tempo presente, por isso com o meu coração de filho da pobreza peço-vos humildemente que a Passio Domini continue sendo celebrada com todo amor e adoração, mesmo durante o tempo pascal, por cada membro das casas fraternas, sendo este mistério também estendido nas sextas-feiras nas três horas da agonia do Senhor no Altar da Cruz.

Em minha volta ao Brasil, no momento presente quero pela graça de Deus continuar sendo o carisma que está em mim por escolha divina sem mérito algum de minha parte e que foi dado a vós pelo meu pobre, mas escolhido coração. Lembro-me neste momento das últimas palavras ao meu coração do Arcebispo emérito de Campinas Dom Gilberto Pereira Lopes que disse: “A melhor maneira de ser, é ter sido e você foi o homem que ensinou uma multidão a adorar o Santíssimo Sacramento e a amar aos pobres como a si mesmo, e ninguém pode tirar isso de você, pois Deus não faz um círculo quadrado ou um quadrado redondo”.

Voltando aos ditames do meu coração e da minha consciência como servo, sinto que procurei me consumir profundamente nesses quinze anos em que a Toca está próxima a celebrar, o carisma como fonte. Desejo voltar simplesmente para ser Filho da Pobreza, para dar aos corações o carisma e nada mais, poder continuar anunciando ao Brasil e ao mundo que Deus é Sacramento, sei que não tenho intelecto nem estudo para almejar outro caminho, só tenho uma esperança e uma alegria, viver e dar a tantos corações o carisma que do Senhor Jesus recebi para o seu louvor de sua glória, e de sua santa Igreja.

Estamos ainda com a bem-aventurada Paixão do Senhor diante de nossos olhos, por isso é necessário mais do nunca adorá-lo. “O amor não é amado e espera o meu amor.” (São Francisco de Assis)

Manifesto minha gratidão a Dom Bruno, Dom Albano, e ao conselho dos Filhos e Filhas da Pobreza do Santíssimo Sacramento, por estarem à frente no cuidado do nosso Instituto, e das vidas consagradas a ele. Estendo também minha gratidão à perseverança na radicalidade do carisma neste tempo difícil que estamos vivendo a cada Filho e Filha da pobreza, aos (as) Aspirantes, Postulantes, Noviços, e a todos os leigos: nascemos para fazer adorado a Deus no Sacramento e fazer o Pobre feliz.

Termino estas palavras dizendo que muito tenho sofrido pela saudade, pelo desejo ardente de que tudo seja restaurado, na certeza profunda pela fé, que nada está parado o Senhor está agindo no meio de nós. Sofrimento este que como Pastor tenho oferecido em lágrimas de louvor ao Senhor no Altar a cada dia, o Espírito Santo tem me levado a viver a obediência pelo sofrimento, e é exatamente esta a passagem da carta aos Hebreus esculpida no frontal da majestosa basílica do Getsemani. O futuro de meus dias pela obediência eu o entrego à sombra do coração do meu Pastor Dom Bruno Gamberini dentro do carisma a nós confiado.

Que a Virgem do Sorriso e da Alegria do Ressuscitado, guarde os vossos corações como ovelhas no redil do Coração do Senhor, aos amados leigos e leigas do Brasil e do mundo minha gratidão por manifestar tanto amor ao coração do Padre, sem vocês penso que meu coração não suportaria os momentos fortes de solidão, eu os amo, que o Senhor os fortaleça nesta sublime missão.

Meu abraço verdadeiro e sincero de Pastor e Fundador ao Irmão Gabriel, e à Irmã Maria dos Anjos, em suas importantes missões, que o Senhor os fortaleça a cada dia em seu Amor.

Que o nosso ato gratuito de Adoração ao Senhor seja nossa primícias de cada dia, a casa de Bethania não pode ficar sem o perfume do amor a Deus no Sacramento, que é profundamente sensível aos nossos atos

extraordinários de amor e adoração, nunca tenhamos receio de dar a Deus as primícias de nosso dia, nenhuma preocupação ou necessidade arranque de nós as primícias da adoração a Deus o Santíssimo Sacramento, como verdadeiros Filhos e Filhas da Pobreza do Santíssimo Sacramento. “Que seria da Igreja se a bolsa de Judas estivesse cheia de dinheiro para os pobres, e a casa de Bethania vazia de perfumes.”

Ao mesmo tempo ecoa em nossos corações um dos primeiros escritos do apóstolo Paulo à Igreja de Jerusalém: “Não vos esqueçais dos pobres”. Nunca nos esqueçamos que a misericórdia do Senhor, é a nossa vida, que suas obras e seus desígnios de amor não dependem de nossos méritos e vitórias, fraquezas e derrotas, mas acima de tudo é uma decisão do amor do Pai em Jesus Cristo nosso Senhor.

Obs.: Desejo de todo o coração que com a permissão do Ir. Gabriel, da Ir. Maria dos Anjos e de seus respectivos conselhos que esta carta seja lida por todos os membros do Instituto, e também aos fiéis leigos.

*Recebam a minha gratidão e minha bênção.
Pe. Roberto - Irmão Pelicano*

Anexo 2 – Carta de Irmã Maria Madalena, ocd. (divulgada em junho de 2009)

Caríssimos e amados irmãos em Cristo Jesus, este já deve ser o 5º ou 7º email que recebo com essas confusas informações, ou antes, deformações da realidade, quanto ao Pe. Roberto Lettieri, e penso que algumas VERDADES devem vir à luz, porque já chega ao absurdo algumas mentiras.

E é com a ternura de Cristo Jesus, e de nossa Mãe, que eu gostaria de responder a estes emails. Tudo o que se tem dito sobre este sacerdote, principalmente durante todo o ano de 2008, no tocante a difamá-lo, não tem fundamento nenhum; mas, infelizmente, alguns comentários de pessoas sem discernimento e sem nenhum escrúpulo têm gerado não poucas conseqüências ao Movimento e a este Sacerdote.

Posso assegurar-lhes, por estar unida a este padre, e por conversar com pessoas que estão em contato pessoalmente com ele, que o Pe. Roberto nunca apresentou nenhum problema psicológico. Isto é uma afirmação muito GRAVE E MUITO SÉRIA, a que não tem confirmação nem no comportamento dele nem em laudos médicos. É muito triste difamar um Ministro do Senhor com estas e outras acusações falsas e pesadas. Quando falam que o Pe. Roberto não está bem, ele realmente, aos olhos humanos, está tomado pela dor na alma, mas isto ainda não o tem levado ao desequilíbrio. É um homem de fé... e conhece o mistério da cruz

Outro fato: o Padre nunca deixou de celebrar a Santa Missa um só dia. Não foi suspenso das Ordens e celebra da mesmíssima forma do seu costume, TODOS OS DIAS, na capela da Bom Pastor. Os poucos filhos que participam percebem que celebra com o mesmo ardor, fervor e amor de sempre o Santo Sacrifício, com a mesma duração, como se tivesse diante de 10.000 pessoas! Muito embora nunca tenha se importado com a quantidade de pessoas presentes.

Quem o conhece sabe, que quando celebra, está todo para o Mistério e ninguém o distrai, e assim tem sido até hoje. Qual é a verdade de tudo isso?

A única “acusação” -se eu posso usar essa palavra- está em quem “levou o povo a idolatrar sua própria imagem”. Por causa disso, alguns bispos pediram que não se apresentasse em manifestações públicas. E por fim, com o desenrolar do discernimento da Igreja, na semana retrasada, D. Bruno pediu que o Conselho dos Irmãos administrasse o Instituto masculino, colocando à frente o Ir. Gabriel, por 1 ANO. Já o ramo feminino continua tendo à frente a Ir. Maria dos Anjos.

Então meus amados irmãos, não justifica dizer que o Pe. Roberto foi afastado definitivamente como

fundador. A Toca de Assis está subordinada espiritualmente ao Bispo de Londrina D. Alano. É realmente muito triste toda esta situação aos olhos humanos; mas se elevarmos um pouquinho o nosso olhar de fé, vemos que se repete mais uma vez, como ao longo da história da Mãe Igreja, a obra do Espírito Santo na vida e na alma dos fundadores. Toda atitude do Pe. Roberto tem sido obedecer em silêncio à Santa Igreja.

É doloroso ver estes filhos assim, sentindo-se como ovelhas sem pastor? Sem dúvida.

É doloroso ver que um carisma nascido em sua vida e através dela, manifestado hoje em mais de 100 casas, parece estar ameaçado? Sem dúvida.

Mas o padre, consciente e esmagado de dor com tudo isso, tem deposto tudo às Mãos da Santa Igreja e segue em silêncio, oração e obediência porque tem o Espírito Santo em si e sabe que a Obra, a Fraternidade é de Deus. Nisto, que é obra de Deus na vida do Fundador, no carisma, e na vida de suas ovelhas, nós não podemos tocar. Por que está como que, protegido por um Desígnio Maior de Deus. Não podemos tocar em um Sacerdote quando Deus o eleva à Cruz. Nós o acompanhamos; uns de longe, outros de perto; uns rindo, outros chorando; uns sabendo dos fatos, outros sem conhecimento da verdade...uns aliviando e enxugando o rosto ensangüentado, outros fazendo aumentar o peso da dor...mas nem eu nem você podemos tocar nesse Desígnio de Deus...como aqueles que acompanharam a Via Cruz de Nosso Senhor não puderam tocar ou impedir que a Sagrada Vontade se cumprisse; nem mesmo Sua Mãe, a Virgem Santa, pôde tocar e livrar Seu Amado Filho dos Desígnios de Deus.

Foi um desígnio de Deus que o Pe. Pio não celebrasse mais publicamente, porque era grande o incômodo que aquela multidão causava na capela, no convento e na cidade? Sim, certamente.

Foi um desígnio de Deus que Santa Paulina fosse afastada como fundadora da Congregação que fundou e proibida de permanecer na cidade da Casa Geral? Sim, certamente.

Foi um desígnio de Deus que Santo Afonso de Ligório fosse “expulso” pelos próprios filhos da Congregação que fundou, os Redentoristas? Sim. E não me alongarei a falar da vida daqueles a quem Deus elevou à Cruz, juntamente com Seu Filho Amado. Aqueles que dão frutos o Senhor poda para que dê mais fruto! Como são as podas da Vinha de Cristo?

A Igreja não eleva seus filhos às honras dos altares sem antes tê-los elevado às honras da Cruz. Por isso, mesmo que não entendamos, acompanhemos com reverência o que a Santa Igreja, no momento, determina. O Pe. Roberto segue o caminho que Deus já havia preparado para ele...e posso assegurar-lhes que segue de peito aberto, como um pelicano, na dor que alimenta seus filhos...Como o Mestre. Perdoem-me que já me alongo muito, mas o que gostaria de pedir-lhes, é que, verdadeiramente sigamos acompanhando os Sacerdotes apenas com orações. Que não saiam de nossos lábios julgamentos infundados daquilo que “ouvimos dizer”.

E a vocês, filhos e filhas da Pobreza e do Santíssimo Sacramento, que padecem juntamente com o seu fundador, sejam “fervorosos na oração, pacientes na tribulação, alegres na esperança” e em tudo e sempre obedientes à Santa Mãe Igreja. É Ela que nos liga ou desliga do Céu! A Mãe Igreja não os abandonará..

Se hoje eu pudesse colocar uma palavra da Escritura nos lábios do Pe. Roberto seria exatamente esta: “Julgo que Deus nos expôs, a nós, apóstolos, em último lugar, como condenados à morte: fomos dados em espetáculo ao mundo, aos anjos e aos homens. Somos loucos por causa de Cristo, vós, porém, sois prudentes em Cristo; somos fracos, vós porém, sois fortes; vós sois bem considerados, nós, porém, somos desprezados. Até o momento presente ainda sofremos fome, sede e nudez; somos maltratados, não temos morada certa e fatigamo-nos trabalhando com as próprias mãos. Somos amaldiçoados, e bendizemos; somos perseguidos, e suportamos; somos caluniados, e consolamos. Até o presente somos considerados como o lixo do mundo, a escória do universo. Não vos escrevo tais coisas para vos envergonhar, mas para vos admoestar como filhos bem-amados. Ainda que tivéssemos dez mil pedagogos em Cristo, não teríeis muitos pais, pois fui eu quem, pelo Evangelho, vos gerou em Cristo Jesus”. (1Cor 4,8-15).

Rezemos, caríssimos, pelos sacerdotes. Eles precisam muito de nossas orações..,

Caminhemos unidos na oração uns pelos outros, segurando a tocha da fé e da confiança em Deus.

*Que a Virgem Mãe nos guarde,
Com orações,*

Ir. Maria Madalena, ocd

Anexo 3 – Comunicado de Dom Bruno Gamberini, Arcebispo da Diocese de Campinas



Dom Bruno Gamberini

Arcebispo Metropolitano de Campinas - SP

Comunicado de Dom Bruno Gamberini, Arcebispo da Diocese de Campinas,

À Família Toca de Assis, aos Filhos e Filhas da Pobreza do Santíssimo Sacramento, Leigos, acolhidos, benfeitores, sacerdotes, amigos e outros interessados:

Caríssimos filhos e filhas da Igreja, venho apresentar-lhes um posicionamento sobre a situação da Fraternidade Toca de Assis e seu Fundador:

1. Os Filhos e Filhas da Pobreza do Santíssimo Sacramento, Institutos religiosos também conhecidos como Toca de Assis, é um obra meritória, nascida do coração de Jesus e que goza de pública estima e grande apoio dos Bispos do Brasil. Dão testemunho fiel da Igreja adoradora do Santíssimo Sacramento e amorosa servidora dos pobres sofredores.
2. Pe. Roberto Lettieri possui diante de Deus e dos homens, méritos inegáveis das Obras de Misericórdia, voltadas para os pobres e da difusão da adoração ao Santíssimo Sacramento, que são as colunas dessa Família Religiosa fundada por ele.
3. No início de 2009, Pe. Roberto foi afastado do cargo de Ministro Geral dos Filhos da Pobreza. Desde então, não atua no Governo do Instituto, seja em Conselho Geral, em Capítulo ou quaisquer outras formas de participação. Assumiu como novo Ministro Geral, juntamente com seu conselho, Ir. Gabriel do Verbo de Deus, missão que desempenham até os dias de hoje, no Instituto masculino. No Instituto feminino continua como Ministra Geral a Irmã Maria dos Anjos do Mistério da Cruz.
4. Pe. Roberto solicitou-me a permissão para recolhimento no eremitério franciscano do Getsêmani, em Jerusalém, local que permaneceu, por livre vontade, até final de maio de 2010, quando retornou ao Brasil. Desde então, por motivos pessoais, encontra-se em residência particular na Arquidiocese de Campinas, sendo pessoalmente por mim acompanhado.

Sendo assim, toda a Toca de Assis vem passando por um importante processo de reestruturação, onde pela graça de Deus, tem se tornado mais madura, sólida e estável. A Igreja, por meio de seus Bispos, tem dado todo o apoio necessário e tem acompanhado de perto cada passo dado. A Igreja tem reconhecido a autenticidade deste carisma e a beleza do florescer do Amor de Deus nesta Família religiosa, tão especial a seus olhos e aos de Jesus.

Apóiem a Fraternidade Toca de Assis, rezem por esta Família e auxiliem em suas necessidades!!!

Campinas-SP, 30 de julho de 2010

Dom Bruno Gamberini
Arcebispo Metropolitano de Campinas-SP

Ir. Gabriel do Verbo de Deus
Ministro Geral



Ir. Maria dos Anjos do Mistério da Cruz
Ministra Geral

CÚRIA METROPOLITANA DE CAMPINAS

Rua Irmã Serafina, 88 CEP 13026 - 066 Campinas / SP - Fones: (19) 3231 7122 / 3231 7374 / 3233 2985 Fax: (19) 3232 3285
www.arquidiocesecampinas.org.br / e-mail: dombruno@arquidiocesecampinas.org.br